

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA – UNISO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS
TECNOLÓGICOS E AMBIENTAIS**

Marcelo De Santis Ferreira

**Mapeamento do desenvolvimento de disciplinas de
empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior
(IES) na cidade de Sorocaba e Votorantim**

Sorocaba – SP

2019

MARCELO DE SANTIS FERREIRA

**Mapeamento do desenvolvimento de disciplinas de
empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES) na
cidade de Sorocaba e Votorantim**

Dissertação apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Processos Tecnológicos e Ambientais da Universidade de Sorocaba (UNISO), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Processos Tecnológicos e Ambientais.

Orientação: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta

Sorocaba

2019

Ficha Catalográfica

Ferreira, Marcelo De Santis

F442m Mapeamento do desenvolvimento de disciplinas de empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES) na cidade de Sorocaba e Votorantim / Marcelo De Santis Ferreira. – 2019.

132 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta

Dissertação (Mestrado em Processos Tecnológicos e Ambientais)
– Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.

MARCELO DE SANTIS FERREIRA

**Mapeamento do desenvolvimento de disciplinas de
empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES) na
cidade de Sorocaba e Votorantim**

Dissertação apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Processos Tecnológicos e Ambientais da Universidade de Sorocaba (UNISO), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Processos Tecnológicos e Ambientais.

Sorocaba, 22 de fevereiro de 2019.

Examinador (a)

Prof. Dr. GUILHERME BIZARRO SALVE

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – Campus Sorocaba

Examinador (a)

Prof. Dr. VIDAL DIAS DA MOTA JUNIOR

Universidade de Sorocaba – UNISO

Orientador (a)

Prof. Dr. ROGÉRIO AUGUSTO PROFETA

Universidade de Sorocaba – UNISO

Sorocaba, 22/02/2019

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Luigi, Marcela e Giulia,

À minha esposa Erika,

À minha mãe Leonice,

À minha irmã Silvia,

À minha saudosa avó,

Aos meus professores,

Aos meus amigos,

Que contribuíram para a minha formação.

"Saber não é suficiente; devemos aplicar.
Estar disposto não é o suficiente; devemos fazer."
Leonardo Da Vinci

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, por me permitir realizar este trabalho, unindo todas as condições e me dando muita força e persistência para enfrentar e superar todos os obstáculos;

À minha mãe, Leonice, pelos diversos esforços que contribuíram para minha educação, fazendo-me lembrá-los a cada conquista da minha vida. Muito obrigado!

À minha esposa, Erika, pela paciência e pela compreensão em diversos momentos nesses anos, pelo incentivo em momentos que tive vontade de desistir. Muito obrigado!

Aos meus filhos Luigi, Marcela e Giulia, que me fazem forte para que eu possa ser melhor a cada dia.

À minha irmã, Silvia, por fazer parte da minha vida e me apoiar sempre que necessário.

Ao professor Dr. Rogério Augusto Profeta, meu orientador, pela confiança depositada em mim, pela orientação e dedicação durante esses anos. Muito obrigado pelo apoio e pelos ensinamentos.

Ao professor Dr. Daniel Bertoli Gonçalves, que me auxiliou em diversos momentos na tomada de decisão do respectivo trabalho. Muito obrigado pela enorme colaboração e pelos ensinamentos.

Ao professor Dr. Marco Vinícius Chaud, que me ouviu e me indicou para o processo de seleção do referido programa de mestrado.

A todos os professores e pessoas que se dispuseram a colaborar, pois sei que o tempo de cada um é escasso, por isso, muito obrigado!

Ao amigo Ericson Zecca da Cruz, que sempre estive presente acreditando no meu trabalho mesmo que em diversos momentos estivéssemos distantes, em função do trabalho.

A Evelin, Nicole e Sheila, companheiras de trabalho que cada uma na sua área contribuíram para que o trabalho pudesse avançar da melhor forma possível.

A todos os demais que não foram citados e que contribuíram na minha formação profissional e pessoal.

A todos os meus profundos e sinceros agradecimentos.

RESUMO

A imagem da situação atual dos empreendimentos brasileiros demonstra que a economia nacional se encontra ainda em estágio inicial de desenvolvimento no que concerne à sua capacidade de gerar empreendimentos inovadores. As condições socioeconômicas, nas quais os indivíduos exercem seu potencial empreendedor, ainda representam fator limitante para o pleno exercício de sua capacidade inovadora. Portanto, o aprendizado como valor central no desempenho produtivo encontra-se modestamente difundido pela população empreendedora. Desta forma o presente trabalho procurou expor os principais conceitos de inovação, empreendedorismo, perfil empreendedor e educação empreendedora. Com base nesta contextualização buscou-se entender a realidade do que está sendo feito como educação empreendedora dentro das Instituições de Ensino Superior (IES) da Cidade de Sorocaba e Votorantim. O resultado apresentado foi que a maioria das instituições apenas formam os alunos para trabalharem em empresas já existentes, em profissões que provavelmente não existirão em pouco tempo, não sendo diferente do que acontece na grande maioria do país. São cursos que quando proporcionam algo de empreendedorismo, se apresentam apenas em disciplinas isoladas de um único semestre, em sua grande maioria. Foi feito também uma análise para se saber quais áreas de conhecimento apresentam resultados mais intensos da aplicação de disciplinas de empreendedorismo. Cabendo assim uma reflexão diante dos principais tomadores de decisão dentro das IES e do poder público de incentivar que haja não só mais disciplinas relacionadas a empreendedorismo, nos mais diversos cursos, como também transformá-la interdisciplinar, abrangendo assim todo o curso e não apenas mais um único semestre.

Palavras-Chave: Empreendedorismo, Empreendedor, Instituição de Ensino Superior (IES), Educação Empreendedora.

ABSTRACT

The image of the current situation of Brazilian enterprises shows that the national economy is still at an early stage of development in terms of its ability to generate innovative entrepreneurship. The socioeconomic conditions, in which individuals exert their entrepreneurial potential, still represent a limiting factor for the full exercise of their innovative capacity. Therefore, learning as a central value in productive performance is modestly diffused by the entrepreneurial population. In this way the present work sought to expose the main concepts of innovation, entrepreneurship, entrepreneurial profile and entrepreneurial education. Based on this contextualization we sought to understand the reality of what is being done as entrepreneurship education within the Higher Education Institutions (HEI) of the city of Sorocaba and Votorantim. The result was that most institutions only train students to work in existing companies, in professions that probably will not exist in a short time, being no different from what happens in the great majority of the country. They are courses that when they offer something of entrepreneurship, present themselves only in isolated disciplines of a single semester, the great majority. An analysis was also made to know which areas of knowledge present the most intense results of the application of entrepreneurship disciplines. It is therefore necessary to reflect before the main decision-makers within the HEI and the public power to encourage not only more disciplines related to entrepreneurship in the most diverse courses, but also to transform it into an interdisciplinary one, encompassing the whole course and not just more a single semester.

Keywords: Entrepreneurship, Entrepreneurship, Higher Education Institution (HEI), Entrepreneurial Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Atributos Individuais do Brasil	27
Figura 2 – Atividades empreendedoras	31
Figura 3 – Percentual das IES Públicas e Privadas em Sorocaba	90
Figura 4 – Percentual dos cursos nas IES (Privadas versus públicas)	91
Figura 5 – Número de disciplinas por palavra–chave.....	93
Figura 6 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS AGRÁRIAS.....	98
Figura 7 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	98
Figura 8 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS DA SAÚDE.....	99
Figura 9 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA.....	101
Figura 10 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS HUMANAS	102
Figura 11 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.....	103
Figura 12 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: ENGENHARIAS	105
Figura 13 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características Empreendedores Comuns X Empreendedores Bem-sucedidos	38
Quadro 2 – Diferenças nas atividades de Gerentes e Empreendedores	38
Quadro 3 – Características extras dos empreendedores de sucesso	41
Quadro 4 – Características componentes do perfil empreendedor	42
Quadro 5 – Assuntos relevantes para docentes e discentes	79
Quadro 6 – IES e sua classificação.....	89
Quadro 7 – Codificação das IES	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de cursos de graduação por IES	91
Tabela 2 – Quantidade de disciplinas relacionadas a empreendedorismo nas IES. .	92
Tabela 3 – Quantidade de publicações por palavras-chaves nas IES (2016-2018)..	94
Tabela 4 – Relação das disciplinas de empreendedorismo com o número de cursos.	95

LISTA DE SIGLAS E ABRAVIATURAS

ANPEI – Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FACENS – Faculdade de Engenharia de Sorocaba

FADI – Faculdade de Direito de Sorocaba

FATEC SO – Faculdade de Tecnologia de Sorocaba

FCG – Faculdade Campos Giglio

FEFISO – Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba

GEI – Global Entrepreneurship Index

GERA – Global Entrepreneurship Research Association

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

GII – Global Innovation Index

ICT – Institutos de Ciência e Tecnologia

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IES – Instituições de Ensino Superior

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

IMD - International Institute for Management Development

MEC – Ministério da Educação

MIT – *Massachusetts Institute of Technology*

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PIB – Produto Interno Bruto Nacional

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PUC RS – Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC SP – Pontifício Universidade Católica de São Paulo

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SNI – Sistema Nacional de Inovação

TAE – Atividade Empreendedora em fase inicial

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TD – Taxa de Descontinuação

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

TNE – Taxa de Negócio Estabelecido

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

UNIP – Universidade Paulista

UNISO – Universidade de Sorocaba

WCY – World Competitiveness Yearbook

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVO GERAL	5
2.1. Objetivos Específicos.....	5
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	6
3.1. Tipo de Pesquisa.....	7
3.2. Etapas do Projeto.....	8
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
4.1. Inovação.....	10
4.2. Empreendedorismo.....	18
4.3. Empreendedor	34
4.4. Instituições de Ensino Superior Empreendedora	47
5. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	86
5.1. Definição das IES da cidade de Sorocaba.....	86
5.2. Definição das disciplinas de empreendedorismo dos cursos das IES.....	87
5.3. Coleta de dados.....	88
5.4. Análise dos dados	88
5.5. Discussão dos resultados	94
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS	113

1. INTRODUÇÃO

A economia das nações está cada vez mais globalizada, sem fronteiras, gerando cada vez mais negócios por todos os continentes, os clientes estão em qualquer local do globo. A inovação vem contribuindo para este avanço na economia, pois com o surgimento de novos produtos é possível, em muitos deles, atingir um número gigante de clientes.

Com as crises dos últimos anos, o Brasil, mesmo sendo a 9ª economia mundial, vem passando por sérios problemas econômicos e políticos, agravando ainda mais os principais índices e indicadores que poderiam fazer o país decolar no desenvolvimento socioeconômico e que estão ligados diretamente com o avanço da economia.

Observando o aspecto de competitividade mundial através do Índice de Competitividade Mundial, o WCY (World Competitiveness Yearbook) do International Institute for Management Development (IMD), que avalia 63 países, o Brasil se apresenta na 61ª posição, antepenúltima posição, o que certamente contribui para um baixo desenvolvimento. O índice avalia quatro critérios: desempenho da economia, eficiência do governo, eficiência empresarial e infraestrutura. (ARRUDA, BURCHARTH e LOTT, 2018)

Analisando ainda o aspecto da competitividade, *no ranking* mundial de competitividade pelo Fórum Econômico Mundial de 2018, o Brasil se apresenta na 72ª colocação, num universo de 140 países, que considera 12 fatores competitivos: instituições; infraestrutura; adoção de tecnologia da informação e comunicação (TIC); estabilidade macroeconômica; saúde; habilidades; mercado de produtos; mercado de trabalho; sistema financeiro; tamanho do mercado; dinamismo empresarial; e capacidade de inovação. (WEFORUM, 2018)

Ao se observar o Índice Global de Empreendedorismo, Inovação e Competitividade de 2018, o GEI (*Global Entrepreneurship Index*) que avalia a situação de 137 países, nos quesitos de desenvolver e fortalecer um ecossistema de empreendedorismo de alto crescimento e alto impacto, o Brasil se apresentou na posição de 98º. O índice (GEI) leva em consideração 14 critérios na avaliação do sistema de empreendedorismo: percepção de oportunidade, habilidades startup,

aceitação de risco, *networking*, suporte cultural, motivação por oportunidade, absorção de tecnologia, capital humano, competição, inovação de produto, inovação de processo, alto crescimento, internacionalização, e risco de capital. (GEDI, 2017).

Dando sequência a análise, dentro do Índice Global de Inovação, o Global Innovation Index (GII) de 2018 o Brasil se encontra na 64ª posição dentro de um universo de 126 países. O índice busca identificar os enfoques relacionados a inovação e as possíveis ferramentas para se promover o crescimento a longo prazo, com melhoria da produtividade e da geração de empregos de qualidade. Para se ter dados para se tomar as melhores decisões, busca-se avaliar questões relacionadas a ambiente político, educação, infraestrutura e sofisticação empresarial. (INSEAD, 2018)

Estes índices apresentados mostram que não estamos numa situação muito favorável na busca pelo desenvolvimento socioeconômico, e outro indicador que reforça estes outros é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que busca avaliar o desenvolvimento das nações nos aspectos: saúde, educação e renda. Nesta avaliação o Brasil se posiciona no 79º lugar, num total de 189 países, o que mostra uma longa trajetória a ser feita pela frente. (UNPD, 2019)

Dentro deste cenário nacional Sorocaba se encontra como 22º Produto Interno Bruto Nacional (PIB) e o 10º no Estado de São Paulo, com uma geração de riqueza no valor aproximado de 31 bilhões de reais. A atividade econômica predominante é industrial e serviços para esta geração de riqueza. (IBGE, 2016)

A grande pergunta nos dias de hoje é como serão as profissões do futuro, para que possa se encaixar com as situações futuras e que assim possa se ter um desenvolvimento socioeconômico. Em uma pesquisa feita na universidade de Oxford em 2013, foram levantadas 702 profissões oficiais na previdência americana, e com a ajuda de um algoritmo criado pela própria instituição, com o objetivo de verificar a probabilidade destas mesmas profissões se automatizarem nos próximos 20 anos. O resultado foi que quase 50% das profissões tem uma chance de 70% de se automatizarem até 2050. Portanto muitas profissões passarão a não existir mais. (FREY e OSBORNE, 2013)

Com o propósito de contribuir para mudar estes índices e poder assim desenvolver resultados melhores socioeconômicos, o Parque Tecnológico de Sorocaba foi inaugurado em 04 junho de 2012, com o grande objetivo de criar um

ecossistema que propiciasse o desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação e o Empreendedorismo, com o surgimento de novas tecnologias, de novas empresas e vagas de empregos mais qualificadas.

O mercado se apresenta em constante mudança e incertezas, o emprego como conhecemos hoje pode não existir nos próximos anos, muitas profissões podem se tornar obsoletas, algo que já fez parte de vários momentos da humanidade que uma nova tecnologia surgiu.

Observando estes aspectos durante os mais de 6 anos de experiência do autor dentro do ambiente de parque tecnológico, pode-se identificar a problemática de que há necessidade de se formar melhores empreendedores, para que haja melhor surgimento de novas tecnologias, novas empresas iniciantes, e conseqüentemente novos empregos para o atendimento desta nova demanda.

Dessa maneira, torna-se relevante conhecer a realidade da cidade de Sorocaba e as características do empreendedor nacional para planejar o resultado gerado por esse processo de mudança.

A situação do empreendedorismo no Brasil, ainda é vista em estágio inicial de desenvolvimento, pois sua economia trabalha muito no empreendedorismo por necessidade e não por oportunidades, gerando poucos empreendimentos inovadores. As condições socioeconômicas são bem limitantes para que os indivíduos possam exercer em plenitude as atitudes empreendedoras. Logo, o aprendizado como principal vetor para o desempenho produtivo, apresenta-se de maneira modesta dentro da comunidade empreendedora. (PAROLIM e VOLPATO, 2008)

A importância da disseminação de uma cultura empreendedora dentro das Instituições de Ensino Superior (IES) é fundamental, já que no mercado atual há uma imensa diversificação de exigências e necessidades de formação. Desta forma, as iniciativas inovadoras dentro das IES, podem ser vistas como uma alternativa acertada e promissora para enfrentar os desafios do mundo, já que elas se apresentam como um verdadeiro diferencial para as organizações que desejam se posicionar estrategicamente no mercado. (PAROLIM e VOLPATO, 2008)

A problemática deste estudo é saber qual é o cenário do desenvolvimento e fomento de práticas de empreendedorismo inovador dentro das Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade de Sorocaba e Votorantim. Sendo assim, este trabalho visa conhecer por meio das disciplinas e das publicações o que está sendo feito pelas IES.

O presente estudo justifica-se por apresentar uma síntese das pesquisas sobre o assunto, que pode incentivar outros pesquisadores a aprofundar o mesmo. Além disso, o estudo visa contribuir com a identificação de diversos aspectos, tais como: IES mais envolvida com o tema, entre outras variáveis de análise e, sobretudo, lacunas teóricas que podem indicar rumos para futuras pesquisas.

Desta forma busca-se dentro do trabalho, identificar o número de disciplinas que vem sendo ofertada para que possa ser criada uma cultura de empreendedorismo inovador.

2. OBJETIVO GERAL

Analisar se há prática de empreendedorismo nos programas dos cursos promovidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) de Sorocaba e se estendendo para Votorantim.

2.1. Objetivos Específicos

- Mapear as disciplinas de empreendedorismos e a ela correlatas desenvolvidas pelas IES de Sorocaba e Votorantim;
- Mapear as publicações nos periódicos sobre o tema empreendedorismos e correlatos desenvolvidos pelas IES de Sorocaba e Votorantim;
- Analisar as variáveis da aplicação da disciplina de empreendedorismo dentro das IES, bem como seus limitadores e entraves; e
- Propor vetores de fomento e fortalecimento do empreendedorismo para as IES da região de Sorocaba e Votorantim.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Na busca para se atingir respostas aos objetivos desta pesquisa houve a necessidade de se estabelecer uma determinada metodologia. Isto significou definir um conjunto de processos determinados na busca de informações para a demonstração dos fatos no estudo do problema (CERVO e BERVIAN, 2002).

O método auxilia os pesquisadores a obterem informações válidas e verdadeiras de forma mais segura e econômica, pois se estabelece o caminho a ser seguido, identificando possíveis desvios e erros. Isto tudo se estabelece pela sistemática e racionalidade do conjunto de atividades de se compõem o método adotado (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A metodologia científica trilha o caminho da indagação e do questionamento sistemático e metódico. Dentro deste contexto a pesquisa deve-se preocupar com o que é e não com o que se imagina que deva ser. Diante disto não é mais aceitável o improvisado, há a necessidade de se basear em técnicas, obter precisão, trabalhar com previsão e com planejamento. (CERVO e BERVIAN, 2002)

Portanto, método não é uma receita ou equação matemática que se desenvolvida, obterá sem erro algum, os resultados planejados ou determinados, não é um processo milagroso. O método é apenas um instrumento de trabalho e deve ser utilizado da melhor maneira possível, com forte disciplina, adaptando todos os esforços, com a seleção dos melhores meios e dos processos mais pertinentes na busca dos objetivos a serem estudados, para aí sim se identificar os fatos do objetivo da pesquisa, e a interpretação depender exclusivamente do pesquisador. (CERVO e BERVIAN, 2002).

Neste capítulo, será apresentada as características da metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa proposta, de acordo com os objetivos específicos apresentado nos capítulos anteriores. A pesquisa procurou ser investigação meticulosa com uma análise crítica e extenuante na procura averiguar fatos e acontecimentos. A seguir revermos as diversas classificações da pesquisa e da metodologia. (MARCONI e LAKATOS, 2007)

3.1. Tipo de Pesquisa

O trabalho desenvolvido procurou adotar a forma de pesquisa mais apropriadas para o entendimento da problemática levantada e será descrito a seguir.

Começa com pesquisa Bibliográfica pois estabelece como primeiro passo detalhar o tema principal do trabalho a partir de referências teóricas já publicadas, buscando analisar as contribuições científicas já existentes. Com esta pesquisa busca-se recolher o maior número de informações e conhecimentos prévios a respeito do assunto. (CERVO e BERVIAN, 2002)

Em um segundo momento adotou-se a Pesquisa de Campo, para obter as informações e/ou conhecimentos sobre o problema, objetivando uma resposta ou mesmo a identificação de novos fenômenos e as relações que possam existir dentro do estudo do problema. Na coleta dos dados para esta pesquisa buscou-se proporcionar forte observação dos fatos e fenômenos que poderiam ocorrer espontaneamente para que fosse feita uma análise mais precisa do resultado. (LAKATOS e MARCONI, 2003)

O presente trabalho adota também a pesquisa Descritiva, pois estabelece a observação, o registro, a análise e correlação dos principais aspectos, fatos e fenômenos dentro da proposta da pesquisa sem que haja qualquer tipo de manipulação. Busca-se aprofundar com a máxima exatidão a investigação, ao ponto de verificar as frequências, as relações e as conexões com que determinados fenômenos podem acontecer com aspectos do fenômeno em estudo. (CERVO e BERVIAN, 2002).

A exposição das características do fenômeno em estudo é objetivo primordial da pesquisa descritiva, pode-se citar como exemplo o levantamento da situação de um determinado ambiente. Dentre as características mais significantes desta pesquisa é a utilização de ferramentas padronizadas para a coleta de dados, como o uso de questionários e observações sistemáticas (GIL, 2002).

A pesquisa Descrita pode-se desmembrar em diversos formatos e para este trabalho foi adotado a pesquisa através de Levantamento, pois o mesmo se define como uma pesquisa para examinar aspectos variados de determinados grupos ou comunidades através de interrogações. Quando se obtém informações de todos participantes do universo pesquisado, se estabelece um censo, o que muitas vezes

se torna inviável e caro o trabalho. Na maioria das vezes, são feitos a coleta de dados através de uma amostragem tornando mais viável o trabalho (GIL, 2002)

Para se obter dados e poder chegar a algum resultado a pesquisa utilizou-se de técnicas para a coleta de dados e registros, juntamente com a determinação da amostragem, buscando-se o máximo representatividade e de maneira suficiente para apoiar as conclusões. As principais técnicas utilizadas na pesquisa foram a Entrevista e o questionário e que serão detalhados mais adiante, juntamente com a determinação do tamanho da amostra (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A pesquisa apresentou uma característica combinada com a utilização de abordagem quantitativa e qualitativa, pois se entende que a combinação das abordagens complementaria as concepções dos métodos científicos para este caso em si, possibilitando um entendimento melhor dos problemas levantados na pesquisa (MIGUEL, 2010).

Portanto a pesquisa é considerada descritiva, pois apresentou um mapeamento das disciplinas de empreendedorismo inovador oriundos das IES da cidade de Sorocaba. Quanto aos procedimentos adotados para a descrição dos dados que serão coletados a pesquisa tem abordagem qualitativa. O estudo será longitudinal, já que visa analisar o que vem sendo difundido pelas IES da cidade de Sorocaba incorporando também as IES da cidade de Votorantim, das disciplinas de empreendedorismo inovador. A pesquisa terá o recorte temporal dos últimos 3 anos.

3.2. Etapas do Projeto

A delimitação da investigação da pesquisa é um fator de extrema importância para os resultados a serem alcançados, não podendo se estudar um universo muito grande. Pode-se delimitar com questão relacionadas: ao assunto, selecionando um assunto, afim de impedir que se torne o assunto muito extenso ou muito complexo; à extensão, pois não se pode envolver todo o âmbito do assunto em estudo; a outros tipos de fatores, meios humanos, econômicos e de insuficiência de tempo, podendo restringir o campo de ação (MARCONI e LAKATOS, 2007)

Considerando-se as definições apresentadas acima, o trabalho presente teve como finalidade realizar um levantamento da compreensão da educação empreendedora dentro dos cursos das Instituições de Ensino Superior da cidade de

Sorocaba, possibilitando posteriormente uma análise dos dados coletados que culminou na elaboração de um modelo para o desenvolvimento do empreendedorismo já dentro dos cursos de graduação, possibilitando assim uma maior interação com o ecossistema do Parque Tecnológico de Sorocaba (PTS), principalmente com a Incubadora do parque.

Para facilitar o trabalho do pesquisador é determinante usar uma abordagem mais focada, imprimindo uma ordem lógica do trabalho, para isto é importante a elaboração de um esquema. Para que as etapas da pesquisa se desenvolvam normalmente, tudo deve ser bem estudado e planejado (MARCONI e LAKATOS, 2007).

Portanto, para melhor acompanhamento do trabalho e a exploração dos dados o mesmo foi subdividido em etapas de desenvolvimento, são elas: a) definição das IES da cidade de Sorocaba; b) definição das disciplinas de empreendedorismo ou correlatas dos cursos das IES; c) coletar dados; d) analisar dados e; e) gerar relatório. (MIGUEL, 2010).

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Os fundamentos teóricos que dão base para a presente pesquisa envolvem os temas: inovação, empreendedorismo, o empreendedor e o seu desenvolvimento a partir das instituições de Ensino Superior (IES). Na sequência será apresentado os conceitos centrais, bem como o estado da arte.

4.1. Inovação

Inovação, segundo Schumpeter (1997) é fazer as coisas diferentemente dentro do universo da vida econômica. Há uma grande diferença do que realmente é definido como invenção e inovação, já que a primeira se relaciona a geração de conhecimento e a segunda, a realização da invenção em novos produtos ou processos que se comercializam.

Em Jungmann (2010), verifica-se que criatividade tem por princípio o processo mental para geração de novas ideias, então, define-se que invenção é algo novo criado ou imaginado no campo da ciência, da tecnologia e das artes; ou seja, é a concretização das ideias. Por outro lado, inovação é transformar ideias em valor, agregação de valor através da incorporação de novos atributos aos produtos e/ou às atividades produtivas, sendo o mercado a força motriz – o que é um imperativo da concorrência.

E, inovação, segundo o Manual de Oslo, é implementar um novo ou significativamente melhorado produto (bem ou serviço), processo, método de marketing ou método organizacional nos métodos de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas. Logo, toda inovação deve apresentar alguma parcela de novidade, quer seja para a empresa, para o mercado e para o mundo. Portanto, um requisito mínimo para se defini-la, em qualquer propósito a ser aplicado, é que as empresas sejam as pioneiras nos seus propósitos e que de fato a programem. (OCDE, 2005)

Conforme a Lei da Inovação, Lei Federal nº 10.973 (BRASIL, 2004), inovação é a introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social que resulte em novos produtos, bens ou serviços e nos processos. Completando a definição, a Lei Federal nº 11.196 (BRASIL, 2006), mais conhecida

como Lei do Bem, inovação tecnológica é a concepção de novo produto ou processo de fabricação, bem como a agregação de novas funcionalidades ou características ao produto ou processo, que implique melhorias incrementais e um efetivo ganho de qualidade ou produtividade, resultando numa maior competitividade no mercado.

Em Fagerberg (2003), inovação é, por princípio, um fenômeno sistêmico, uma vez que resulta da interação contínua entre diferentes atores e suas respectivas organizações. Contudo, para Póvoa (2008), dificilmente as empresas, na sua grande maioria, inovam de forma isolada, sem a contribuição de outras organizações da economia ou da sociedade. O desenvolvimento de novos produtos, novos processos, envolve muitas vezes a participação de fornecedores, informações dos usuários, das universidades, dos institutos de pesquisa e até mesmo de concorrentes.

Portanto, inovação é a tentativa de experimentar produtos novos ou melhorados, novos processos ou formas de fazer as coisas. É um aspecto que, na maior parte, relaciona-se com todas as atividades econômicas, inclui não apenas tecnologicamente novos produtos e processos, mas também melhorias em áreas como distribuição, logística e marketing. Mesmo nos chamados setores de baixa tecnologia, pode haver uma grande quantidade de inovação acontecendo, assim, os efeitos econômicos podem ser incrementados. Embora muitos dos resultados sejam menos expressivos do que avanços célebres, no mundo da alta tecnologia, não há razão para acreditar que o seu impacto acumulado socioeconômico seja menor. Logo, nessa perspectiva apresentada, a inovação torna-se tão importante para os países em desenvolvimento como para a parte rica do mundo. (FAGERBERG, 2006)

Quanto ao processo de desenvolvimento, as inovações podem se apresentar em dois tipos de situações dentro das empresas:

Inovação fechada – os melhores colaboradores da área se encontram na empresa; para trazer retorno com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), a empresa precisa descobrir, desenvolver e fornecer resultados; a descoberta é da empresa e sempre será lançada antes ao mercado, já que há necessidade de controle de patentes para que os concorrentes não se beneficiem com as ideias da empresa (ANPEI, 2012).

Inovação aberta – nem todos os melhores colaboradores se encontram na empresa, com isto há necessidade de auxílio externo. A P&D externa cria valor significativo e a interna conquista parte desse valor; não há necessidade de gerar a pesquisa para poder lucrar, existem modelos melhores e mais úteis que chegam ao

mercado primeiro, então, o melhor uso de ideias internas e externas trará o sucesso da empresa: gerar processos para a utilização de terceiros das patentes geradas na empresa, além da compra delas sempre que necessário, para aperfeiçoar o produto (ANPEI, 2012).

Todavia, Schumpeter (1997) argumenta que o desenvolvimento econômico é governado pela inovação, através de um processo dinâmico pelo qual as novas tecnologias suprem as antigas, um processo determinado por ele de "destruição criadora". Há inovações caracterizadas como radicais que causam rupturas mais intensas, e inovações que são determinadas como incrementais, que dão continuidade ao processo de mudança.

Diante desta caracterização, Schumpeter (1997) estabeleceu cinco tipos de inovação:

- Introdução de novos produtos – introdução de um novo bem ou serviço não familiar ao mercado;
- Introdução de novos métodos de produção – método ainda não experimentado dentro de certa área produtiva - não derivado, obrigatoriamente, de qualquer descoberta científica;
- Abertura de novos mercados – abertura de um mercado no qual o produto de determinada empresa ainda não teve acesso antes, independente de esse mercado ter anteriormente existido ou não;
- Desenvolvimento de novas fontes provedoras de matérias-primas e outros insumos – descoberta de nova fonte de matéria prima ou de produtos semiacabados, independente desta fonte ter existido ou não;
- Criação de novas estruturas de mercado na indústria – reorganização de uma empresa qualquer, como a criação ou a ruptura de uma posição.

Porém, para Tidd, Bessant e Pavitt (2005), inovação está relacionada às mudanças e faz uma abordagem com quatro tipos, chamando de os “4Ps” da inovação:

- Inovação de produto – mudanças nos produtos que uma empresa oferece;
- Inovação de processo – mudanças na forma em que os produtos são criados e entregues;
- Inovação de posição – mudanças no contexto em que os produtos são introduzidos;

- Inovação de paradigma – mudanças nos modelos mentais subjacentes que orientam o que a empresa faz.

E, segundo o Manual de Oslo, OCDE (2005), uma empresa pode realizar vários tipos de mudanças em seus métodos de trabalho, desenvolvendo melhores fatores de produção, otimizando os diversos tipos de resultados que aumentam a produtividade e seu desempenho comercial. A seguir os quatro tipos de inovação definido pelo manual:

- Inovação de produto – é a geração de um bem ou serviço novo, expressivamente melhorado, que se refere a suas propriedades ou usos antevistos e, assim, incluem-se melhoramentos significativos em especificações técnicas, componentes, softwares incorporados, facilidade de uso ou outras características funcionais. Então, as inovações podem utilizar novos conhecimentos ou tecnologias; podem basear-se em novos usos ou combinações para conhecimentos ou tecnologias existentes, e, ainda, incluem a introdução de novos bens e serviços, e benfeitorias significativas nas características funcionais ou de uso dos bens e serviços existentes;
- Inovação de processo – é a geração de um novo método de produção ou distribuição ou substancialmente melhorado. Abrange as mudanças significativas em técnicas, equipamentos e softwares. Elas visam reduzir custos de produção ou de distribuição, melhorar a qualidade, produzir ou distribuir produtos novos ou significativamente melhorados e incluem métodos novos ou expressivamente melhorados para a criação e a provisão de serviços, até podem envolver mudanças substanciais nos equipamentos e nos softwares utilizados;
- Inovação de marketing – é a geração de um novo método de marketing com mudanças significativas na concepção ou design do produto, na embalagem, no posicionamento do produto, na sua promoção ou na fixação de preços, já nos instrumentos de marketing de uma empresa, é a implementação de um método de marketing que não tenha sido utilizado previamente. Isso deve fazer parte de um novo conceito ou estratégia de marketing, que representa um distanciamento substancial dos métodos de marketing existentes na empresa;

- Inovação organizacional – é a geração de um novo método organizacional nos negócios da empresa, na organização do local de trabalho e nas relações externas. Elas têm foco na melhoria do desempenho por meio da redução de custos administrativos, custos de transação, provocando a satisfação no local de trabalho e, em decorrência, aumentar a produtividade, reduzindo os custos de utilização dos recursos. Os aspectos característicos da inovação organizacional, em comparação a outras mudanças, é a geração de um método inédito na empresa e que seja o resultado de decisões estratégicas tomadas pela alta administração (OCDE, 2005).

Portanto, para OCDE (2005), as inovações de produto e de processo relacionam-se estreitamente com os conceitos de inovação tecnológica, já as de marketing e as organizacionais ampliam o conjunto e estão mais relacionadas aos serviços.

Uma abordagem vista por Rocha (2007) é a questão da inovação social, definida como a geração de um novo modelo para atender as necessidades sociais, em respeito à desigualdade e à integração humana, que pode contribuir para a busca da igualdade na sociedade. É basicamente entendida como a utilização de tecnologias que possa promover a inclusão social, a geração de trabalho e renda ou melhoras nas condições de vida.

Já em Bignetti (2011), inovação social é definida pelo resultado do conhecimento aplicado às necessidades sociais com a participação e a colaboração de todos os envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades e a sociedade de uma forma geral. Ela surge para buscar alternativas viáveis para o futuro da sociedade humana.

Entretanto, um aspecto importante para Póvoa (2008), no processo de inovação de uma maneira geral, é entender o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos Institutos de Ciência e Tecnologia (ICT) dentro do Sistema Nacional de Inovação (SNI), que pode ser definido como um conjunto de instituições, agentes, mecanismos e organismos de um país ou região, que colaboram para a criação, desenvolvimento e difusão das inovações. É a importância para o avanço tecnológico não está apenas na sua existência e na sua composição, mas, principalmente na forte interação e sinergia entre seus componentes, permitindo uma atuação coerente.

Assim, a ciência influencia o surgimento das inovações tecnológicas, portanto as IES bem como os ICT possuem papel determinante no sistema nacional de inovação, pois atuam como formadores de cientistas e engenheiros, cujas fontes de conhecimentos científicos e de pesquisas fornecem técnicas úteis para o desenvolvimento tecnológico. A complexidade desta relação fica mais presente ao se considerar que essa relação não possui apenas um sentido de causalidade, pois a tecnologia também exerce forte influência na pesquisa científica (PÓVOA, 2008).

Logo, as atividades de inovação se apresentam em um conjunto de etapas científicas, tecnológicas, organizativas, financeiras e comerciais, incluindo os investimentos em novos conhecimentos, que buscam a implementação de produtos e processos novos ou melhorados ao mercado (OECD, 2002).

Todavia, a inovação não é um modelo linear, conforme já foi empregado para caracterizar determinada situação, pois se apresentou uma visão errônea sobre o sistema, que se baseava na suposição de que a mesma fosse uma ciência aplicada e que se apresentava em um conjunto bem definido de estágios- a pesquisa ou ciência em primeiro lugar, seguido pelo desenvolvimento, à produção final e comercialização- para sua realização (FAGERBERG, 2003).

Para Fagerberg (2003), os problemas com este modelo se apresentam em duas questões:

- A primeira generaliza uma cadeia de causalidades, que só vale para uma parcela mínima das inovações, embora algumas inovações importantes resultassem de descobertas científicas, não sendo verdadeira na maioria das vezes dentro dos sistemas de inovação. As empresas normalmente inovam por acreditar que há uma necessidade comercial para isso, geralmente começam por analisar e combinar o conhecimento já existente, e caso este caminho não funcione, é que se considera o investimento na ciência.
- Em segundo lugar, o modelo linear ignora os feedbacks e os diversos vínculos que ocorrem entre as diversas e diferentes etapas do processo, cujas lacunas e as falhas, que ocorrem em várias fases, podem conduzir a uma reconsideração de passos anteriores, o que pode, eventualmente, levar às inovações totalmente novas (FAGERBERG, 2003).

Assim, a inovação não precisa ser desenvolvida internamente na empresa, pode ser adquirida através de outras organizações ou instituições por meio do processo de difusão. A difusão é o meio pelo qual as inovações se espalham, a partir da primeira introdução para diferentes consumidores, mercados, empresas, setores, regiões e países, e sem essa propagação, não há o impacto econômico (OCDE, 2005).

Entretanto, para Barbosa (2011), a inovação na teoria econômica vem sendo discutida a pelo menos um século, e como fruto dessa discussão, houve a criação de uma estrutura teórica que se propõe a explicar a dinâmica de geração das tecnologias. Apesar das diferentes concepções a respeito dos determinantes da inovação, considera-se que a geração de tecnologias seja um processo dinâmico e complexo que acontece em um ambiente de constante interação, entre os diversos agentes que o compõe.

Portanto, a adoção de inovações é importante para o sistema em seu conjunto, pois se cria um fluxo de conhecimentos por parte das empresas que adotam tal sistemática. O processo de aprendizado criado pela adoção de uma inovação leva a desenvolvimentos posteriores, para melhorar o que já foi aplicado em questões de novidade e outros desenvolvimentos de novos produtos e processos. Cabe deixar evidenciado que o principal impacto da inovação na atividade econômica, provém da difusão de inovações iniciais por outras empresas. Essa difusão é apreendida pelo tratamento das mesmas que são originais para a empresa (OCDE, 2005).

Por isso, a inovação se apresenta como fator importante para o emprego, porque a introdução de novos produtos é comumente reconhecida por ter um efeito claramente positivo. Mas, tem-se argumentado que a inovação de processo, devido à sua natureza de redução de custos, também pode mexer em postos de trabalho. Para muitos economistas, a argumentação sobre a economia de custos, na defesa de uma inovação de processo, pode, em uma empresa ou indústria, por necessidade, gerar renda adicional e demanda na economia em geral. Então, compensa-se qualquer inicial efeito negativo de uma inovação de processo sobre o emprego total (FAGERBERG, 2006).

A inovação, por sua vez é o processo pelo qual empreendedores se tornam o centro propulsor da economia, exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou um serviço diferente. (DRUCKER, 2016)

Síntese do subtema Inovação

Inovação é fazer algo diferente, algo que agregue valor dentro do contexto econômico, seja um novo produto, um novo processo, uma nova forma de marketing ou mesmo uma nova forma de gestão.

Inovação pode se apresentar de duas formas, fechada ou aberta. Na primeira situação, os melhores profissionais de uma determinada área se encontram dentro da empresa que quer desenvolver uma determinada tecnologia. Já na segunda situação, os melhores não se encontram dentro da empresa e há a necessidade de interação externa, para que haja o desenvolvimento da tecnologia idealizada para a empresa.

Há ainda uma outra forma de visualizar as inovações, aquelas que são apenas incrementais, que apenas melhoram uma parte do produto ou aquelas que são consideradas radicais que causam uma disrupção aos produtos existentes.

A inovação pode ser desenvolvida em um conjunto de atividades científicas, tecnológicas, organizativas, financeiras e comerciais, mas não significa que se processe de forma linear cada um deles.

A inovação é um dos fatores mais importantes para a geração de novos empregos, pois com o lançamento de novos produtos no mercado a economia aquece, gerando-se mais riqueza para o local onde se desenvolve a inovação. Mesmo que a inovação já em processo, o que a princípio se teria como resultado a otimização do mesmo, podendo neste tipo ter a possibilidade de redução de postos de trabalho, sempre se gerará novos postos de trabalhos com o avanço da tecnologia.

Uma característica importante dentro do processo de inovação é entender qual o verdadeiro papel das Instituições de Ensino Superior, quais são os principais mecanismos e ferramentas dentro destas instituições que corroboram para o avanço da inovação. São os principais formadores de profissionais para que haja a inovação, e com suas habilidades e técnicas podem criar desenvolvimento tecnológico.

A inovação faz com que surjam empreendedores que buscam a mudança como grande processo de oportunidades e desta forma alavancam a economia.

Portanto o desenvolvimento econômico é conduzido pela inovação, através de um processo dinâmico para o surgimento de novos produtos.

4.2. Empreendedorismo

A universidade de Harvard trata de empreendedorismo, com suas linhas de pesquisa e estudo específicos, desde 1946, e define o termo como a busca por oportunidades e uma forma de gerenciar recursos tangíveis e fortemente controlados, mais do que uma função econômica ou uma característica humana. Já no Brasil, o empreendedorismo-propagado no final dos anos 90 dentro de diversas Instituições, juntamente com o apoio de diversas Instituições Governamentais e não Governamentais na busca pelo fortalecimento do empreendedorismo- é uma área do conhecimento. (FERNANDES, OLIVEIRA e SILVA, 2015)

Então, empreendedorismo vem se tornando, a cada dia, assunto de destaque nos principais centros econômicos desenvolvidos e em desenvolvimento, como uma parcela essencial e primordial para o avanço e o crescimento da economia. Como destaque, a aprendizagem de se pensar e de se fazer de formas diferentes, já que cada um pode proporcionar uma maneira melhor de executar, tornando-se mais empreendedor e contribuindo para o desenvolvimento da economia. (FILION, 2003)

Portanto, empreendedorismo vem se tornando assunto de destaque muito além de governos nacionais, atraindo o interesse de diversas companhias mundiais nos principais centros econômicos como Europa, Estados Unidos e Ásia. Mais um motivo que evidencia que o poder econômico das nações se estabelece com os seus futuros empresários e da competitividade dos modelos de negócios. (DORNELAS, 2017)

Como exemplo de um grande centro de empreendedorismo, os Estados Unidos, possuem um compromisso nacional com o avanço e o progresso, apresenta centenas de dispositivos locais, agrupando as instituições governamentais e privadas na busca por maior engajamento e apoio ao empreendedorismo e se apresentando como modelo para diversos outros países que buscam incrementar suas atividades de empreendedorismo e desenvolvimento econômico (DORNELAS, 2017)

Então, para Dornelas (2017), o frenético movimento empresarial e um intenso crescimento econômico, acrescidos de baixos índices de desemprego e inflação, mostram que o empreendedorismo em todos os setores, se apresenta como o principal responsável para alavancar o crescimento econômico, com a criação de novos postos de trabalho e a prosperidade. A priori, empreendedorismo vem se

transformando em uma revolução silenciosa para o século XXI ainda maior que a revolução Industrial foi para o século XX.

Também Fowler (2010) considera empreendedorismo originado do termo em inglês “*entrepreneurship*” e que no ambiente educacional a maneira mais apropriada para se definir o referido termo é que um indivíduo possua diversos atributos e habilidades para se criar e gerenciar um negócio.

Bedê (2010) afirma, empreendedorismo é um processo que apresenta diversas mudanças, é um fenômeno dinâmico gerando escolhas.

Filion (2003) coloca que, além disso, empreendedorismo não se trata apenas de uma disciplina acadêmica e sim um campo de estudo com domínio específico, sem paradigmas definidos ou mesmo um consenso científico. Empreendedorismo se configura através de um conjunto de práticas capazes de proporcionar a criação de riqueza e um melhor desenvolvimento e desempenho para as nações que se apropriam dele.

Ainda para Filion (2003), empreendedorismo se apresenta como um acontecimento social e se revela nas principais atividades a partir de um consenso de seus principais valores. E este desenvolvimento para este empreendedorismo só se realiza com o movimento intenso de seus líderes políticos, desde que estejam focados no desenvolvimento e na valorização dos indivíduos e que estejam dispostos a buscar uma divisão das riquezas geradas pelos empreendedores. Para que o empreendedorismo possa se desenvolver com maior vigor é necessário que haja um conjunto de atores da sociedade comprometidos a criar um ambiente propício para o desenvolvimento do empreendedorismo.

Portanto, Filion (2003) afirma que o empreendedorismo relaciona geralmente aos aspectos de iniciativa, desembaraço e inovação, ou seja, a busca constante por fazer produtos novos e/ou de forma diferente, juntamente associado à capacidade de assumir riscos.

Contudo, basear-se única e exclusivamente em conhecimento não é uma das características de sucesso para o empreendedorismo, mas também na busca por saberes em se fazer, ser, evoluir e viver de forma harmoniosa consigo mesmo e com os envolvidos na jornada do empreendedorismo. Essa compreensão influencia diretamente no desenvolvimento dos novos negócios. Portanto, o que acontece em sua grande maioria, é dar foco apenas nas questões do conhecimento alocadas nas formas de gestão, tais como: marketing, operação, financeiro e contabilidade,

dificultando a interpretação correta das necessidades. Dessa forma, as questões ligadas ao ser devem também ser desenvolvidas de maneira mais intensa na busca de um melhor desenvolvimento do empreendedorismo a posteriori. (FILION, 2003)

Então, empreendedorismo se apresenta como importante ferramenta para estabelecimento de novos negócios e para o desenvolvimento das regiões e dos países, porém muitos ainda se enquadram apenas no empreendedorismo por necessidade, pois resultados mais expressivos ficam na eminência de atitudes empreendedoras buscarem e encontrarem oportunidades lucrativas. Para isso há a necessidade de atitudes empreendedoras mais contundentes, principalmente com a criação de novos produtos e/ou processos com a entrada em novos mercados ou não, através da criação de novas empresas ou mesmo dentro das mesmas já estabelecidas. (HISRICH, PETERS e SHEPHER, 2008)

Conseqüentemente em Martins, Fiates, et al. (2014), empreendedorismo se define a partir da concepção de uma ideia inovadora, com viabilidade e que apresente um diferencial no mercado. Nessa perspectiva, todo empreendedorismo é inovador por sua essência.

Em Rocha e Bacchi (2010), empreendedorismo é considerado um fenômeno ligado diretamente à economia, juntamente com um aspecto comportamental, que se traduz com uma das formas de se obter lucros, aproveitando as oportunidades que se encontram nos ambientes, e assumindo os riscos atrelados as decisões tomadas para o desenvolvimento das mesmas. O empreendedorismo vai muito além da economia, envolve muito fortemente a criação, o desenvolvimento e o gerenciamento de negócios.

Embora o empreendedorismo não seja uma característica de personalidade, vários pesquisadores encontraram tais características associadas a indivíduos criativos, que devido a necessidade de mudanças, criam muita confusão à sua volta, previsivelmente perturbadora para aqueles que o ajudam em seus projetos (SCHUMPETER, 1997); (FILION, 2003); (HISRICH e PETERS, 2004).

Contudo, Schumpeter (1997), que foi o principal influenciador no desenvolvimento da teoria e prática do empreendedorismo, descreve que a máquina propulsora do desenvolvimento econômico é a inovação e que trazida pelo empreendedorismo permite ao sistema econômico renovar-se e progredir constantemente. Portanto, **“...sem inovação, não há empreendedores, sem**

investimentos empreendedores, não há retorno de capital e o capitalismo não se propulsiona”.

Schumpeter (1997) afirma que existem quatro fontes de motivação que potencializa a prática do empreendedorismo. São elas:

- Empreendedorismo por necessidade. É quando as pessoas não têm liberdade, entendida como capacidades mínimas de inserção na economia, e passam a viver em condições pré-capitalistas, praticando atividades de subsistência, o escambo ou a pirataria;
- Empreendedorismo por vocação. É quando há liberdade de acesso às oportunidades do mercado. Quer dizer, é quando o acesso a oportunidades desenvolve o instinto empreendedor das pessoas, ou seja, a especialidade em saber identificar possibilidades e calcular os riscos do negócio;
- Empreendedorismo inercial. É quando o ambiente institucional é frágil e as empresas prosperam com base nas relações interpessoais de seus dirigentes. São, em geral, os negócios que passam de pai para filho independentemente de capacidade empresarial. Nesse caso, o ambiente legal cria estruturas tributárias privilegiadas e mercados preferenciais que viabilizam o sucesso do empreendimento, mesmo quando não existe um espírito empreendedor, mas sim uma boa essência do negócio que favorece o empreendimento;
- Empreendedorismo pelo conhecimento. Eis a forma de empreender do futuro, porque somente o conhecimento une o instinto empreendedor ao cerne do negócio no ambiente empresarial.

Entretanto, empreendedorismo se apresenta de duas formas a primeira, por necessidade: o indivíduo por falta de opção, por estar desempregado e não possuir alternativas, ou mesmo, para poder adicionar receita a sua renda busca se aventurar em uma atividade empreendedora. Já a segunda, é por oportunidade, no qual o indivíduo identifica uma lacuna no mercado em que deseja atuar, visualiza todos os objetivos necessários para se estabelecer um negócio e se busca atingi-los, e para isso apresenta, de forma bem estruturada, todos os indicadores necessários para que a empresa apresente lucros, empregos e riqueza. Essa última forma de empreendedorismo está totalmente correlacionada ao desenvolvimento econômico. (DORNELAS, 2017)

Portanto, o empreendedorismo por necessidade se estabelece como única opção quando o indivíduo não possui alternativa de emprego ou mesmo competência para desenvolver o empreendedorismo por oportunidades. O mesmo se caracteriza por trabalhar mais e ganhar pouco, menos ainda se fosse empregado, então, eis um dos fatores determinantes de um fracasso. Todavia, alguns empreendedores por necessidade conseguem transformar em negócios de sucesso e sustentáveis, ainda que eles sejam uma minoria. (DEGEN, 2010)

Degen (2010) ainda afirma que o empreendedorismo por necessidade é importante principalmente quando as taxas de sucesso se tornam mais altas, mas que há a necessidade de se equacionar melhor as formas de transformar o empreendedorismo por necessidade para oportunidade, contribuindo para o aumento da riqueza das sociedades.

O empreendedorismo posiciona-se como uma opção das pessoas para se estabelecerem no mercado de trabalho, o que se chama de empreendedorismo por necessidade. É necessário que haja uma mudança nesse cenário, o empreendedor precisa mudar e passar a buscar soluções inventivas e que resolvam problemas do mercado, o empreendedorismo por oportunidade. Com esta mudança de foco, ocorrerá cada vez mais a criação de novos postos de trabalho e um forte aumento das arrecadações de impostos, promovendo cada vez mais o desenvolvimento econômico local e conseqüentemente do país. (GUERRA e GRAZZIOTIN, 2010)

Contudo, o empreendedorismo brasileiro é visto por Dornelas (2008) com grande preocupação, pois grande parte dos negócios são gerados por necessidade e não por oportunidade, ou seja, são criados negócios para suprir as necessidades básicas e criar uma condição de subsistência do empreendedor e não na busca da identificação de oportunidades novas de negócios, com inovação e um diferencial para atender as necessidades do mercado. A grande maioria do empreendedorismo por necessidade é informal, sem planejamento e sem visão de futuro, gerando a falta de comprometimento com o desenvolvimento econômico, não identificam novas oportunidades e nem segmentos de mercados que podem atuar com mais propriedade. Já o empreendedorismo por oportunidade promove maior desenvolvimento econômico o que permitirá que haja mecanismos que estimulem esta atividade empreendedora, tornando o ciclo virtuoso, sempre na busca por mais inovação.

O empreendedorismo não se aplica apenas as pequenas empresas com a criação de novos negócios, mas pode ser aplicado a qualquer empresa que tenha como objetivo a busca por inovação em seus produtos e processos, promovendo um diferencial competitivo em seus produtos (bens ou serviços). Empreendedorismo está fortemente ligado em aspectos do desenvolvimento econômico das empresas e conseqüentemente dos países. (DORNELAS, 2008)

O empreendedorismo vem a cada dia que passa se transformando no verdadeiro impulsionador do desenvolvimento econômico, com a promoção e o desenvolvimento da maioria das inovações que surgem mundo a fora. Diante destes fatos, diversos países estão promovendo e apoiando iniciativas empreendedoras, por saberem que são a base deste crescimento econômico, e com a geração de novos empregos e aumento da riqueza. (DORNELAS, 2008)

Para Dornelas (2017) parte deste processo, a responsabilidade vem do papel do empreendedor que se apresenta como fundamental para uma transformação de sociedade empreendedora, no qual se exige a necessidade de aprofundamento do ensino empreendedor e se intensificar este processo. O avanço tecnológico, que acontece em intensidade gigantesca, gera a necessidade cada vez maior de empreendedores, portanto, não sendo um modismo apenas e sim uma tendência muito forte para o desenvolvimento econômico das nações. Outro fator para o fortalecimento do empreendedorismo é crescimento das concorrências, forçando novos empresários a adotarem padrões diferentes.

Portanto, Dornelas (2017) afirma que o momento é muito propício para o empreendedorismo, no que chama da “era do empreendedorismo”, pois surgem novos modelos de negócios a cada dia, com a finalidade de se criar novas relações comerciais e culturais, novas relações de trabalho, gerando novos postos de trabalho, diminuindo distâncias, globalizando soluções e revigorando os conceitos econômicos, reformulando paradigmas e assim criando riqueza para a sociedade.

Outro destaque para o empreendedorismo, é o que se chama de “a nova economia”, que é evidenciado pela era da internet, das redes sociais e dos “startups”. Diante destes dispositivos é cada vez mais evidente o surgimento de ideias inovadoras, que com o uso do conhecimento, de um bom planejamento e principalmente com a formação de uma equipe competente e motivada, adicionados a capital, no momento adequado, formam negócios promissores em um período de curto espaço de tempo. (DORNELAS, 2017)

Diante deste contexto, as Instituições de Ensino Superior (IES) vem transformando em prioridade a capacitação para o surgimento de um número cada vez maior de empreendedores com a criação de cursos e disciplinas específicas, relacionados ao empreendedorismo como uma alternativa profissional para os jovens em formação. (DORNELAS, 2017)

Portanto, Dornelas (2017) afirma que a conexão com indivíduos comprometidos e processos, leva a transformação de ideias em oportunidades, fator primordial para um empreendedorismo de qualidade com a criação de negócios promissores de sucesso. São considerados três itens para a criação de bons negócios: primeiro a criação de um modelo de negócio novo, que apresente valor, em segundo existe a necessidade de um comprometimento e esforço para o crescimento deste modelo de negócio e em terceiro é assumir riscos calculados juntamente com descrições críticas bem-feitas.

Fatores importantes e recomendados, pelo Fórum Econômico Mundial, para o desenvolvimento do empreendedorismo na formação dos futuros jovens, de tal forma que atenda às necessidades e os desafios do atual século são apresentados nas seguintes questões:

- Desenvolver habilidades de liderança;
 - Conhecimento dos principais desafios e necessidades que o mundo apresenta;
 - Estimular a educação empreendedora em todos os níveis, como fator-chave da educação tradicional;
 - Aplicar o empreendedorismo não apenas como uma disciplina, mas como uma atividade transversal;
 - Desenvolver ações de interação e experimentação para estimular cada vez mais o empreendedorismo na busca de soluções de problemas da realidade.
 - Aplicar com maior intensidade o uso das tecnologias no ensino como o objetivo de ganhar volume e ampliar o raio de atuação do tema empreendedorismo;
 - Desenvolvimento de material didático mais interativo e inovador.
- (DORNELAS, 2017)

De acordo com Guerra e Grazziotin (2010) O empreendedorismo se destaca por reunir ideias de diversas especialidades, podendo criar configurações inusitadas de áreas do conhecimento, contribuindo assim para intercâmbios extremamente férteis e criativos para o surgimento de soluções irruptivas. Então, contribui-se para esta formação de conceito, que o empreendedorismo extrapola as fronteiras da pujança corporativa, tornando sim um fator de extrema importância para diversos aspectos da vida social. Para que esses e outros aspectos sejam estabelecidos de forma mais abrangente é necessário frisar a importância da educação como principal ferramenta para este desenvolvimento, havendo para isto a necessidade de uma política de educação moderna e eficaz e que seja defendida pelas autoridades de ensino, juntamente com professores atualizados e preparados através de capacitações nos respectivos assuntos e uma infraestrutura adequada para os novos modelos de educação.

Para fechar este capítulo, será apresentado em resumo sobre dados de empreendedorismo do Brasil da publicação de um relatório mundial, que avalia diversos países, no período de 2015 a 2017. A Global Entrepreneurship Research Association (GERA) – responsável por realizar anualmente o estudo para identificar o quanto as nações têm a capacidade de detectar e gerar novas oportunidades e transformá-las em novos negócios- vem desde 1999 realizando esse levantamento de dados. Tais dados se concretizam no chamado relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM), o que significa o Indicador Global de Empreendedorismo. Nesse relatório são abordados três componentes e a interpretação dos mesmos é a contribuição para um melhor diagnóstico da força empreendedora nas mais diversas economias. A seguir serão apresentados os três componentes com apresentação dos dados e suas respectivas interpretações, com foco nos dados da realidade brasileira: (GERA, 2015); (GERA, 2016) (GERA, 2017)

Atributos individuais – aspectos importantes que dentro de um contexto específico definido pelas condições estruturais do empreendedorismo, conduzem a atividades empreendedoras de maior desempenho. As dimensões que são avaliadas para refletir as seguintes situações são:

- i. Oportunidades percebidas – refletem o percentual de indivíduos que acreditam haver possibilidade de iniciar um empreendimento nos próximos seis meses em seu ambiente;

- ii. Capacidade percebida – refletem o percentual de indivíduos que acreditam ter as habilidades, conhecimentos e experiência necessários para iniciar uma nova empresa;
- iii. O medo do fracasso - refletem o percentual de indivíduos com medo ao fracasso de fato, mas quando se trata de iniciar o próprio empreendimento, aplica-se apenas àqueles que perceberam oportunidades; intenções para o empreendedorismo;
- iv. Intenções empreendedoras – refletem o percentual de indivíduos que esperam iniciar um negócio nos próximos três anos, aqueles que já são empreendedores ativos são excluídos desta medida.

Na comparação dessas dimensões nos mais diferentes países, há a necessidade de muita contextualização, pois os indivíduos em economias diferentes provavelmente terão diferentes tipos de negócios quando expressarem suas percepções sobre oportunidades, medidas relacionadas com capacidades, medo de fracasso e intenções empresariais. (GERA, 2017)

Mas em geral, a dimensão “capacidade percebida” são maiores do que as “oportunidades percebidas”, e diminuem quanto melhor o desenvolvimento econômico, em economias impulsionadas pela inovação e empreendedorismo por oportunidades. Ainda nas dimensões “oportunidade percebida” e a “capacidade percebida” são mais baixas em economias orientadas pelo empreendedorismo por necessidade. Contudo, o baixo nível de “oportunidade percebida” em países com problemas de desenvolvimento econômico, como o Brasil, é uma informação bastante relevante para os governos, mas também para muitas outras instituições, como por exemplo, as Instituições de Ensino Superior que podem ajudar a construir uma capacidade melhor de se reconhecer as oportunidades. (GERA, 2017)

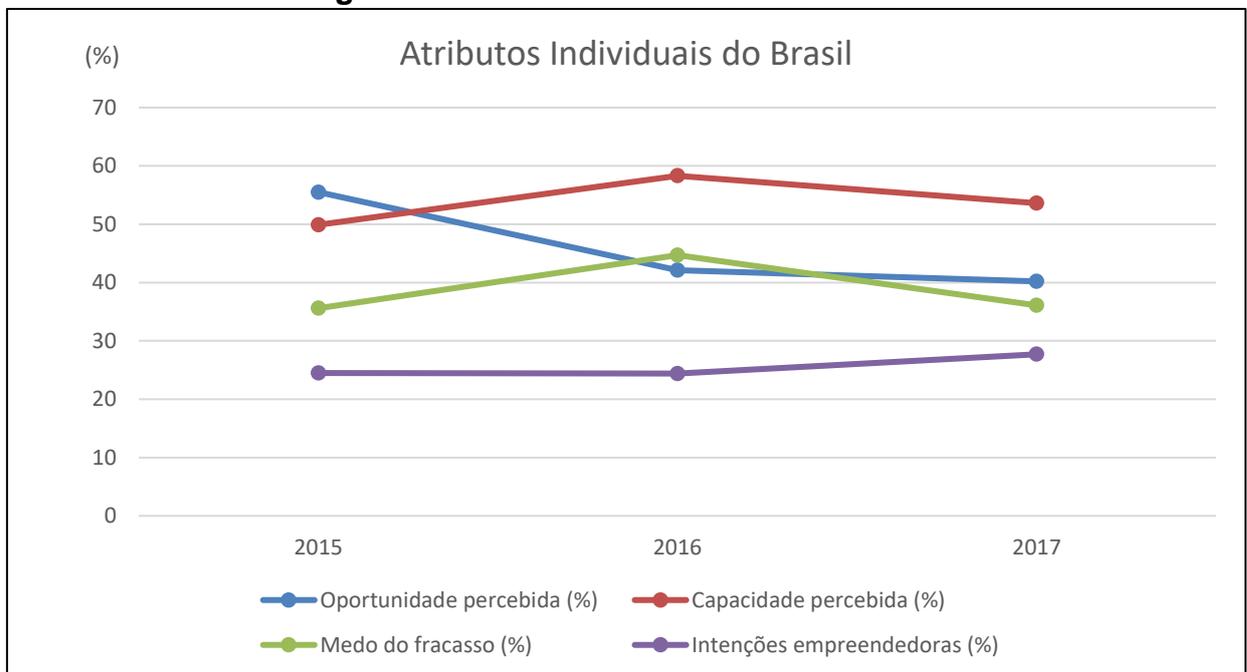
Consequentemente, a dimensão “o medo do fracasso” pode ser um forte inibidor para aproveitar as oportunidades e transformar as intenções empreendedoras em negócios. Nos países mais desenvolvidos economicamente, com empreendedorismo orientado por oportunidades, o medo do fracasso é maior do que nas economias com o empreendedorismo por necessidade. (GERA, 2017)

Para se finalizar, “as intenções empreendedoras” são mais altas entre as economias voltada para empreendedorismo de necessidade e as mais baixas entre as economias com empreendedorismo orientados por oportunidades, que confirmam

o padrão já conhecido de que iniciar um negócio próprio é dominante onde as opções para fornecer renda para viver são limitadas. (GERA, 2017)

Logo, com os conceitos das dimensões expostos para atributos individuais, pode-se apresentar e interpretar os valores diagnosticados no Brasil. Observa-se que no Brasil a “capacidade percebida” é de fato maior que a “oportunidade percebida”, mas isto acontece somente nos anos de 2015 e 2016, os dois índices são altos, o que pode comprovar que a busca pelo empreendedorismo é de fato em sua grande maioria pela necessidade, já que o país se encontra em uma economia em desenvolvimento. Portanto, ao se analisar a dimensão “medo a fracasso” ela se mantém estável, a exceção do ano de 2015, que há um crescimento, mas em 2016 se mantém muito igual a 2014, mostrando que apenas 36,1% dos indivíduos que buscam empreender tem algum tipo de medo de assumir este papel e algo dar errado. Por último, a dimensão “intenção empreendedora” vem crescendo nestes últimos anos, mas pode ser que seja pelo empreendedorismo por necessidade, já que o país passa por dificuldades econômicas e políticas (Figura 1). (GERA, 2015) (GERA, 2016) (GERA, 2017)

Figura 1– Atributos Individuais do Brasil



Fonte: Adaptado de GERA (2015), (2016), (2017)

Os valores sociais – um conceito importante e que desempenham um papel fundamental para determinar se os indivíduos estão se comportando de forma empreendedora, no qual fornece um sinal sobre como o empreendedorismo é

considerado em uma determinada economia. Então, a cultura, a história, as políticas e o ambiente empreendedor de uma sociedade e muitos outros fatores podem influenciar a sua visão em relação ao empreendedorismo, o que pode, por sua vez, afetar as ambições empreendedoras e à medida que essa atividade será apoiada. No relatório GEM, os valores sociais são avaliados através de três dimensões: (GERA, 2017)

- i. Empreendedorismo como uma boa escolha de carreira;
- ii. *Status* elevado para empreendedores bem-sucedidos;
- iii. Atenção da mídia para o empreendedorismo – se a atenção da mídia ao empreendedorismo contribui ou não para desenvolver uma cultura empreendedora no país.

Com a existência de valores sociais vinculadas ao empreendedorismo e a qualidade das condições do ambiente de empreendedorismo, fornecem suporte na construção de intenções de ambientes empreendedores. A priori, o contexto econômico das diversas economias analisadas é bastante diferente, o que também confirma que a atividade empreendedora é necessária em todos os lugares - não importa se ela decorre da necessidade ou do desejo de aproveitar as oportunidades - e que essa atividade empreendedora pode assumir uma grande variedade de formas, de auto-emprego em empreendimentos menos exigentes em relação a habilidades e outros recursos para empreendimentos baseados no conhecimento. (GERA, 2017)

Entretanto, através dos números levantados nestas três dimensões, pode-se observar que mais de dois terços da população adulta analisada (pessoas entre 18 e 64 anos), acreditam que os empreendedores estão bem-conceituados e que se pode desfrutar de um status relevante dentro de sua sociedade. Há, ainda, uma percepção importante por parte das pessoas em relação ao empreendedorismo, apesar dos índices médios moderados para a visibilidade da mídia. Outro dado importante é que cerca de 60% dos adultos, nos três grupos de desenvolvimento econômico, acreditam que os empreendedores recebem uma atenção substancial da mídia. Quando se coloca a questão da possibilidade de iniciar uma empresa com uma boa escolha de carreira o número que se apresenta chega a dois terços da população adulta nas economias orientadas pela necessidade. Em algumas economias avaliadas, as pessoas acreditam que é uma boa opção profissional o empreendedorismo, mesmo que tenha uma menor visibilidade e admiração em relação a outras economias. (GERA, 2017)

Outra característica levantada com os dados apresentados pelo Relatório GEM, está relacionado aos grupos com empreendedorismo por oportunidade ou pela inovação, que mostra que pouco mais da metade considera começar um novo negócio como uma boa escolha de carreira, o que mostra que existe outras opções mais atraentes. (GERA, 2017)

Então, ao se interpretar os números apresentados para o Brasil no ano de 2015 apenas, pois 2014 e 2016 não estão disponíveis, no relatório GEM, observa-se que 77,7% das pessoas consideram “Empreendedorismo como uma boa escolha de carreira”, juntamente com 80,1% ter um “Status elevado para empreendedores bem-sucedidos” e 69,6% ter uma “Atenção da mídia para o empreendedorismo”. Mesmo sendo o empreendedorismo por necessidade tem uma boa repercussão com as pessoas levantadas. (GERA, 2015) (GERA, 2016) (GERA, 2017)

Atividades empreendedoras – para entendimento deste conceito será abordado o conceito organizacional do ciclo de vida (nascente, nova empresa, negócios estabelecidos, descontinuação), juntamente com a colocação de insights sobre a atividade empreendedora audaciosa, tanto do ponto de vista de uma empresa gerenciada pelo empreendedor quanto de um empregado de um negócio. (GERA, 2017)

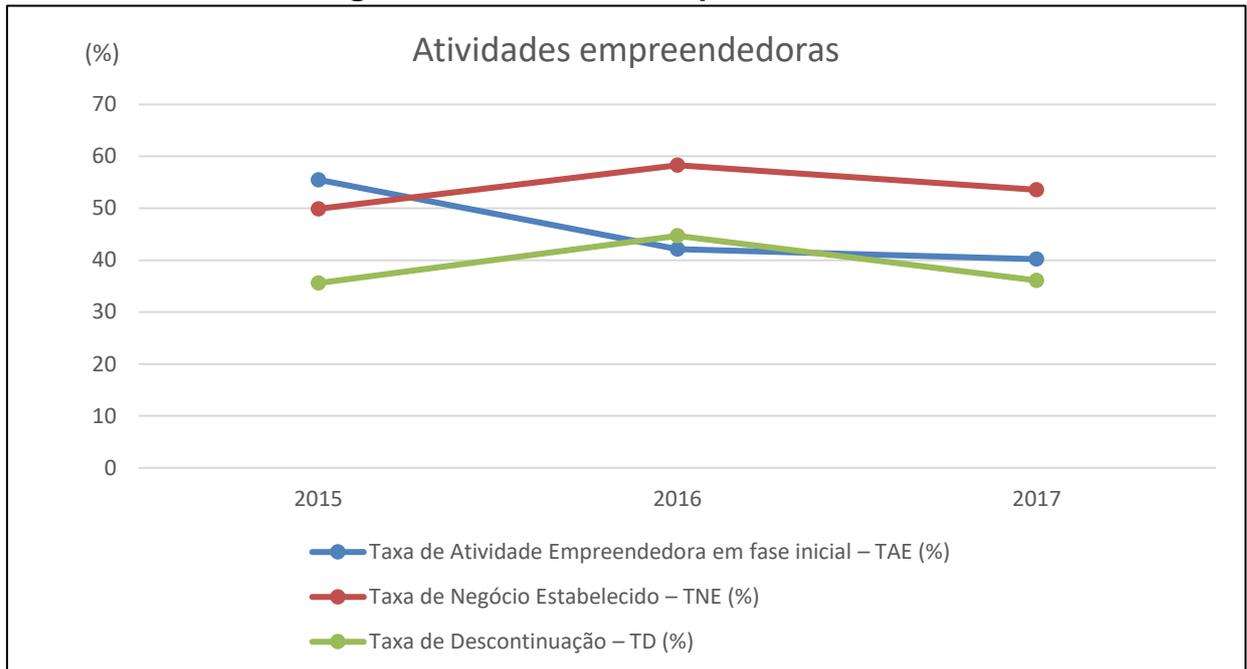
- i. Taxa de Atividade Empreendedora em fase inicial – TAE: se trata do percentual de pessoas com idade entre 18 e 64 anos em uma economia que estão no processo de iniciar uma empresa ou que já iniciaram um novo negócio não superior a 42 meses;
- ii. Taxa de Negócio Estabelecido – TNE: se trata do percentual de pessoas com idade entre 18 a 64 anos em uma economia que possui e gerencia um negócio com mais de 42 meses;
- iii. Taxa de Descontinuação – TD: se trata do percentual de pessoas com idade entre 18 a 64 anos que possuíam uma empresa, mas foi interrompida por diferentes motivos nos últimos 12 meses.

Assim, a taxa de atividade empreendedora em fase inicial (TEA) tendem a ser mais elevadas nos grupos de economias direcionado por necessidade do que por oportunidade e inovação, diminuindo com níveis mais altos de desenvolvimento econômico. (GERA, 2017)

Logo, ao se observar a Taxa de Negócio Estabelecido (TNE), conclui-se que os níveis mais elevados no grupo de economias direcionado por necessidade, porque há um maior número de pessoas que iniciam um novo negócio neste tipo de economia. Então, a diferença na média é relativamente pequena, no entanto, é interessante uma comparação entre os negócios estabelecidos e as empresas em fase inicial, nos diversos momentos de uma economia. Para economias direcionadas à necessidade, existem, em média, seis negócios estabelecidos para cada dez negócios em fase inicial, enquanto que no grupo de economia impulsionado pela oportunidade e inovação esta proporção é de 8 para 10 respectivamente. (GERA, 2017)

Conseqüentemente, a taxa de descontinuação (TD) dos negócios nas economias direcionadas por necessidade são em sua grande maioria o dobro do que nas economias direcionadas por oportunidade e inovação. Eis o principal motivo para essa interrupção: a falta de rentabilidade comercial, em média este número chega a um terço, considerando as três fases de desenvolvimento. Já as razões de interrupção para economias direcionadas para oportunidade e inovação são as questões de venda da empresa, a aposentadoria do empreendedor, uma saída planejada ou mesmo a busca por outras oportunidades, sendo que juntas representam apenas um terço. Logo, uma alta taxa de descontinuação pode ser um indicador do baixo nível de preparação de empreendedores; em contraposição, a baixa taxa de descontinuação pode ser um indicador da ausência de um ecossistema de empreendedorismo que suporte uma saída rápida do empreendimento mal projetado e uma rápida reentrada no novo processo de risco. (GERA, 2017)

De acordo com o relatório GEM, dos últimos anos, observa-se que no Brasil a TAE tem uma tendência leve de crescimento, apresentando um crescimento forte em 2015, declinando um pouco em 2016, mostrando o número de pessoas que iniciaram uma atividade empreendedora a cada 100, correspondendo, portanto, ao percentual da população brasileira. Já a TNE observa-se uma estabilidade analisando os três anos. Analisando a dimensão TD, observa-se que também apresenta um leve crescimento, podendo indicar que há um ambiente não favorável ao empreendedorismo. (Figura 2 – Atividades empreendedoras). (GERA, 2015) (GERA, 2016) (GERA, 2017)

Figura 2 – Atividades empreendedoras

Fonte: Adaptado de GERA (2015), (2016), (2017)

Com base na análise dos aspectos apresentados- valores sociais, atributos individuais e atividades empreendedoras- conclui-se que ligar qualquer característica do empreendedorismo apenas ao nível de desenvolvimento econômico seria pretencioso e enganador. Muito pelo contrário, o que se mostra é que há uma forte correlação entre todos os aspectos apresentados. A oportunidade percebida e a capacidade percebida estão positivamente correlacionadas com o nível de TEA. Outro ponto é que existe uma forte correlação entre capacidade percebida (habilidades) e TEA, o que pode indicar que todas as formas de educação (formal, informal, não formal) são importantes no desenvolvimento de competências empreendedoras. Assim como o TAE se correlaciona fortemente com a capacidade percebida. Já o medo do fracasso pode influenciar negativamente a atividade empreendedora (TEA), sendo que esta correlação não é forte neste caso. (GERA, 2017)

A priori, a identificação das diferenças e a melhor compreensão se os aspectos motivacionais, entre as economias em todo o mundo quanto aos aspectos dos valores sociais, atributos individuais e TEA dos negócios iniciais, estão incluídos a capacidade das pessoas atuarem de forma empreendedora, tais como: a proatividade, a capacidade inovadora e o comprometimento das mesmas. Outro ponto importante verificado nos estudos é a existência de diversas oportunidades para o cultivo do desenvolvimento econômico, mas existe a necessidade de uma

transformação que depende de atributos individuais (habilidade desenvolvidas e vocações das pessoas), valores sociais, e de um ecossistema de empreendedorismo desenvolvido para melhor acesso a crédito, educação com foco no assunto, transferência da Pesquisa e Desenvolvimento dentro das Instituições de Ensino Superior. Para complementar este processo há a necessidade de políticas e programas governamentais, bem como infraestrutura física e profissional para alavancar todo esse processo. (GERA, 2016) (GERA, 2017)

As partes envolvidas e interessadas, dentro do ambiente do empreendedorismo, costumam ser as Instituições de Ensino Superior, o setor empresarial, o governo, e hoje podemos dizer que também a sociedade civil, formando assim a chamada *Quádrupla Hélice*¹, e que desempenham um papel essencial para o desenvolvimento do tema. Como recomendação para um cenário mais desenvolvido quando nos referimos ao empreendedorismo, destacam-se fortemente os instrumentos pelas quais as Instituições de Ensino Superior podem utilizar para poder transformar nossos indivíduos, entregando um conjunto de habilidades para aproveitar as oportunidades empreendedoras dos próximos anos. Outro ponto importante para o melhor desenvolvimento do empreendedorismo é uma infraestrutura eficiente de Tecnologia da Informação para que haja redução dos custos, um alcance maior do mercado e principalmente um melhor acesso às informações, possibilitando assim a inovação de fato. Além desses pontos básicos, é também considerada muito relevante e recomendada, a questão do acesso ao financiamento e as normas culturais, bem como promover o empreendedorismo entre os jovens e as mulheres. Diante de todos os fatos apresentados, pode-se notar que focar só em criação de empresas não significa um avanço no desenvolvimento econômico de uma nação, a necessidade de estabelecer uma cultura para negócios de oportunidades identificadas junto ao mercado. (GERA, 2016) (GERA, 2017)

¹ Conceito mais atualizado da Tripla Hélice, no qual se integram e se articulam a indústria, as instituições de ensino superior e o governo para a geração de novos conhecimentos e inovação. Para a formação da *Quádrupla Hélice* se acrescenta a Sociedade ou as Pessoas (cidadãos) como uma quarta hélice. (AUDY, 2017)

Síntese do subtema Empreendedorismo

Empreendedorismo é a busca por oportunidades, com objetivo de melhorar as condições dentro da sociedade. A materialização do conhecimento em novos produtos e serviços, a geração de novos negócios. Uma das principais iniciativas para o avanço e o crescimento da economia.

Empreendedorismo é o grande responsável pelo aumento considerável de movimento empresarial e um intenso crescimento econômico, com um baixo índice de desemprego e inflação, ou seja, um grande propulsor da economia e da prosperidade. É um movimento social, coletivo e comunitário e se promove em qualquer atividade, o que permite assim um maior protagonismo da liberdade humana. O mesmo só se intensifica com uma movimentação das lideranças políticas, com a criação de ambientes propícios para o desenvolvimento do empreendedorismo.

Empreendedorismo é a principal ferramenta para a geração de novos negócios, assim como para o desenvolvimento de um país, para tanto deve-se estabelecer uma parceria forte com a geração de inovação para que o principal fator a se desenvolver seja o empreendedorismo por oportunidades e não o por necessidades. A este processo deve-se compor a capacidade de assumir riscos.

O empreendedorismo não se desenvolve apenas em empresas pequenas, pode-se aplicar em qualquer tamanho ou tipo de empresa, basta ter como diretriz a inovação nos seus objetivos.

Empreendedorismo não se resume a uma única disciplina acadêmica, mas sim ao um conjunto de atributos e práticas que podem proporcionar a criação de riqueza para uma nação, ou seja maior desenvolvimento econômico. Também não se apresenta como um dom que poucos possuem, mas sim com a capacidade de se criar um ambiente favorável para o surgimento de empreendedores, combatendo assim um dos grandes problemas da sociedade, o desemprego.

O empreendedorismo está se tornando uma das tendências dentro das Instituições de Ensino Superior (IES), com a criação de cursos e capacitações específicas, focadas na geração de novos negócios de impacto, como alternativa profissional para os jovens em formação.

Sem inovação não há empreendedorismo, portanto, se as duas atividades não caminharem lado a lado, não há como os sistemas econômicos se desenvolverem e progredir constantemente.

4.3. Empreendedor

Schumpeter (1997) descreve de forma clara o que é ser empreendedor e sua relação com a inovação e a criação de novos mercados:

É, contudo, o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores, se necessário, são por ele 'educados'; eles são, por assim dizer, ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir". Daí a prescrever a "destruição criadora", ou seja, a substituição de antigos produtos e hábitos de consumir por novos...

A palavra "empreendedor", tem sua origem na palavra francesa *entrepreneur*, que significa literalmente "aquele que está entre" ou "intermediário". Ela surgiu pela primeira vez no ano de 1437. (DORNELAS, 2017) e (FRANCO e GOUVÊA, 2016)

Franco e Gouvêa (2016) também afirmam que a definição mais comum para empreendedor é quem se compromete com algo. Afirmam ainda que o termo vem desde a Idade Média, com indivíduos que participavam e gerenciavam projetos de produção, como construção de castelos, fortes entre outros. Já no século XVII se introduziu a questão do risco para o empreendedor ao começar a financiar contratos com o governo.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) colocam que empreendedor tem suas origens no século XII, com significado de "fazer alguma coisa". Já no final do século XVIII passou a ser o indivíduo que criava e gerenciava projetos e empreendimento.

Para Fillion (2000), o empreendedor é um indivíduo que imagina, desenvolve e realiza visões. Seu trabalho é pautado por metas e objetivos. Ele está sempre buscando novas ideias e criando alternativas. Sua existência é fundamental para a dinamização do mercado, em especial a economia da inovação. Uma das principais atividades de um empreendedor é imaginar e criar o que o mercado quer fazer, e como irá fazê-lo, para isso, imagina como os objetivos serão alcançados.

Empreendedores usam a inovação como ferramenta de mudança, criando oportunidades para geração de negócios diferentes. Conseguem identificar as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas para as oportunidades de sucesso. O empreendedor está sempre atrás de mudanças e oportunidades. Pode-se definir

como empreendedor a pessoa que inicia seu próprio negócio, novo e pequeno. (DRUCKER, 2016)

Lavieri (2010) define empreendedor, como o indivíduo que busca a inovação por meio oferecer formas diferentes de fazer o que está sendo feito, reorganizando os recursos, gerando ganhos com estas novas formas.

Segundo Lemos (2012), empreendedor, é o indivíduo que tem um pensamento e uma capacidade de realização, juntamente com uma capacidade de aprendizado diferenciado. Tratam as ideias como oportunidades e fazem todos os esforços possíveis e imagináveis para transformarem em novos empreendimentos. Ao longo da sua carreira empreendedora, vão adquirir, mobilizar e consolidar as suas competências empreendedoras.

Bedê (2010) contribui para a definição de empreendedor com as seguintes características: busca de realização; iniciativa; busca por oportunidades; disposição a assumir riscos calculados; busca por qualidade e maior eficiência; persistência; comprometimento; busca por informações de forma estruturada; definição de metas; sistematização de monitoramento e planejamento; estabelecimento de redes de contato; persuasão; autoconfiança e independência. Empreendedor é aquele que provoca a inovação radical, transformando a sociedade, exercendo o papel de propulsor do processo de desenvolvimento econômico, podendo assim elevar os patamares, quantitativos e qualitativos da economia.

Hisrich, Peters e Shepher (2008) entendem que ser empreendedor é agir a partir da identificação de oportunidades e desenvolver valores para o público alvo, é desenvolver o pensamento empreendedor a todo instante, buscando cada vez mais conhecimento para visualizar oportunidades. O empreendedor pensa e age de modo diferente com relação as outras pessoas, principalmente quando estão diante de atividades do cotidiano e em momentos de decisão. Tomam decisões em momentos de extrema insegurança, altos riscos, intensa pressão de tempo e considerável investimento emocional, diferentemente das pessoas que não são empreendedoras, que necessitam de um ambiente com problemas bem definido e com disposição de tempo para dar uma solução.

Dornelas (2017) salienta que os empreendedores, são verdadeiros protagonistas dentro da sociedade, se diferenciam por meio de uma motivação evidente, sempre apaixonados pelo trabalho que desempenham. Buscam deixar um

legado para a sociedade. Buscam ser reconhecidos e admirados, ser referência e copiados, não sendo apenas mais um dentro da sociedade.

Franco e Gouvêa (2016) caracterizam o empreendedor como o indivíduo que assume riscos, busca a inovação, tem atitude, quebra as regras para melhorar os produtos e serviços, coordena e organiza seus negócios de forma a proporcionar liderança, com a verdadeira vontade de realização, é um verdadeiro estudioso e investigador, se transformando em fonte de informação do referido negócio. Fica de olho em qualquer tipo de oportunidade a ser desenvolvida, principalmente as que ninguém ainda tenha observado.

Para Bernardes e Martinelli (2003) o empreendedor é definido principalmente pelo perfil de ser inovador, assumindo risco calculado, necessidade de realização, proatividade, e o uso de práticas de gerenciamento estratégico ao negócio.

Fowler (2010) definiu empreendedor como a pessoa que cria e gerencia um negócio ou um empreendimento que seja sustentável, mas também um indivíduo que esteja dentro da formação e operação de uma associação comunitária, um clube ou mesmo uma cooperativa, desde que sejam sustentáveis. Todos os negócios necessitam de recursos humanos, físicos, financeiros, de conhecimento e de informações para que os objetivos sejam alcançados e este é um dos papéis do empreendedor, fazer o bom uso dos recursos disponíveis.

Guerra e Grazziotin (2010) consideram que há duas correntes para a definição de empreendedor. A primeira está vinculada a economia, que define o empreendedor associado a inovação e a segunda que vinculada a comportamento, e define que empreendedor apresenta perfil com atitudes de criatividade e intuição.

Dornelas (2017) define como principais aspectos para ser um empreendedor a iniciativa para criar um negócio e a satisfação pelo seu desenvolvimento. Acrescenta-se a esta definição a forma criativa por utilizar os recursos disponíveis transformando o ambiente socioeconômico em que se relaciona, juntamente com a aceitação em assumir riscos calculados, minimizando-os a possibilidade do fracasso. Se apresenta como principal mediador na base de negociação, dos produtos e serviços, entre a relação de oferta e demanda, realizando as expectativas dos respectivos clientes.

Para Franco e Gouvêa (2016) há uma divisão bem clara para se caracterizar o empreendedor. A primeira, são os organizadores de negócios, que faz referência a pessoas que possam criar, organizar e manter um novo empreendimento.

A segunda, são os inovadores, que se caracteriza pelas pessoas que já apresentam a dinâmica de conduzir um negócio, mas necessitam de aprender a transformar suas ideias em ação, produzir algo economicamente viável, buscando a inovação constantemente, sempre na busca por oportunidades, reconhecendo as imperfeições do mercado. Desta forma os empreendedores conseguem promover uma maior eficiência dos recursos estabelecendo o equilíbrio do mercado.

Fernandes, Oliveira e Silva (2015) define empreendedor como o indivíduo que gerencia os recursos de forma sustentável, busca pela própria prestação de contas, assumindo riscos consideráveis, já que tem participação no patrimônio da empresa. Este empreendedor será formado através do meio em que se relaciona, ou seja, se o ambiente for de empreendedores de sucesso terá grandes chances de se tornar um empreendedor de sucesso. O êxito de qualquer empreendimento passa pelo desenvolvimento de três fatores básicos: recursos financeiros, ideia e indivíduo. Sendo que o indivíduo é o fator primordial para que tudo aconteça. Para tanto é necessário que o indivíduo tenha um sonho, estabeleça os objetivos e atitude para busca-los.

Schumpeter (1997) descreve claramente a ligação entre atitude empreendedora, a inovação e o surgimento de novos negócios e novos mercados em:

É, contudo, o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores, se necessário, são por ele 'educados'; eles são, por assim dizer, ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir.

Filion (2000) estabelece as principais características comuns aos empreendedores e aos empreendedores bem-sucedidos (Quadro 1):

Quadro 1 – Características Empreendedores Comuns X Empreendedores Bem-sucedidos

Comuns aos empreendedores	Empreendedores bem-sucedidos
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar tenacidade; • Possuem capacidade de tolerar ambiguidade e incerteza; • Fazem bom uso de recursos; • Assumem riscos moderados; • São imaginativos; • Foco em resultados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Valores e cultura de empreendedorismo adquiridos por meio de contato durante a sua juventude; • Experiência em negócios; • Diferenciados; • Intuição; • Alto envolvimento; • Trabalhadores incansáveis; • Sonhadores realistas (visionários) • São líderes • Trabalham em rede com moderação • Possui seu próprio sistema de relações com os colaboradores • Controladores do comportamento das pessoas ao seu redor • Aprendizagem dos seus próprios padrões

Fonte: Adaptado de (FILION, 2000)

Filion (2000) estabelece as principais diferenças nos sistemas das atividades de gerentes e empreendedores:(Quadro 2)

Quadro 2 – Diferenças nas atividades de Gerentes e Empreendedores

Gerentes	Empreendedores
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalham com a eficiência e o uso efetivo dos recursos para atingir suas metas e objetivos; • Adaptam-se às mudanças • O padrão de trabalho implica análise racional; • Operam dentro da estrutura de trabalho existente; • Trabalho centrado em processos que levam em consideração o meio em que ele se desenvolve. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecem uma visão e os objetivos, com isto identificam os recursos para torná-los realidade; • Iniciam as mudanças; • O padrão de trabalho implica imaginação e criatividade; • Definem tarefas e funções e criam uma estrutura de trabalho; • Trabalho centrado na criação de processos resultantes de uma visão diferenciada do meio.

Fonte: Adaptado de (FILION, 2000)

Filion (2000) afirma que as atividades empreendedoras necessitam de sistemas estruturados de trabalho, que passam pelas teorias e conceitos, mesmo que ainda num estágio diferente das atividades gerenciais, mas necessitam também de aspectos da intuição e da imaginação para o desenvolvimento dos novos negócios.

De acordo com Degen (2010) o indivíduo que deseja seguir a profissão de ser empreendedor só terá sucesso se dominar e realizar as atividades básicas que um negócio necessita. A falta do domínio destas atividades é o grande obstáculo para os empreendedores que se arriscam em um novo negócio. É muito difícil que um indivíduo domine todas as habilidades necessários para o sucesso de um novo negócio, principalmente motivado por oportunidade. Portanto, há a necessidade de formação de uma equipe multidisciplinar e que se complemente

Os empreendedores, expõem seus mundos de modo subjetivo ao criarem suas empresas, pois cada ação empreendedora está fortemente ligada a interpretação de um setor em particular e o aprofundamento do conhecimento de um mercado ou mesmo a busca por um novo produto ou processo. Esta forma de se estabelecer levará a ter uma visão diferenciada para sua comercialização. E a forma de se fazer, perante ao mercado, satisfazendo as necessidades levantadas, refletem a identidade e o sucesso a que se busca. (FILION, 2000)

Dornelas (2017) faz uma breve análise entre o administrador e o empreendedor, apresentando as diferenças e as similaridades, pois muito se confunde neste contexto. Para o autor, todo o empreendedor necessita ser um bom administrador para que alcance o sucesso, porém não necessariamente todo administrador é um empreendedor. O empreendedor, traz algo mais no dia a dia, são características e atitudes que o diferem do administrador tradicional.

Para Dornelas (2017), as habilidades que competem a um empreendedor podem ser estabelecidas em três áreas específicas: as técnicas, as gerenciais e as comportamentais, as quais pode se definir como:

- As habilidades técnicas estão relacionadas com saber escrever, saber ouvir as pessoas e com isto captar informações, saber expressar as ideias ao público, ser organizado, saber liderar e trabalhar em equipe e possuir conhecimento técnico na de atuação do empreendimento;
- As habilidades gerenciais se destacam por incluir os assuntos de envolvimento de criação, desenvolvimento e gerenciamento de uma nova empresa: como o marketing, administração, finanças, operacional, produção, tomada de decisão, controle das ações da empresa e as questões de negociação;
- As habilidades comportamentais estão basicamente relacionadas a características pessoais, e contemplam as questões de ser disciplinado,

assumir riscos, ser inovador, ser orientado às mudanças, ser persistente e ser um líder visionário.

Portanto, Dornelas (2017) estabelece que o empreendedor que chega ao sucesso possui características extras, diferentemente do administrador. Possuem atributos pessoais que, somados a questões sociológicas e ambientais, proporcionam a criação de novos negócios, conseguem transformar ideias em inovações e assim em empresas. São consideradas características extras para empreendedores de sucesso (Quadro 3):

Quadro 3 – Características extras dos empreendedores de sucesso

Características	Definição
Ser visionário	Têm visão de como será o futuro dos negócios e de sua vida, e tem a habilidade de realizar seus sonhos
Saber tomar decisões	Não se sentem inseguros, sabem tomar as decisões corretas na hora certa, principalmente nas adversidades, fator-chave para seu sucesso. Implementam suas ações rapidamente.
Fazer a diferença	Transformam algo de difícil definição, uma ideia abstrata, em algo concreto, que funciona, transformando o possível em realidade. Agregam valor aos serviços e produtos que colocam no mercado.
Explorar ao máximo as oportunidades	Um exímio identificador de oportunidades, curioso e atento a informações, pois sabe que suas chances melhoram quando seu conhecimento aumenta.
Ser determinados e dinâmicos	Implementa as ações com total comprometimento. Ultrapassam as adversidades e os obstáculos, com muita vontade de fazer acontecer. Sempre dinâmicos e cultivam certo inconformismo diante da rotina.
Ser dedicados	Dedicam-se 24 horas por dia, sete dias por semana, ao negócio. São trabalhadores exemplares e encontram energia para continuar, mesmo em situações adversas. São incansáveis e loucos pelo trabalho.
Otimistas e apaixonados	O amor pelo trabalho é o principal combustível que os mantêm cada vez mais animados e autodeterminados.
Independentes, constroem o próprio destino	Estão à frente das mudanças e são os donos do próprio destino. Querem criar algo novo e determinar os próprios passos, abrir os próprios caminhos.
Ficar ricos	Não é o principal objetivo, eles acreditam que o dinheiro é a consequência do sucesso dos negócios.
Líderes e formadores de equipes	Senso de liderança incomum e são respeitados e adorados por seus colaboradores, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los. Sabem que, para obter êxito e sucesso, dependem de uma equipe de profissionais competentes.
Bem relacionados (networking)	Sabem construir uma rede de contatos que os auxilia no ambiente externo da empresa, como os clientes, os fornecedores e as instituições correlacionadas.
Organizados	Sabem obter e alocar os recursos materiais, humanos, tecnológicos e financeiros, de forma racional, objetivando o melhor desempenho para o negócio.
Planejar	Planejam cada passo de seu negócio, desde o primeiro rascunho do plano de negócios até a apresentação do plano a investidores, definição das estratégias de marketing do negócio etc.,
Conhecimento	Sedentos pelo saber e aprender continuamente, pois entendem que, quanto maior o domínio sobre um ramo de negócio, maior será a chance de êxito.
Assumir riscos calculados	Aquele que assume riscos calculados e sabe gerenciar o risco, avaliando as reais chances de sucesso. Assumir riscos tem relação com desafios.
Criar valor	Utilizam seu capital intelectual para criar valor para a sociedade, com a geração de empregos, dinamização da economia e inovação, sempre usando sua criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas.

Fonte: Adaptado de (DORNELAS, 2017)

Rocha e Bacchi (2010) descreve que há uma busca constante por identificar as características de personalidade e comportamento dos empreendedores, para se estabelecer os parâmetros e assim definir um perfil do que é ser empreendedor. Neste caso, deve-se ter o cuidado na análise para identificar os

empreendedores que desenvolveram um empreendimento através de uma oportunidade identificada num determinado mercado.

Portanto Rocha e Bacchi (2010), apresenta aspectos em que aborda a compreensão das principais características de um indivíduo empreendedor, e que definem o processo de empreender. Este processo está relacionado as questões de funções, atividades e atitudes relacionadas a percepção de oportunidades que fazem o empreendedor buscar novos negócios. São diversas as características levantadas e a seguir serão citadas algumas que se destacam segundo o autor (Quadro 4):

Quadro 4 – Características componentes do perfil empreendedor
Características componentes do perfil empreendedor

<ul style="list-style-type: none"> • Criativo e inovador • Habilidade ao aplicar a criatividade • Força de vontade e fé • Foco na geração de valor • Tolerância a riscos moderados • Perseverança • Iniciativa • Protagonismo • Energia • Rebeldia de padrões • Capacidade de diferenciar-se • Comprometimento • Capacidade incomum de trabalho • Liderança • Orientação para o futuro • Imaginação • Proatividade • Alta tolerância a ambiguidade e incerteza. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visionários • Sabem tomar decisões • Explora ao máximo as oportunidades • Determinados e dinâmicos • Dedicados • Otimistas • Independentes • Geram riqueza • Formadores de opinião • Bem relacionados • Organizados • Planejadores • Abertos ao conhecimento • Criam valor para a sociedade • Auto eficaz • Persistente • Sociável
---	--

Fonte: Adaptado de (ROCHA e BACCHI, 2010)

Assim, Rocha e Bacchi (2010) argumenta que a importância da definição do perfil empreendedor é estabelecer uma referência para que se crie um processo que contribua para a formação de novos empreendedores, utilizando as características levantadas como proposição pedagógica, estabelecendo uma perspectiva na formação do empreendedor com métodos adaptados que desenvolvam característica comportamental peculiar de um empreendedor.

Degen (2010) definiu as atividades empreendedoras de sucesso como o estabelecimento de quatro habilidades fundamentais para o empreendedor: produzir, administrar, empreender e integrar. Para entender melhor cada uma das habilidades segue breve explicação:

- Produzir: realizar as atividades planejadas para o negócio com eficiência;
- Administrar: gestão dos recursos, principalmente mão de obra, para que se realize as atividades do negócio com eficácia;
- Empreender: ser proativo na melhoria da eficiência ao produzir ou realizar as tarefas e da eficácia dos outros ao produzir ou realizar as tarefas do negócio; e
- Integrar ou formar: liderar e motivar a equipe para produzir ou realizar as tarefas do negócio com eficiência e eficácia.

Filion (1999) considera que quanto maior e mais completo for o conhecimento do empreendedor a respeito do setor de negócio que estiver atuando, maior entendimento da realidade terá. Torna-se complicado visualizar a ocupação de uma lacuna no mercado sem o claro entendimento. Portanto, há a necessidade de pelo menos seis atributos para este entendimento: a capacidade intelectual, o nível de capacitação, a posição ocupada quando a informação foi adquirida, a razão dessa aquisição, o quanto se conhece do setor e, o tempo dedicado para se aprofundar no assunto. O empreendedor apreende a conhecer e a entender os seus clientes, com isto detectam as possibilidades de novos negócios, pois identificaram uma lacuna neste conhecimento. Este processo é que diferencia o empreendedor de um gerente e um pequeno empresário: a capacidade visionária que possuem. A característica mais impactante para um empreendedor de sucesso é a capacidade de aprendizado. Um outro ponto importante para esta questão é o fato de o bom empreendedor deve saber delegar mais trabalhos operacionais e focar em assuntos mais estratégicos de um novo negócio.

Para Filion (2003), o empreendedor deve estar sempre pronto para agir no meio em que atua, com as condições necessárias para que possa tomar as decisões corretas. Possuir uma certa flexibilidade é uma das características mais importantes para o empreendedor, sendo que para isto é necessário que a sociedade entenda e seja tolerante em relação a estas iniciativas de ações, tanto para o sucesso quanto para o fracasso.

Para Hisrich, Peters e Shepher (2008), o empreendedor quando se encontra em um ambiente de decisão ele busca primeiramente pensar de forma estruturada, em seguida estabelecer uma proposta inicial da solução, partindo para a execução do projeto, e por fim o aprimoramento do mesmo diante dos resultados apresentados. O empreendedor ao iniciar um novo empreendimento precisa de um

robusto processo de orientações e mentorias para que se desenvolva de forma sustentável. Uma das formas recomendadas, é o estabelecimento de conexões que possam colaborar diretamente para o desenvolvimento deste negócio. A medida que as conexões se expandem, se estabelece uma rede de apoio e colaboração, que poderá ter papel muito importante nas orientações necessárias para cada fase do empreendimento, agilizando assim a solução de muitos problemas. Os empreendedores bem-sucedidos, se tornam os verdadeiros exemplos para novos empreendedores, pois os mesmos assumem características comportamentais que mostram que o empreendedorismo tem possibilidade de ser adotado como uma profissão.

Uma outra abordagem utilizada por Franco e Gouvêa (2016), para identificar o empreendedor é apresentada por meio da seguinte combinação: o que o empreendedor é; principais características pessoais; aspirações que o indivíduo possui; o que o empreendedor conhece; a formação; quais suas experiências e suas habilidades; quem o empreendedor conhece; e quais são suas redes sociais e profissionais.

Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008) afirma que para ser empreendedor é determinante possuir visão de futuro e procurar o desenvolvimento de habilidades individuais, pois é propulsor para a geração de novos negócios. Para complementar as características de um empreendedor de sucesso é preciso estabelecer as habilidades de análise, planejamento, e capacidade desenvolvimento, independentemente de onde esteja atuando, começando um novo empreendimento ou dentro de uma empresa. Outro aspecto importante para esta jornada empreendedora é se transformar num multiplicador de conhecimento, o que poderá estabelecer assim o surgimento de novas ideias e negócios.

Bernardes e Martinelli (2003) cita que para a realização de programas que visem o desenvolvimento de empreendedores potenciais é necessário se concentrar nas características de formação do empreendedor com as características e ferramentas pessoais que conduzam ao sucesso do empreendedor. Dentro destes programas é importante o incentivo de promover ferramentas e uma cultura empreendedora que possa estimular a criação de novos negócios de sucesso.

Para Hisrich, Peters e Shepher (2008) o empreendedor busca seguir no que acredita como oportunidade, mas estas nem sempre se apresentam de maneira certa, muito pelo contrário, sempre se encontram em ambientes de pura incerteza.

Para isto os empreendedores necessitam utilizar sua percepção para tomada de decisão de agir ou não. Portanto, o segredo para se entender a atitude empreendedora vem da capacidade de avaliar o nível de incerteza diante da oportunidade levantada e a vontade de encarar tal incerteza.

Dornelas (2017) estabelece que para o empreendedor alcançar seus objetivos, há a necessidade de forte intercâmbio das condutas empreendedoras com um aprofundamento no conhecimento das carências do mercado. Compreender as verdadeiras necessidades, abre maior chance de sucesso na busca por soluções ao mercado, promovendo assim o surgimento de novos produtos e serviços, com suas aplicabilidades, para a sociedade. Um ponto primordial neste processo todo é o autoconhecimento e o diagnóstico do perfil empreendedor que estabelece algumas características para a realização das atividades necessárias do processo empreendedor.

De acordo com o que foi exposto neste capítulo pode-se concluir que há grandes possibilidade de expansão da quantidade e da qualidade de empreendedores na região de Sorocaba e assim para o país também, pois a cidade abriga mais de 15 Instituições de Ensino Superior com os mais diversos cursos, mais uma grande quantidade de cursos de pós-graduação. Para isto deve-se criar mais formas de difundir o empreendedorismo dentro da sociedade e desenvolver as principais características empreendedoras nos indivíduos aqui levantadas. Uma das formas já comprovadas, é inclusão de disciplinas sobre empreendedorismo dentro das instituições de ensino médio e universitários, sendo assim vital a reformulação das matrizes curriculares dos cursos em andamento, e assim se desenvolva as melhores práticas referente ao assunto em questão. (BEDÊ, 2010)

Síntese do subtema Empreendedor

Empreendedor é aquele que inicia a transformação econômica, ele substitui os produtos e hábitos de consumir antigos por novos.

Tem como principais características as questões do comprometimento em realizar algo novo, assumir riscos calculados, trilhar um caminho não explorado, a busca pelo conhecimento, se transformando num protagonista da sociedade.

Busca sempre imaginar e criar o que o mercado necessita, definindo metas e objetivos para transformar um sonho em realidade, tornando assim a economia da inovação mais ativa e pujante. Tem a persistência como algo intrínseco neste processo.

O empreendedor tem a inovação como principal ferramenta de mudança para a geração de oportunidades na geração de novos negócios. Conseguem identificar os principais problemas e necessidades da sociedade e encaixar a inovação como solução para o mercado. Empreendedor busca a inovação radical, na busca de transformar as condições da sociedade melhores, alavancando assim o processo de desenvolvimento econômico, trazendo riqueza para as regiões e nações no qual está inserido.

Possuem uma capacidade de realização e aprendizado diferenciados, realizando os mais diversos esforços para transformar uma ideia em negócio. Com isto vão aumentando a capacidade empreendedora ao longo da vida.

O empreendedor precisa estabelecer quais são os principais recursos e competências para a criação dos novos negócios, precisa definir quais são e em que momento utilizar os recursos humanos, físicos, financeiros, do conhecimento e das informações para que os objetivos sejam alcançados e assim se tenha o bom uso dos mesmos.

A formação de uma equipe multidisciplinar e complementar é essencial para o negócio, pois apenas um empreendedor não conseguirá dominar todas as habilidade e competências necessárias para o sucesso de um negócio inovador. Neste caso a questão da definição do perfil empreendedor se tonar muito importante para o processo de geração de novos negócios, pois assim se estabelece uma referência para a criação de novos empreendedores dentro das Instituições de Ensino Superior (IES)

4.4. Instituições de Ensino Superior Empreendedora

Segundo a OECD (1999), as universidades fazem parte de nossa herança já a alguns mil anos; As primeiras universidades europeias, entre elas Bolonha, Paris e Oxford, datam da alta Idade Média, como as universidades do mundo árabe.

No final do século XIX e início do século XX, com a primeira revolução acadêmica, a pesquisa se tornou função importante e verdadeira das IES, que passaram a ter mais propriedade no universo da pesquisa quando adotaram na pesquisa o conhecimento científico e tecnológico nas matrizes curriculares. Com este novo cenário as IES, passaram a focar uma parcela bem expressiva em atividades de pesquisas básicas, uma parcela bem pequena em pesquisas aplicadas e outra parcela menor ainda em desenvolvimento. Com isto as IES passaram a ter como missão e valores relacionados apenas com a economia e com empregos dos alunos, deixando de lado a busca por soluções para problemas ou necessidades reais das empresas e da sociedade. Já a IES atual apareceu na segunda metade do século XX, especificamente nos anos 70, e se destacou basicamente com a pesquisa e o ensino com foco na geração de conhecimento para a solução de problemas socioeconômicos, industriais e empresariais, continuando a preocupação com o emprego dos seus graduados. Esta passa a ser a segunda revolução acadêmica que se caracteriza pelo objetivo de desenvolvimento socioeconômico, complementando o ensino e a pesquisa. (GUARANY, 2010)

Andrade e Torkomian (2001) aborda que o termo educação é o processo no qual os indivíduos de uma sociedade são desenvolvidos de acordo com os interesses da mesma, surgindo assim os valores e objetivos desta sociedade e dentro desta abordagem concluem que a educação empreendedora desenvolve indivíduos para identificarem e explorarem oportunidades, gerando assim novos negócios e riqueza para a região e/ou para a nação.

Lavieri (2010) considera que toda educação tem por objetivo o avanço social e, portanto, a educação no sentido mais amplo é também uma forma de desenvolvimento de atitudes empreendedoras. Este conceito embora simples, é muito pouco conhecido e praticado pela grande maioria dos docentes. Muito pelo contrário, muitos professores colocam o empreendedor como manipulador e o funcionário como manipulável. Já o desempregado se trata como vítima, sem alternativa para mudança

de vida. Este cenário vem se transformando, mas de maneira tímida, pois existe uma pequena parcela de docentes que buscam forjar indivíduos mais ativos e atuantes diante dos problemas da sociedade.

Fowler (2010) explica que a expressão “educação empreendedora” tem origem nos termos em inglês “*entrepreneurship education*” e “*enterprise education*”. Sendo que a primeira tem como principal objetivo a formação de um entendimento e estabelecimento de motivação para a criação de um próprio negócio, o foco é o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para empreendimentos que obtenham lucro financeiro. Já a segunda expressão tem por objetivo desenvolver habilidades e atributos para a formação de um indivíduo empreendedor e não apenas empreendimentos que visem lucro.

A educação empreendedora dentro das IES é recente, data de 1947 com a introdução do primeiro curso sobre gerenciamento de pequenas empresas feito pela Harvard Business School e depois também introduzido pela Universidade de Michigan. De lá para cá houve um enorme crescimento da educação empreendedora nas IES com as mudanças, principalmente nas estruturas curriculares. (FLORES, HOELTGEBAUM e SILVEIRA, 2008) (LOPES, 2010) (CUNHA e NETO, 2005)

Um dos grandes centros mundiais de universidade empreendedora são exemplificadas pelos centros de Massachusetts Institute of Technology (MIT) e a Universidade de Stanford, que ao longo das últimas décadas vem desenvolvendo a educação baseada no conhecimento e que vem sendo expresso de forma intensa em usos práticos. A teoria e a prática são apresentadas de forma simultânea. A transferência de tecnologia, a partir da definição teórica, passa a acontecer dentro da vida dos seus inventores, o que não acontecia em tempos anteriores. Promovendo assim a participação, tanto no momento da pesquisa, quanto no momento da inovação, tornando o empreendedorismo uma prática do dia a dia. Com este avanço e com as contribuições surgiram os famosos centros do MIT e do Vale do Silício. (ETZKOWITZ e ZHOU, 2017)

Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008) afirmam que em vários países já se vê a presença do empreendedorismo nas suas matrizes curriculares das IES, o que confirma que a educação é uma etapa essencial para alavancar o desenvolvimento do empreendedorismo.

No Brasil o empreendedorismo passou a fazer parte da matriz curricular, através de uma disciplina em um curso de especialização em Administração em 1981,

pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), sendo posteriormente estendida também para a graduação. Diante desta iniciativa, o ensino do empreendedorismo se expandiu para vários cursos por todo o país. (ROCHA e BACCHI, 2010)

O Brasil apresenta alguns centros de referência e que vem transformando os locais onde se localizam os centros. São eles o Inova Unicamp, vinculado a Universidade de Campinas, com 15 anos de atividades; Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), vinculada a Universidade de São Paulo, com mais de 16 anos de atuação; o Instituto Genesis, vinculado a PUC do Rio de Janeiro, com atuação de 21 anos; e Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc), vinculado a PUC do Rio Grande do Sul, com atuação de 13 anos; e o Porto Digital, vinculado a Universidade Federal de Pernambuco, com atuação de 11 anos.

Etzkowitz (2013) considera que as IES não são mais como na Idade Média, comunidades isoladas de grandes pensadores cultos, nem tampouco do final do século XIX, com um modelo apenas de ensino e pesquisa institucionalizados. O empreendedorismo passa a ser uma extensão das atividades do ensino e da pesquisa, tornando uma atividade fundamental para a evolução da sociedade, gerando inovação para as nações, e com isto a criação de novos empregos, com crescimento socioeconômico sustentável. Com esta nova visão as IES vêm se transformando em um dos principais atores na geração de riqueza de uma nação. Isto não quer dizer que a IES deva abandonar suas principais atividades, e que desempenha a muito anos. Muito pelo contrário as atividades básicas de ensino, devem inspirar as de pesquisa e as de pesquisa devem inspirar as atividades de empreendedorismo e desenvolvimento socioeconômico. As IES vêm assumindo um papel de protagonista na geração de inovação organizacional dentro do cenário econômico nos últimos anos, tendo sua eficácia comprovada nos mais diversos contextos.

Andrade e Torkomian (2001) declara que o propósito da educação contemporânea das IES é estabelecer condições que apoiem a formação dos estudantes, e uma das vertentes neste propósito é fazer com que eles se desenvolvam para o auto aprendizado, proporcionando seu crescimento nos mais diversos aspectos intelectuais e emocionais, disponibilizando assim a capacidade de solucionar problemas com mais facilidade. Dentro desta formação é importante considerar as

questões da flexibilidade as novas condições que surgem a cada dia, promovendo assim o espírito da criatividade para a solução dos problemas.

Guaranys (2010) esclarece que a partir da última revolução, no qual se acrescenta o objetivo de desenvolvimento socioeconômico, a IES passa a ser empreendedora, pois transforma o conhecimento em atividades econômicas, conseqüentemente os integrantes deste sistema também passam a ser empreendedores.

Lavieri (2010) coloca a educação nas IES como a forma pelo qual o indivíduo se desenvolve, considerando um processo essencial na construção da cultura e da estrutura de um ser humano. Desta forma, a educação é muito mais ampla do que apenas conhecimentos, ela inclui os fatores mais simples, como culturais e a construção de valores do indivíduo. Esta explanação mostra com maior ênfase a falta de comprometimento com o desenvolvimento do indivíduo mais crítico, priorizando a simples formação de indivíduos treinados apenas para suprir a mão de obra dentro das instituições já desenvolvidas.

Giarola, Fiates, et al. (2013) considera que a educação empreendedora deve proporcionar ao aluno um avanço nas suas mais diversas características empreendedoras. Em muitos casos pode se assemelhar a formação de lideranças. Mas a grande característica que deve ser incorporada a educação empreendedora é a busca por negócios inovadores, que são competitivamente vantajosos e com isso, fortalecem o desenvolvimento das regiões.

Para Lopes (2010), os conceitos da educação empreendedora são recentes, porém, essa vertente já se estabeleceu como essencial e eficaz para superar os desafios econômico do mundo atual. Deve-se pensar em desenvolver programas de qualidade e com resultados a longo prazo, mesmo que se necessite criar com certa urgência. Os programas devem buscar fundamentações sólidas e que busquem o comprometimento de todos os atores necessários para se tornar impactante perante a sociedade.

Portanto Lopes (2010), afirma que para o aluno se envolver de forma sentimental e emocional com a disciplina de empreendedorismo, é preciso tornar parte da matriz curricular dos cursos e não ser apenas uma atividade extracurricular que não se relaciona com outras disciplinas. Esse envolvimento do aluno, gera um ambiente mais estimulante e favorece o risco. Dentro do cenário exposto é fundamental ampliar os professores que defendam, pratiquem e ensinem o

empreendedorismo, promovendo o destaque de quem pratica e apresenta resultados, transformando em material com resultado para as próximas gerações.

Etzkowitz (2013) define a IES empreendedora como a que possui forte autonomia, a ponto de estabelecer sua visão estratégica, contribui com igualdade para as mais diversas esferas institucionais, na formatação de projetos com o objetivo de desenvolvimento socioeconômico para a região da instituição. A IES empreendedora vem se desvinculando de atividades específicas de cursos de engenharia, negócios e administração para programas sociais, com o propósito de riqueza para a região envolvida.

Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008) entende que a atividade empreendedora é parte integrante da economia moderna e o surgimento de ideias, e a inovação e empreendedorismo são fonte de novos negócios para a criação de riqueza, geração de postos de trabalho, tornando a região mais competitiva globalmente. Este cenário proporciona a todos, independentemente de classe, o desenvolvimento de seus verdadeiros potenciais. Sabe-se que a atividade empreendedora por oportunidade está diretamente relacionada com o desenvolvimento econômico. Diante dos fatos apresentados, verifica-se a importância do papel das IES, que necessitam proporcionar uma educação empreendedora em suas matrizes curriculares, em conjunto de atividades extracurriculares referentes ao assunto.

Dornelas (2017) coloca que a educação empreendedora vem avançando a cada ano, com muitos casos de sucesso e aborda que os principais fatores para este avanço, foram o estabelecimento de disciplina dentro das IES; a forma de agir dentro deste novo contexto; e o fato do empreendedorismo ter se tornado uma opção profissional e ser uma ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico.

As IES empreendedoras buscam dentro da pesquisa oportunidades de potencial tecnológico que podem se transformar em novos negócios, proporcionando ampliação do conhecimento. A IES é considerada uma incubadora natural, que proporciona ambiente adequado, com infraestrutura, apoio profissional aos docentes a aos estudantes, para o surgimento de novos negócios. As IES são um verdadeiro ambiente fértil para o surgimento de novos empreendimentos, nas mais diversas áreas do conhecimento e cada área contribui com a outra para o surgimento de novas oportunidades. A IES deve identificar áreas específicas para o desenvolvimento e o aprimoramento das oportunidades a serem desenvolvidas, com isto, o surgimento de

apoio e fundos de investimento passam a serem naturais. Outra característica de uma IES empreendedora é a capacidade de enxergar as necessidades e os problemas da comunidade, tornando-os base para novos estudos e novas soluções. (ETZKOWITZ, 2013)

Lopes (2010) afirma que educação empreendedora tem por objetivo desenvolver melhor a profissão de ser empreendedor. Pode estar por todos os níveis educacionais, porém exigindo assim resultados diferentes para cada um, e em cada avanço os alunos vão ampliando o contexto de conhecimentos, atitudes e habilidades, criando assim um alicerce para o futuro. A aplicação do empreendedorismo no ensino transcorre pelas seguintes atividades: incremento do conhecimento e das habilidades e atitudes juntamente com os atributos apropriados a cada nível educacional.

Etzkowitz (2013) entende que a IES apresenta em seu contexto empreendedor, conceitos que se conectam entre si e que devem se equilibrar para que haja solidez nas atividades empreendedoras. A IES precisa primeiramente apresentar um nível de independência tanto do estado quanto com as organizações, mas com um alto nível de interação com ambos, ou seja, precisa ter um certo controle sobre sua visão estratégica e que haja um estreitamento com as mais diversas organizações para não haver um isolamento com a sociedade. É muito importante que o conceito de problema – pesquisa venha de origens externas, como da própria IES e das disciplinas científicas. Buscar resolver sempre as questões de conflito que possam aparecer na busca por maior interação com a sociedade de uma forma geral e pela independência das ações. E sempre buscar a adaptação e a flexibilização de suas ações às necessidades de mudança por parte tanto das organizações como dos governos.

Ipiranga, Freitas, et al. (2010) define a IES empreendedora, as instituições que se preocupam não apenas em formar profissionais qualificados para o mercado de trabalho, mas empenham-se em desenvolver atores relevantes para o sistema de inovação, cooperando assim para o desenvolvimento socioeconômico e tecnológico da região e do próprio país. Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se a criação de um ambiente acolhedor para que se desenvolvam empresas de base tecnológica, que possam interagir com empresários e pesquisadores da própria instituição.

Fowler (2010) aborda que a educação empreendedora é o caminho para poder enfrentar e assim proporcionar soluções aos grandes desafios globais, com a formação de empreendedores que busquem alternativas mais viáveis para todos os

problemas gerados pelos mais diversos motivos. Moldar este perfil empreendedor é fundamental para que os profissionais possam ocupar de maneira apropriada as avassaladoras mudanças que vem acontecendo e estão por acontecer com o surgimento de novos negócios e novas empresas.

Lopes (2010) considera que as melhores práticas da educação empreendedora são as que proporcionam aos alunos oportunidades em participem ativamente de diversas áreas do conhecimento, na elaboração de modelos de negócios, na experiência real de criar uma pequena empresa, no auxílio a empreendedores e a intercâmbios com a comunidade de negócios locais. Já pelo lado dos docentes, a IES deve proporcionar a formação e o comprometimento dos professores para proporcionarem o aprendizado através da criação de um novo negócio, e assim possam ensinar os alunos com maior propriedade. Para completar estas boas práticas, a IES deve permitir o uso de recursos e conhecimentos da própria instituição, para que haja casos práticos de novos negócios.

Guaranys (2010) levanta que as IES empreendedora se caracterizam através dos seguintes propósitos e atividades:

- avaliar e adaptar a matriz curricular da graduação, pós-graduação e extensão, para buscar as principais demandas e necessidades da sociedade;
- disponibilizar educação empreendedora para a graduação, pós-graduação e extensão;
- formar novas gerações de empreendedores;
- formar pesquisadores empreendedores;
- disponibilizar a prática de serviços profissionais para atender as necessidades da sociedade, através da realização de trabalhos com os próprios alunos e a orientação dos professores;
- disponibilizar um centro empreendedor para proporcionar o nascimento de novas empresas, incorporando a transferência de conhecimento e tecnologia para a sociedade;
- disponibilizar unidades de apoio à estrutura tradicional, para facilitar a transferência de conhecimento dos pesquisadores para a sociedade, incrementando o nível tecnológico às organizações;

- realizar atividades para difusão da cultura empreendedora, com apoio a empreendimentos de caráter socioeconômicos, com propósito de incentivar a sustentabilidade;
- escolher empreendedores para assumir os cargos da alta e média direção na IES que queiram se tornar empreendedoras;
- estabelecer governança interna na IES, de tal forma que promova a constata articulação com os principais atores da IES empreendedora;
- estabelecer governança externa na IES, com o objetivo de estabelecer maior comprometimento e fluxo de informações com os principais atores do ambiente empreendedor;
- estabelecer plano estratégico com metas acadêmicas, socioeconômicas, observando as necessidades atuais e futuras da sociedade no geral;
- disponibilizar recursos financeiros das mais diversas fontes (próprio, público e privado), com o objetivo de garantir a autossuficiência;
- realizar atividades, com a participação ativa dos dirigentes e docentes, com os principais atores do ecossistema empreendedor.
- promover assim o desenvolvimento socioeconômico da região.

Lopes (2010) considera que a educação empreendedora se destaca do modelo tradicional, pelo fato de se trabalhar mais as atividades do próprio indivíduo. A experimentação é fundamental neste processo, e busca-se cada vez mais aprimorá-la para as incertezas que possam acontecer. Dentro deste contexto, outro ponto importante que se trabalha é a limitação dos recursos, assim como a falta de credibilidade de um negócio em estágio inicial. A educação empreendedora deve estimular a criatividade com a imaginação e a análise, buscar desenvolver as competências e habilidades, que considera ser necessárias para o século XXI, relacionadas a informação, a aprendizagem e a comunicação, a inovação e tecnologia, sendo destaque nesta trilha as questões de raciocínio, resiliência e responsabilidade.

Guaranys (2010) considera que as IES empreendedora combinam o objetivo do desenvolvimento socioeconômico com o ensino e a pesquisa, e apresenta as seguintes características chaves: estruturação de um grupo de pesquisa; estruturação de um mecanismo organizacional para colocar as pesquisas com potencial econômico no mercado; estruturação para criação de empresas dentro da

IES, com a colaboração das mais diversas áreas; e a estruturação para atuar no desenvolvimento socioeconômico da região. Nas IES empreendedoras deve-se valorizar as pesquisas com oportunidades comerciais, para isto há a necessidade que se desenvolva durante a trajetória dos estudantes as habilidades que possam transformar o conhecimento em negócios.

Etzkowitz (2013) aborda que quando as IES se comprometem com a transferência de tecnologia e a capacitação das empresas, ela passa a adotar uma atitude empreendedora também, pois se aproxima dos problemas e do mercado, com isto passa a propor soluções. Esta condição empreendedora promove no corpo docente a competência de observar os resultados das pesquisas desenvolvidas, não se tornando apenas um artigo para um congresso ou um periódico. Nesta avaliação pode-se identificar um valor comercial em cada solução. Deve-se organizar uma rede com atividades intensas de ensino, pesquisa e empreendedorismo, sendo que cada atividade interage e se apoia nas outras, construindo assim um ambiente empreendedor de oportunidades.

Para Guarany (2010), o ensino e a pesquisa precisam ter como objetivo a transparência de conhecimento, principalmente quanto a novas tecnologias para o setor produtivo, proporcionando o surgimento de novas empresas com aumento de nível tecnológico em relação as já existentes, trazendo como resultado o desenvolvimento socioeconômico regional.

Segundo Póvoa (2008) as IES são empreendedoras e protagonistas quando disponibilizam recursos dentro delas mesmas, para a geração de novos negócios, com a capacidade desenvolver empresas competitivas e com a possibilidade de buscar e gerar ganhos econômicos.

Giarola, Fiates, et al. (2013) afirmam que as IES empreendedora são aquelas que estabelecem uma visão estratégica a ser desenvolvida, traçando metas claras, e o principal, fazem com que o conhecimento se transforme em valor socioeconômico para as sociedades envolvidas. Dentro deste contexto é importante propiciar um ambiente para a geração da inovação, já que existe um conhecimento gerado dentro da IES e os alunos são considerados potenciais empreendedores. É importante promover a cultura empreendedora por meio das atividades principais das IES, com papel crucial para este estabelecimento da cultura empreendedora de uma nação, pois são elas os catalizadores da geração do conhecimento e o surgimento de

novos negócios, propiciando assim um melhor desenvolvimento econômico de uma nação.

Bernardes e Martinelli (2003) afirma que para uma IES ser empreendedora, não basta a cooperação entre a instituição e as empresas. É preciso que as pessoas ligadas a IES sejam empreendedoras, ou seja, que adotem iniciativas que busquem o empreendedorismo com atividade profissional.

Hisrich, Peters e Shepher (2008) afirma que a educação é essencial para o mundo empreendedor, por mais que a grande maioria ache que seja o contrário. A importância é tamanha que não reflete só no nível educacional, mas principalmente nas questões do dia a dia para solução dos problemas e busca por novas oportunidades. A educação formal tem o papel de formar a base para se iniciar os negócios, com uma boa experimentação quando se fala de empreendimentos. Mas a educação precisa se expandir para questões mais do dia a dia, com gestão financeira, de marketing, planejamento estratégico, administração, saber se comunicar com clareza, tanto na fala como na escrita. A educação através das especializações também é considerada importante, pelo fato de haver muita troca de conhecimento criando mais oportunidades para o empreendedor. O objetivo da educação empreendedora é desenvolver habilidades e competências para a solução de problemas, mas isto só não garante que o indivíduo terá um novo negócio com as oportunidades levantadas. É preciso que haja um alinhamento e convencimento que a educação proporcionada sobre o empreendedorismo deve ser o mais próximo da realizada, assim serão maiores as chances de optar pela carreira de se tornar empreendedor.

Etzkowitz (2013) expõe a importância das IES empreendedoras possuírem um ambiente adequado, com empresas que apresentem seus problemas para que se possa haver o desenvolvimento de soluções e assim haja benefícios para a comunidade. Há também a necessidade de promover a busca pela formação de capital humano que tenha como propósito a de empreender saindo do ambiente da IES, este último está como a mais nova missão das IES e contempla as seguintes diretrizes:

- Capacidade de elaborar e aplicar uma visão estratégia por parte das lideranças acadêmicas;
- Independência jurídica com os recursos acadêmicos, assim como os resultados das pesquisas, a propriedade intelectual;

- Processo definido para transferência de tecnologia, através de patenteamento, licenciamento e incubação de empresas;
- Atitude empreendedora por parte dos colaboradores, professores e alunos.

Rocha e Bacchi (2010) destaca que o ensino do empreendedorismo se acentua principalmente nos cursos de administração, mas que a falta de informações sistematizadas, principalmente referente a conteúdo, metodologias e resultados tanto pedagógicos quanto práticos desenvolvidos, dificultam a confecção de uma proposta mais estruturada para o desenvolvimento do ensino do empreendedorismo.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) comenta a importância das IES estabelecerem um ambiente organizacional favorável ao desenvolvimento da cultura empreendedora, observando as características da cultura organizacional, montando estratégias que proporcionem mudanças. Considera essencial a criação e o aprimoramento de um programa de educação empreendedora para promover com maior propriedade o empreendedorismo.

Lopes (2010) sugere que são as IES os principais atores para criar dentro de seus cursos um conjunto de habilidades e técnicas a serem desenvolvidas nos indivíduos e assim haja a possibilidade de identificar oportunidades de novos negócios, através de uma boa análise para viabilizar a implementação destes projetos. Para a realização destes cenários, há a necessidade de se dar suporte desde a ideia até o nascimento do negócio, com orientações, consultorias, mentorias, benefícios, e até mesmo financiamentos destes projetos.

Para Guerra e Grazziotin (2010), o papel de principal ator para a mudança, quanto a cultura empreendedora, que na sua grande maioria ainda é de submissão, é responsabilidade das IES. As IES devem buscar desenvolver a mentalidade empreendedora em todos os aspectos, tanto interna como externamente, proporcionando o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, disponibilizando cursos e treinamentos, trabalhos de pesquisa em inovação e empreendedorismo. As IES devem proporcionar para seus alunos e para a sociedade do entorno o apoio para projetos empreendedores, para que possam sim exercer uma atividade importante da instituição, que é melhorar a qualidade de vida das pessoas e melhor distribuição de riqueza.

Lopes (2010) relaciona a educação empreendedora com o desenvolvimento da sociedade, através de empreendedores que surgem com seus

negócios e todo o entorno que se cria com esta nova empresa. Outro ponto importante é a quantidade de dados e conseqüentemente de informações, para melhorar as decisões futuras. Este vínculo pode ser realizado pelos centros de empreendedorismo das IES, e devem usar as tecnologias mais adequadas e apropriadas para a educação empreendedora, ou seja, utilizar da melhor forma possível para atingir os objetivos as atividades e técnicas educacionais tradicionais e as mais modernas. Deve-se neste contexto disponibilizar ao máximo os recursos disponíveis dentro das IES, criando com isto, um mundo dos negócios mais próximo do real, com apoio na formação de novos negócios.

Para Guerra e Grazziotin (2010) as IES devem liderar as mudanças para que haja uma formação crítica e criativa dos alunos, pois passam a ser matérias primas para um ambiente empreendedor rico em novos projetos, haja visto, que nesta etapa da vida os indivíduos apresentam capacidade de energia para realização vigorosa, associado a criatividade que podem proporcionar excelentes resultados. Novamente, o professor, se torna peça fundamental nesta proposta de mudança, buscando proporcionar aos alunos outra opção na sala de aula, que os coloque em contato com o mundo empreendedor e os incentive a participar de uma aventura de criatividade. Esta iniciativa do professor, é fundamental para a construção de uma sociedade mais engajada com o desenvolvimento socioeconômico.

Etzkowitz (2013) aponta que as IES que ampliam suas ações empreendedoras para a comercialização das pesquisas desenvolvidas, é visto em alguns momentos como concorrente das próprias indústrias e empresas que estão na área da pesquisa, mas também são vistas em outros momentos como parceiras. Nem toda IES se enquadra no modelo de comercializar suas pesquisas e não tem objetivo de melhorar a sociedade. Mas existe um movimento universal, em direção contrária, que busca a transformação IES em instituições empreendedoras.

Lopes (2010) considera que para se inserir o empreendedorismo tanto os governos como as IES, devem focar em três alternativas, que são: parte da matriz curricular mais geral, com a disponibilidade um amplo cardápio de recursos; parte suplementar da matriz curricular, com um número de professores disponível para o empreendedorismo baixo limitando as atividades relacionadas; e atividade extra da matriz curricular, com a dependência de pouquíssimos professores, e em muitos casos necessitando de terceiros.

Para Póvoa (2008) é muito raro a empresa que inova sozinha. Para que isto aconteça a empresa precisa da colaboração de outras organizações e dentre as principais são as IES que podem promover uma transferência de tecnologia com maior propriedade, pois envolvem diversos aspectos técnicos que dificultam o desenvolvimento solitário.

Guaranys (2010) afirma que as IES possuem tanto a capacidade de estabelecer um objetivo estratégico como a de estabelecer metas acadêmicas e proporcionar que o conhecimento produzido se transforme em utilidade socioeconômica. É importante considerar alguns caminhos para uma IES se transformar empreendedora: primeiramente deve reforçar o corpo gerencial; estabelecer unidades de apoio diferentes das tradicionais, como o setor de transferência de tecnologia, assessoria e consultoria, educação continuada e um setor que engaje todas as disciplinas; estabelecer uma base de financiamento diferenciada e diversificada; possuir os departamentos tradicionais comprometidos com o empreendedorismo; e promover internamente a cultura empreendedora.

Etzkowitz (2013) coloca que a geração de novos negócios, com aumento de receita, está relacionada ao processo de pesquisa. Diante destes fatos o pesquisador entendeu que precisa se aproximar mais dos problemas das organizações. Depois destes avanços, as instituições governamentais de todas as esferas, perceberam que as IES com um apoio de instrumentos de capital de risco, mais a implementação de uma incubadora poderia gerar em maior proporção o desenvolvimento socioeconômico, inclusive com renovações para os modelos tradicionais da região.

Guaranys (2010) reforça que as IES empreendedora que adota como estratégia o desenvolvimento regional socioeconômico, necessitam de uma mudança na sua lógica interna do desenvolvimento econômico. Precisam integrar as ações relacionadas ao setor produtivo com o ensino e treinamento, com a pesquisa e a geração de novas empresas, principalmente na busca por elevar o nível tecnológico.

Para Andrade e Torkomian (2001) a busca por competências empreendedoras através do ensino e do estímulo dentro das IES é poder criar possibilidades deste aluno utilizar estas competências nas mais diversas áreas dos negócios, podendo criar oportunidades dentro da sociedade, nas organizações e com a busca de suas realizações pessoais.

Cunha e Neto (2005) coloca que existe um grande desafio das IES por introduzir a educação empreendedora nos mais diversos cursos existentes no país, disponibilizando assim a possibilidade de todos poderem criar oportunidades pelas mais diversas necessidades e problemas da sociedade. Desta forma pode-se preparar melhor os futuros profissionais para um mercado que cada vez se torna mais incerto pela garantia de emprego, criando assim outras possibilidades e não apenas trabalhar para uma grande empresa.

Com as definições de IES empreendedora, agora serão apresentadas as principais adversidades para se entender a verdadeira situação nesta trajetória.

Cunha e Neto (2005) entende que o empreendedorismo começou a surgir a partir do momento em que o emprego se tornou mais escasso, sem oportunidades de trabalho para as sociedades, e sem oportunidades de trabalho os indivíduos acabam buscando o empreendedorismo por necessidade.

Para Lopes (2010), as iniciativas da educação empreendedora estão fortemente vinculadas com os objetivos e habilidades das lideranças da IES. O processo de mudança cultural é moroso e lento, pois o foco hoje na grande maioria das IES é formar apenas a mão de obra para as empresas e a grande maioria dos professores não estão dispostos a saírem de sua zona de conforto de apenas passar o conhecimento.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) relata que a grande maioria dos cursos de graduação só operam na formatação de formar mão de obra para as grandes empresas e que para iniciar um processo de educação empreendedora a IES dispor em sua matriz curricular das disciplinas específicas relacionadas ao assunto. Desta forma terá um ponto de partida para o departamento ter uma melhor evolução e expansão do programa de educação empreendedora.

Lavieri (2010) aborda o fato das IES só focarem como indicador de excelência a questões da colocação do indivíduo no mercado de trabalho. Esta preocupação deve sim existir, porém, não deve ser o único objetivo da IES. É importante sempre acrescentar a este cenário, questões como o papel do professor diante das enormes mudanças que acontecem ano a ano, mais as injustiças sociais, que apresenta na educação um papel essencial para o progresso social.

Guerra e Grazziotin (2010) coloca que o modelo tradicional da educação das IES, permite apenas a introdução do aluno como um componente que irá fazer parte de um sistema já existente, ou seja, criar apenas peças que se adaptam e se

integram em tecnologias importadas, um paradoxo forte quando se fala de empreendedorismo. A formação dos nossos estudantes ainda se baseia na visão de apenas obter resultados imediatos, olhar as questões socioeconômicas mais amplas de médio e longo prazo precisam fazer parte dos novos modelos, um fato que precisa ser analisado, mudado e intensificado, já que se deseja colocar o empreendedorismo como disciplina protagonista da nossa educação.

Filion (2003) considera que o maior problema dentro do atual sistema de educação empreendedora, é que ainda continuamos a formar profissionais para a busca de empregos em grandes empresas. As metodologias, atividades e ferramentas estão inadequadas para as novas condições do mercado de trabalho. A formatação pedagógica está para ser aplicada em grandes corporações tradicionais, e não houve nenhuma adequação e nenhuma atualização. Um dos fatos para este desajuste, é a distância entre as IES e o mercado, principalmente com o surgimento de novas empresas e novas necessidades. O importante é criar programas específicos e mais pontuais, para que se atinja determinados públicos alvos, como jovens, mulheres e desempregados. Estes grupos são mais abertos e se interessam pelo empreendedorismo de forma mais natural.

Para Lavieri (2010) a grande maioria das IES, tem por principal objetivo apenas formar indivíduos para as grandes corporações no Brasil, no qual acabam em funções especializadas em apenas um pedaço da organização, e com o domínio de métodos gerenciais adquiridos de forma fragmentada, que as tornam profissionais sem a visão global das empresas, com muita falta de flexibilidade, característica tão demandado nos dias atuais. Esta configuração das IES em apenas formar indivíduos para as grandes empresas está em falência, pois ao final da jornada, mesmo com o diploma em mãos não é mais garantia de emprego. Os próprios alunos já vêm entendendo que conquistar uma graduação não é mais sinônimo de sucesso profissional.

Bedê (2010) considera um verdadeiro desafio a mudança comportamental dos jovens brasileiros, diante do fato de ser prioritário a formação para ser empregados em grandes empresas ou para setor público, o que ainda é valorizado pela sociedade brasileira. Não são formados jovens que tenham disposição a correr riscos calculados e com isto falta muita iniciativa para atividades mais empreendedoras como profissionais formados. Existe a necessidade de mudanças impactantes na forma de ensino do empreendedorismo dentro das IES.

Cunha e Neto (2005) considera que o grande desafio das IES não está apenas na mudança das suas formas de ensino, mas sim na visão de mundo que se espera por parte das mesmas, pois o ensino é considerado o grande agente e o mais efetivo na mudança cultural. Para que a cultura empreendedora se consolide é necessário que haja um discurso, principalmente dos docentes das IES, que transbordem os muros acadêmicos, proporcionando uma consciência coletiva maior por parte da sociedade.

Filion (2003) entende que o empreendedorismo ainda é visto, por grande parte da sociedade, como apenas uma simples prática de negócios e não como de fato é para ser: o empreendedorismo é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento das sociedades. Para isto é necessário se desenvolver as dimensões relacionadas ao autoconhecimento, aprendizado contínuo (saber – ser), desenvolvimento da liderança, juntamente com o desenvolvimento das atividades de negócios.

Degen (2010) afirma que o crescimento socioeconômico de uma região ou mesmo um país, está diretamente ligado a tamanho da motivação da atividade empreendedora, ou seja, quanto maior o número de empreendedores por oportunidade formados, o impacto no desenvolvimento socioeconômico será maior. Isso porque, os jovens estão mais bem preparados para criar negócios com foco na inovação e em novas tecnologias, com grande potencial de se tornarem sustentáveis, o que proporcionará assim mais riqueza, empregos e impostos para a região. Diferentemente de empreendedores que são motivados por necessidade, e que apresentam pouco resultado para o desenvolvimento socioeconômico, pois não são sustentáveis e sem inovação, geram postos de trabalho com pouco impacto para a região. Um dos fatores que alteram estes resultados são vistos com uma forte educação empreendedora ofertada através das IES, centros de pesquisa e de tecnologia, e a disponibilidade de capital de risco, somada a profundidade do mercado com uma infraestrutura e a legislação que contribua para operacionalização da atividade empreendedora.

Guerra e Grazziotin (2010) apresentam que os desafios brasileiros para a educação empreendedora perante a educação formal dentro das IES devem ser de superação, pois há uma estrutura sócio pedagógica enraizada a anos e que deve ser superada para que ocorra inovação surgindo dentro das IES e atingindo o mercado com propriedade. O empreendedorismo não é considerado assunto prioritário na

cultura nacional, isto vem se demonstrado ao longo de toda história, e quando há empreendedorismo ele acontece por necessidade e não por oportunidade.

Lavieri (2010) levanta que o problema da formação empreendedora dentro da forma pedagógica que se apresenta dentro nas IES, é deterioração do conteúdo, ou seja, as IES isolam as disciplinas de forma inflexível, sem que uma área tenha acesso a outra, provocando temas e assuntos repetitivos e sem nenhum tipo de conexão sem visualizar uma visão integrada da corporação. Muitas das IES em que desenvolvem a disciplina empreendedorismo apresentam o conteúdo da matéria de forma descontínua com o restante da matriz curricular e os respectivos docentes ignoram o que é ensinado, não fazendo nenhuma correlação com o que é transmitido em sala. O problema é tamanho, que mesmo as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo dentro das IES, ser uma das mais procuradas, é conduzida como uma disciplina optativa, ou seja, está em segundo plano.

Guerra e Grazziotin (2010) colocam que o sistema educacional brasileiro foca apenas em questões analíticas, no qual se avança dentro de uma estrutura totalmente programada e sem incertezas, fazendo com que o estudante tenha uma postura passiva ao longo dos anos na sua jornada estudantil, tornando-o um profissional inseguro diante de um sistema que as incertezas são predominantes. Há uma grande necessidade de mudança, promover a construção de ambientes que promovam a convivência com o novo e com o inusitado é essencial para o mundo atual. Dentro desta proposta de mudança é prioritário a atração de mecanismos e ferramentas que possam desenvolver a educação com a mentalidade empreendedora.

Lavieri (2010) considera que os métodos e ferramentas que são aplicados na formação dos indivíduos dentro das IES foram desenvolvidos para serem aplicados em grandes corporações, o que se torna pouco aplicável nas pequenas e microempresas pelo simples fato de estarem muitas delas em um estágio inicial. O que se aplica hoje são formas resumidas no que se ensina para as grandes corporações. Quando se fala em ferramentas para o empreendedor, se apresenta apenas os famosos planos de negócios, conceitos gerenciais básicos e noções de fluxo de caixa. Poucas IES apresentam ferramentas e métodos específicos, porém sem nenhuma concordância, para o empreendedor das pequenas e microempresas.

Lopes (2010) visualiza que os principais desafios para a educação empreendedora estão nas questões da forma tradicional de ensinar e transmitir dentro

do contexto de estimular, desenvolver e promover o pensamento criativo e inovador. Há uma forte necessidade de promover formas diferentes de se pensar e experimentar o processo da criação e da inovação, e para isto busca-se interação com as dificuldades reais, as circunstâncias e os indivíduos.

Filion (2000) faz um questionamento, diante da percepção de aumento das necessidades de desenvolver programas, cursos e atividades relacionados ao empreendedorismo, de qual é a diferença do que se ensina no gerenciamento e no empreendedorismo, quais os conteúdos devem possuir numa formação empreendedora, quais cursos a serem oferecidos, e quais as metodologias a serem utilizadas em todo este contexto.

O outro lado do contexto necessita ser questionado por parte de todos, principalmente se deve preparar os jovens para os mercados futuros, quais os processos educativos que apresentam melhores resultados, com uma atitude mais prática, pois existe um vasto caminho no processo educativo. (LAVIERI, 2010)

Etzkowitz (2013) comenta que durante muito tempo o papel da IES ser formadora de novas empresas foi considerado uma heresia para atores acadêmicos, mas que este conceito vem se reformulando ano a ano. Com a formação de alguns docentes na educação empreendedora, este conceito se fortalece e contribui para o surgimento de novas empresas oriundas dentro das IES.

Fowler (2010) argumenta que existe uma demanda para o desenvolvimento de profissionais com habilidades gerenciais e pessoais além das habilidades técnicas desenvolvidas pelos cursos. Existe uma insatisfação geral com relação aos tradicionais modelos de ensino da IES na formação do perfil profissional. Isto se explica pelo cenário de extrema competitividade que vem se estabelecendo ao longo dos últimos anos, tanto em âmbito nacional, quanto como globalmente e em diversos setores.

Lavieri (2010) argumenta que mesmo para trabalhar em uma grande empresa, há vantagens de se desenvolver características empreendedoras. Hoje muitas empresas vêm estimulando o empreendedorismo dentro e fora da corporação, por entender que a inovação é o principal fator de competitividade numa economia globalizada. E para que a inovação ocorra com maior eficácia e propriedade é determinante que o próprio autor da ideia desenvolva o projeto, pois entende que a criatividade não pode estar desvinculada das atitudes empreendedoras, pois caso aconteça não irá para frente os projetos.

Guerra e Grazziotin (2010) afirma que o trabalhador brasileiro, não apresenta as qualificações adequadas, tornando-os despreparados para um mundo globalizado e altamente competitivo, tornando-os com alto custo, acabam sendo apenas seguidores de tecnologias advindas de outros países. Este cenário acaba dificultando a educação empreendedora.

Em Guerra e Grazziotin (2010) ainda se destaca que a condição que o jovem brasileiro chega ao mercado de trabalho, as organizações, está diretamente ligado a como eles são desenvolvidos durante a trajetória nas IES. Esta formação é a estrutura base para os quais se construirão diversos conceitos que o tornarão mais ativos dentro das empresas que estarão a frente. Para isto há a necessidade de uma educação empreendedora que promova ferramentas e técnicas capaz de mostrar os caminhos para que as novas ideias sejam desenvolvidas, desta forma o empreendedorismo será praticado no seu dia a dia dentro das IES.

Franco e Gouvêa (2016) afirma que o empreendedorismo não está relacionado a uma única variável, percebe-se sim que se correlaciona com diversos aspectos, dentre eles os socioeconômicos, psicológicos, gerenciais e históricos. Portanto, não basta só entender o indivíduo empreendedor, deve se observar outros aspectos com organizações e ambientes envolvidos no desenvolvimento do empreendedorismo.

Rocha e Bacchi (2010) afirma que a dificuldade de entrar, mais a dificuldade de permanecer no mercado de trabalho, devido a elevada competitividade vem gerando nas IES a preocupação em fornecer profissionais que não dependam deste modelo com o vínculo empregatício tanto relacionado a grandes empresas como aos cargos públicos. Tal modelo vem se tornando cada dia mais ultrapassado devido as constantes alterações nas relações de trabalho e de produção. Por outro lado, tornando crescente cada vez mais a formação de empreendedores.

Filion (2003) coloca que uma das maiores indagações dentro dos conceitos do empreendedorismo, é a questão, de que se é possível ensinar ser empreendedor e a resposta é positiva, pois pode-se ensinar em qualquer idade da vida e nos mais diversos mercados. É importante ressaltar que necessário desenvolver uma engenharia pedagógica focada para a formação empreendedora, fazer com que o conhecimento se canalize de tal forma a realizar o melhor em cada indivíduo. Empreendedorismo é um acontecimento cultural, que se aprende basicamente na prática, com as orientações de quem já experimentou ser empreendedor, e com a

difusão dos principais valores. As competências são colocadas nas IES e comprovadas junto a aproximação com empreendedores que passam sua experiência para os futuros.

Bernardes e Martinelli (2003) coloca que para a formação de empreendedores, não basta adicionar disciplinas focadas em gestão de pequenas e médias empresa. Precisa muito mais do que isto, pois nem todo gestor de pequenas e médias empresas é um empreendedor. É preciso que as disciplinas sejam voltadas para inovação e tecnologia, juntamente com aspectos humanos para a formação de um empreendedor.

Degen (2010) aborda problemas como o ensino do empreendedorismo dentro das IES não ser destinado para quem tem interesse no assunto, acaba sendo apenas mais uma disciplina para o aluno cumprir e não traz propósito algum. Outro problema é a disciplina ser apresentada em um único semestre, o que acontece em muito dos cursos, não havendo tempo hábil para se desenvolver qualquer modelo de negócios com maturidade das ideias com pesquisas apropriadas. Portanto para o autor considera importante que as disciplinas sejam ofertadas para quem de fato queira empreender e que já tenha uma determinada experiência e amadurecimento profissional.

Lavieri (2010) argumenta que com tantas possibilidades de se desenvolver eventos promovendo o empreendedorismo ou mesmo uma parte do empreendedorismo, muitos docentes abrem mão destas ações e permanecem passivos dentro da sala de aula.

De acordo com Lavieri (2010), a visão equivocada que o empresário sempre foi o explorador dos pobres, em detrimento de seu sucesso, mais a cópia de modelos de aprendizado que foca em ensinar e a fazer planos de negócios apenas para se tornar empreendedor dificultam o avanço do empreendedorismo.

Todavia Lavieri (2010), considera que a educação empreendedora já está em curso e que os problemas e dificuldades também estão explanados, portanto faz um questionamento se é possível formar empreendedores, o que deve ser ensinado ao futuro empreendedor, ou se o empreendedor já não existe na sociedade e tudo isto acaba sendo uma perda de tempo. Deve-se estabelecer um indicador para apresentar as vantagens em oferecer a formação empreendedora.

Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008) colocam que o ensino do empreendedorismo vem sendo considerado dentro das IES em suas grades de

ensino. Nota-se uma evolução para que haja sinergia com os processos e as atividades didáticas e pedagógicas mais assertivas para o aprendizado, embora sem sair muito do modelo tradicional de ensino. É evidente que dentro das práticas pedagógicas é predominante a preferência por atividades modernas e práticas, como simulações de negócios, uso de jogos, desenvolvimento de empresas virtuais ou até mesmos reais, visita a empresas e a empreendedores e estudo de casos.

Fowler (2010) considera que há uma lacuna entre o avanço tecnológico e a capacidade de organização em transformar estes avanços em negócios e em desenvolvimento socioeconômicos, que possam proporcionar mudanças globais. O papel da educação neste contexto passa a ser primordial para esta transformação e diminuição desta lacuna.

Póvoa (2008) aborda que o ciclo do conhecimento nos países em desenvolvimento é deficiente, a grande maioria dos estudantes de pós-graduação permanecem na academia ou na área pública, dificultando assim os avanços tecnológicos que acabam na sua grande maioria sendo apenas por treinamentos e disciplinas específicas dos cursos. São muito poucos as iniciativas de transformar o conhecimento em novos negócios. Por isto a IES tem papel fundamental para transformar este cenário e proporcionar o surgimento de novas empresas de base tecnológica na sociedade.

Etzkowitz (2013) afirma que o maior volume na geração de conhecimento não significava que este se converterá em maior produtividade econômica, mesmo que este conhecimento transite nas mais diversas fronteiras a sociedade. É preciso que se trabalhe mais as questões de inovação para que este conhecimento seja aproveitado de forma a gerar mais riqueza para as regiões e para as nações. Esta situação é evidente quando analisado o Brasil, houve um forte crescimento na geração de conhecimento, porém não se refletiu num número maior de novos negócios, embora tenha se apoiado o crescimento de ambientes que favoreçam o surgimento de novos negócios, como o caso das incubadoras.

Póvoa (2008) considera que há uma diferença significativa entre países desenvolvidos e em desenvolvimento quanto as IES. Nos países desenvolvidos as IES estão promovendo cada vez mais a geração de novos negócios através do surgimento das novas tecnologias. Já nos países em desenvolvimento esta prática é muito incipiente, mesmo que tenha evoluído nos últimos anos.

Já existe um entendimento que a formação empreendedora apresenta vantagens, porém a cultura das IES ainda é conservadora e resistente, apresentando em muitos casos apenas em sua matriz curricular uma disciplina isolada relacionada ao assunto e em outros casos a formação de um grupo de docentes que defendem está causa e se propõe em fazer algo diferente e assim sair da zona de conforto. Existe muita resistência interna por parte da grande maioria que compõe nas IES, há pouco esforço para tornar o empreendedorismo foco de um currículo de graduação. (LAVIERI, 2010)

Degen (2010) considera que em muitas IES já existe cursos de empreendedorismo, juntamente com alguns centros com foco nesta temática, que busca capacitar o jovem a trilhar esse novo caminho, porém a maioria destas instituições não possuem competência profissional para identificar oportunidades de novos negócios, mesmo cases de sucesso já consolidados para usar como exemplos dentro dos cursos.

Etzkowitz (2013) afirma que é comum haver uma oposição ao novo papel da IES ser empreendedora e que esta situação deve passar por uma evolução natural ao longo dos tempos. Ainda se verificar muitas diferenças e distorções no envolvimento das pesquisas por parte dos docentes, gerando muita confusão no momento de comercialização das mesmas. As IES precisam ir muito além de simplesmente comercializar as licenças das pesquisas, necessitam promover mais a geração de empresas oriundas dessas pesquisas. Com este processo estabelecido não significa que a IES abrirá mão das suas funções básicas de ensino e de pesquisa.

Lopes (2010) entende que é interessante que todas as nações incentivem a cultura empreendedora, e que as IES façam iniciativas de educar e treinar os possíveis empreendedores. Há uma boa referência do que já foi feito em anos anteriores, portanto, deve-se avaliar o que é importante para a educação empreendedora, se o empreendedorismo pode de fato ser ensinado, de que forma e o que ensinar.

Etzkowitz (2013) considera extremamente importante nas agendas políticas e econômicas dos dias atuais, a abordagem da geração de novas empresas empreendedoras para o crescimento socioeconômico para as regiões. Para que haja uma mudança significativa na tradicional economia que hoje se visualiza nos grandes centros, para começar é necessário que exista programas de empreendedorismo

dentro das IES como início desta mudança, acrescentando a este novo contexto parte da missão da IES, o desenvolvimento socioeconômico.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) apontam que a educação empreendedora está em processo de crescimento contínuo e sendo cada vez mais valorizada pela sociedade contemporânea. O empreendedorismo sempre foi o principal responsável pela evolução da sociedade, com a apresentação das mais diversas soluções para as suas necessidades, portanto, qualquer que seja a energia despendida para o aumento e o desenvolvimento do empreendedorismo deve ser estimulada com total vigor. Diante deste contexto as IES, possuem papel fundamental para o aumento destas atividades, porém pode-se instituir um entusiasmo momentâneo com rejeição posterior, por considerarem o assunto como modismo passageiro. Isto se apresenta quando o assunto é mal introduzido e, por conseguinte, mal compreendido por todos. As ações empreendedoras não respeitam as características da organização, pois existe a necessidade de uma mudança de posicionamento por parte das lideranças da instituição, podendo inclusive ocorrer mudanças de pessoas. Para que haja consistência e perdure a implantação de um programa de educação empreendedora, é necessário que se faça uma profunda ponderação e entendimento da situação da instituição, observando as principais características da organização e adequando as formas de aprendizagem a esta evolução.

Etzkowitz (2013) considera que nos últimos anos as IES vêm buscando, cada vez mais formas de se agregar valor as tecnologias em fase inicial de desenvolvimento, compondo dentro do contexto das pesquisas a realização de pesquisas de mercado, apoio para o desenvolvimento e para a transferência da tecnologia para alguma empresa. Outra atividade neste contexto, é a criação de microempresas dentro da IES através dos empreendedores. Esta concepção de empresa dentro das IES, durante muitos anos foi considerada uma atividade informal e apenas a partir da década de 1980, passa a ter apoio ao surgimento de empresas dentro das IES através das incubadoras, tanto com o apoio de espaços como serviços de assessorias para o desenvolvimento das empresas.

Andreassi e Fernandes (2010) explicam que com a redução dos postos de trabalhos oferecidos pelas grandes organizações, o aumento do tempo de trabalho e os cases de sucesso de empreendedores enriquecendo com grandes ideias inovadoras, as IES passaram a ter o empreendedorismo como um grande diferencial

na manutenção e na captação dos alunos, fortalecendo a educação empreendedora com a disponibilização de diversas ferramentas, como centros de empreendedorismo e incubadoras de empresas dentro das IES.

Etzkowitz (2013) argumenta que o papel da IES vai muito além da simples graduação, deve-se estender principalmente para depois da formação dos seus alunos. Deve-se manter esta relação para captar informações que possam contribuir para o ajuste do programa empreendedor atual. A IES pode programar eventos, como rodadas de negócios, para resgatar e trazer para os círculos alunos egressos, podendo ter como resultado, novos negócios e novas empresas.

Lavieri (2010) considera que o foco das IES vem mudando, não está somente em colocar o empreendedor para administrar pequenas empresas. Existe a aplicação de inúmeras ferramentas, metodologias e propostas, ambientes e locais por partes de algumas IES na aplicação do empreendedorismo. Isto tudo se traduz na nova forma de enxergar o empreendedorismo, que se entende como a alavanca para a economia, com a geração de renda e novos postos de trabalho para a sociedade. Há uma consonância de que o empreendedorismo é a verdadeira resposta para a busca do desenvolvimento em países ainda emergentes.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) declara que outro aspecto importante para o avanço da educação empreendedora, é a quebra de paradigma com relação ao foco, pois o modelo educacional atual estabelece apenas questões de negócio e a forma de ganhar dinheiro, não olhando a importância de temas que não estão relacionados ao assunto. Para que haja sucesso na implantação, o programa deve ter foco no desenvolvimento do conhecimento, habilidades e atitudes, com temas que possam proporcionar uma aplicação empreendedora real.

Andreassi e Fernandes (2010) complementa que o ensino do empreendedorismo no Brasil ainda está, em grande parte nas IES, focado em elaborações de planos de negócios (*business plan*), onde o empreendedor decide começar um novo negócio sem ter muitas informações, com a técnica de tentativa e erro, busca realizar a primeira venda, ainda com as parcerias realizadas por meio desta experimentação inicial, mas sem muito futuro de continuidade. Existe um grande desafio para transformar este modelo dentro das IES, com a aplicação de metodologias mais ágeis e assim poder transformar os jovens em empreendedores de oportunidade de fato.

Filion (2003) recomenda que haja um diagnóstico detalhado, observando as estruturas, mas também todos os padrões existentes de gestão dos cursos. Depois de uma análise profunda é necessário fornecer as condições apropriadas para se estabelecer o aprendizado do empreendedorismo, com possibilidade de transferência e de conexão do conhecimento.

Fowler (2010) defende um programa de desenvolvimento do empreendedorismo dentro das IES, sendo que este programa complementaria a educação, o treinamento e a pesquisa dentro da matriz curricular. Trazendo a parte prática da educação empreendedora, considerada a etapa mais difícil de se desenvolver, ou seja, quando alguém surgir com uma ideia ou um produto (bem ou serviço) inovador, o programa deverá, através dos professores e alunos, promover a validação técnica e comercial, a viabilidade do negócio, partindo para o desenvolvimento com alterações necessárias ao produto se necessário for. Com esta proposta todos os envolvidos no processo do desenvolvimento da empresa poderiam ser sócios e assim participar dos lucros, retroalimentando o sistema das IES, para poder promover assim novas empresas e aprimorar os serviços disponibilizados.

Etzkowitz (2013) não considera nova a geração de empresas por professores, mas somente nos últimos anos que as IES vêm promovendo e incentivando esta prática por parte dos colaboradores juntamente com os alunos. Permitindo inclusive que os professores que passem a ser sócios destas empresas permaneçam lecionando na instituição. O Massachusetts Institute of Technology (MIT) e Stanford foram os pioneiros neste conceito, o que incentivou outros lugares a propagarem esta prática.

Fowler (2010) estabelece que a educação empreendedora é uma excelente forma de captação de novos empreendedores, porém sempre há o questionamento de como fazer o programa para que aconteça de fato a educação empreendedora. Dentro das práticas recomendadas, a principal diretriz é buscar estabelecer o equilíbrio entre as disciplinas ofertadas e o desenvolvimento da cultura empreendedora. Ofertar os conhecimentos técnicos, como finanças, marketing, gestão, recursos humanos, entre outros, mas também desenvolver habilidades de apreender a aprender e de atitude, pela dinâmica do mundo de hoje que a mudança é constante. Outra contextualização que deve ser colocada no mundo da educação empreendedora é de que não existe um único caminho.

Lopes (2010) explana que são muitas as influências para a formação empreendedora, nas quais destaca: a própria personalidade; a formação familiar; as questões de etnia/ cultura e religião, assim como contato com negócios; e modelos e experiência com algum tipo de emprego. Mas dá muito destaque para as influências da educação e dos treinamentos que contribuam para uma formação empreendedora, que venha a estimular as atitudes, conhecimentos e habilidades específicas para o empreendedorismo, além da alternativa de seguir outro caminho.

Degen (2010) considera importante que as IES promovam ações, com alunos e ex-alunos que tenham disposição a empreender, em áreas que promovam o crescimento sustentável, com a redução da pobreza e na busca por oportunidades. Esta estrutura irá atrair investidores e fundos de investimentos para o ecossistema desenvolvido, pois sempre há o interesse por soluções que otimizem os recursos e os lucros.

Filion (2003) entende que uma sociedade empreendedora é aquela que proporciona ao ecossistema a troca de informações e conhecimentos, por meio de iniciativas das mais diversas magnitudes. Para isto, é importante estabelecer a transmissão dos valores empresariais para públicos já empreendedores e aqueles que buscam este caminho. Para tal conceito se estabelecer, recomenda-se a realização da semana do empreendedorismo, no qual os empreendedores podem participar das atividades oferecidas. São disponibilizadas atividades com temas específicos durante a semana para se atingir públicos específicos. O importante é que durante a semana se estabeleça um ciclo de atividades muito intensa, como treinamentos, cursos ou mesmo concursos, promovendo a troca de informações e conhecimentos. Estes instrumentos são importantes para o desenvolvimento das atividades de empreendedorismo, mas precisam ser monitoradas, avaliadas e sempre em constante atualização e adequação para não correr o risco de ficar desatualizada e sem sentido.

Rocha e Bacchi (2010) afirma que as IES vêm introduzindo em seus cursos as disciplinas relacionadas a empreendedorismo, porém, isto se torna um paradoxo bem forte, pois ainda continua como objetivo principal a formação do indivíduo para trabalhar dentro das grandes empresas somente, e não o indivíduo como empreendedor. Este tem sido um dos grandes paradigmas nos últimos anos dentro dos estudos relacionados ao ensino do empreendedorismo dentro das IES. A abordagem do ensino de empreendedorismo dentro das IES deve ser com foco nos processos de inovação, criação e desenvolvimento de novos negócios ao invés da

tradicional formação clássica para simples colocação no mercado de trabalho. Deve-se buscar o equilíbrio entre a formação clássica e a formação com a aplicação de atividades que desenvolvam as habilidades e competências empreendedoras.

Filion (2000) argumenta que, mais do que ensinar um conteúdo, é a forma como se ensina. E nos casos do programa educacional para empreendedorismo, deve-se estabelecer uma forma que proporcione o conceito do aprendizado contínuo e estabeleça um ambiente que deixe os jovens à vontade para desempenharem o papel empreendedor.

Portanto, Filion (2000) coloca que os métodos educacionais e treinamentos devem ser bem diferentes para a formação de empreendedores e os gerentes que buscam apenas trabalhar nas grandes empresas. Na formação para empreendedores deve-se focar a busca pelo autoconhecimento e na cultura da liderança, com atividades voltadas para a progressão individual, com desenvolvimento de ambos os lados do cérebro, aprimoramento de modelos que exercitem atividades específicas e reais, desenvolvimento da perseverança, da determinação, da criatividade e da flexibilidade. Outra proposta que é fundamental para a educação empreendedora de sucesso é a criação de know-how, principal atividade dos empreendedores que permite ao empreendedor, diagnosticar e entender o mercado em que vão atuar, perceber as oportunidades de negócios, traçar objetivos e metas definindo visões de futuro, e estruturar os processos críticos de sucesso, sempre com o objetivo de ocupar uma posição no mercado proposto. A ideia de se definir estas características de autoconhecimento e know-how é estabelecer um modelo mental empreendedor, por esta razão deve-se introduzir muitas práticas, estudos de casos, sempre procurando adequar as situações do momento e das necessidades.

Guerra e Grazziotin (2010) consideram que o empreendedor deve ser formado não apenas em um local isolado, como uma sala de aula sem a realidade dos fatos, mas sim, em um ambiente que o questionamento e a criatividade sejam a base para o indivíduo empreendedor. Este papel deve ser protagonizado pelas IES, com a formação de uma rede de conhecimentos e competências capazes de proporcionar ao aluno a transformação dos seus sonhos, seus objetivos e suas ideias em negócios reais. Sempre existe o objetivo de investigar e entender como as ideias empreendedoras se desenvolver dentro das IES e como são processadas para que se transformem em negócios.

Existem diversas formas de promover o empreendedorismo dentro das IES, uma delas é promover eventos, tais como, feiras para jovens empreendedores ou mesmo um centro de empreendedorismo dentro da IES, com possibilidade de cursos, palestras, workshops, desafios que sejam correlacionados com o assunto, podendo ser apoiados por instituições de fomento, associações governamentais ou não. (LAVIERI, 2010)

Lopes (2010) considera que há a necessidade de se aprofundar nos questionamentos para entender melhor a educação empreendedora, portanto deve-se haver uma reflexão profunda nas questões de como os empreendedores aprendem, como a capacidade empreendedora se desenvolve e como ampliar e facilitar a aprendizagem. E com resposta as estas questões, haveria a possibilidade de formatação das formas de ensino mais eficientes, inclusive customizada por indivíduos. A educação empreendedora deve ser um processo dinâmico de sensibilização, conscientização, interação, ponderação, cooperação e atitudes que visem o objetivo de transformar o conhecimento e a experiência em resultados práticos e com valor agregado alto.

Guerra e Grazziotin (2010) complementa que a IES, tem ainda a grande responsabilidade de disseminar mentes criativas dentro de sua missão como educadora. A criatividade está totalmente ligada a mentalidade empreendedora, sendo ela, o primeiro passo para algo empreendedor. Dentro da cultura empreendedora deve-se estabelecer na formação, atividades que incentivem a criatividade para poder proporcionar a busca por soluções diferentes das que já existem. Conforme apresentado, na busca de uma mentalidade empreendedora, se a IES de fato quiser fazer algo diferente, deve colocar como atividades essenciais as questões relacionadas a criatividade e interdisciplinaridade.

Lopes (2010) declara que os objetivos de uma educação empreendedora hoje são muito diferentes e amplos de uma IES para outra. Podem dar prioridade para a formação do empreendedor, aquele que busca por oportunidades e ainda está numa fase anterior a criar um negócio. Ou mesmo focar nos indivíduos que já estejam em fase de criar algo, juntamente com aqueles que estejam já avançados e preocupados com uma estratégia para se tornarem competitivos. A seguir alguns exemplos desta diversidade de objetivos:

- Esclarecer a importância do empreendedorismo e da opção de uma carreira empreendedora como futuro – aprender sobre o empreendedorismo;

- Promover o desenvolvimento de atitudes, habilidades e comportamentos empreendedoras, apreender a se estabelecer como empreendedor – foco no negócio;
- Desenvolver competências necessárias para o futuro: criatividade, assumir riscos e assumir responsabilidades;
- Promover o desenvolvimento de empreendedores, aprender a agir de forma empreendedora, ensino com foco no indivíduo;
- Promover o surgimento de novos negócios, principalmente inovadores;
- Criação de empregos;
- Ampliar conhecimentos, técnicas, ferramentas e habilidades destinado ao ambiente dos negócios e importantes para o nascimento de uma empresa;
- Assessorar os empreendedores e as empresas, com conhecimento, técnicas e ferramentas a buscar uma melhor competitividade e inovação.

Todavia, para Lopes (2010) é evidente que com diversos objetivos, há a necessidade de focar em diversos públicos-alvo, que por estarem em estágios distintos de negócio, possuem necessidades diferentes de aprendizados, com técnicas e ferramentas apropriadas.

Andrade, Vieira e Torkomian (2010) considera que a primeira ação a ser feita dentro da mudança de contexto dentro da IES é a revisão da estratégia quanto ao significado ao termo empreendedorismo para a comunidade docente de uma forma geral. Deve-se estabelecer mais que apenas abrir um negócio, deve-se olhar para a viabilização do propósito, construindo habilidades para a realização de ações para o futuro profissional da instituição, independente da ocupação deste profissional.

Guerra e Grazziotin (2010) define que a estratégia pedagógica para a formação da mentalidade empreendedora nas IES que adotarem como estratégico o assunto, deve-se fazer de forma integrada e que permeie todo o curso, com uma construção crescente e gradativa ao longo de todo o período do aluno dentro da IES. Não se trata de apenas uma única disciplina ou mesmo assuntos dentro da sala de aula. Deve ser parte do dia a dia de todos dentro da IES, sendo que os professores necessitam praticar de forma integrada a todas as disciplinas, a IES e a sociedade. As IES devem proporcionar um ambiente favorável para todo este processo, proporcionando o aluno a aplicação, a experimentação e a incorporação de

habilidades essenciais para o desenvolvimento do empreendedor num mundo altamente competitivo.

Lopes (2010) propõe que o ponto fundamental na educação empreendedora, independente do conteúdo, é proporcionar a experimentação para o aluno, tornando-o parte do aprendizado. Esta condição só é possível com o comprometimento e a capacitação dos professores, para que haja a busca por estes objetivos. Tornando o empreendedorismo uma opção na formação dos indivíduos e, para isto, deve-se buscar informações, metodologias e assessorias para isto.

Para Dornelas (2017) as IES deveriam oferecer cursos e capacitações relacionados ao empreendedorismo que possam desenvolver as habilidades do empreendedor, que possam criar oportunidades de criar negócios com inovação, mostrando a importância do desenvolvimento econômico. Outro ponto importante a ser colocado como conteúdo, são as fontes de financiamento e como obtê-las, mais as competências de gerenciamento de empresas.

Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008) afirma que as IES devem compor seus cursos cada vez mais voltados ao empreendedorismo, e que devem buscar maior interação com o mercado de trabalho, formando e educando indivíduos com atitudes autônoma e com criatividade, que se ajustem as mudanças econômicas que não param de acontecer. Esta visão servirá tanto para a entrada em um mercado que já existe, como para o surgimento de novos negócios.

Para Guerra e Grazziotin (2010) empreendedorismo deve ser desenvolvido em todos os cursos e em todos os momentos, buscando a integração das disciplinas, sendo que há a necessidade de ser interdisciplinar e participativa as atividades dos cursos, o que não acontecesse na grande maioria dos cursos brasileiros. Os professores são as peças fundamentais nesta estruturação, para que se desenvolva a mentalidade empreendedora como objetivo dentro da sala de aula. Esta questão não é tratada com a verdadeira importância dentro da estrutura acadêmica. Em muitos casos o professor é solitário nesta empreitada, agindo de forma unitário e isolada na busca pela mentalidade empreendedora, rompendo paradigmas enraizados e retróados.

Filion (2003) argumenta que as competências desenvolvidas estão diretamente relacionadas com a abordagem que cada IES considera importante para um programa de educação empreendedora. É certo que cada pessoa terá, em algum momento, que desenvolver habilidades empreendedoras para mostrar alternativas

para solucionar uma determinada dificuldade. Para isto, as IES devem se preparar melhor para formar indivíduos mais bem preparados para estas condições que estão se tornando cada vez mais comum, inclusive dentro do mundo corporativo.

Andrade e Torkomian (2001) afirma que educação empreendedora deve propor programas dentro da IES com inúmeras atividades que promovam o desenvolvimento do perfil empreendedor por parte dos alunos. As instituições podem estar em estágios muito diferentes. Para facilitar esta identificação foi feita uma caracterização pelos autores e são elas:

- atividades isoladas – estágio caracterizado por acontecer apenas atividades informais realizadas pelos professores ou alunos;
- disciplina específica – já formal, disciplina disponibilizada e que tem o intuito de se passar os principais conceitos do empreendedorismo, podendo ser obrigatória ou eletiva;
- conjunto de disciplinas específicas – um estágio mais avançado, com a disponibilidade de diversas disciplinas dentro de um curso para contemplar a formação empreendedora, olhando tanto para os aspectos de negócios quanto para os aspectos comportamentais;
- cultura empreendedora – todo o curso é voltado para uma cultura empreendedora, mesmo aquelas mais técnicas e não focada em negócios acabam se adaptando e desenvolvendo para que questões e atividades para que possa ser criado a cultura empreendedora. Há uma forte interação entre todas as disciplinas;
- centro de empreendedorismo – com este mecanismo a IES está com um forte propósito para o empreendedorismo, apoiando na sua plenitude as questões da formação empreendedora. Assim pode haver forte integração com a comunidade empreendedora e seus principais atores.

Lopes (2010) complementa que a educação empreendedora deve usar a metodologia de aprender fazendo, da experimentação, assim o aluno pode se deparar com atividades críticas que o forcem a raciocinar, desenvolvendo assim a criatividade, pois deve-se buscar alternativas diferentes das já vivenciadas e sem solução. Portanto, deve-se desenvolver as disciplinas com base na aprendizagem pela ação; na aprendizagem contextual com a interação social e na experiência; na aprendizagem centrada em problemas; e na aprendizagem cooperativa estimulando

o trabalha em equipe, a colaboração, a diversidade, a liderança, a comunicação e a unidade da equipe.

Bedê (2010) afirma que para que haja mais eficiência na formação de empreendedores por oportunidade deve-se utilizar de forma mais lúdicas por meio de uso de jogos interativos e atividades em grupos, ou seja, mais do que apresentar apenas um conhecimento de técnicas de planejamento e gestão, é promover a criação do perfil empreendedor nos jovens, juntamente com o desejo de ser empreendedor.

Guerra e Grazziotin (2010) afirma que é papel da IES provocar e incentivar que sejam feitas ações de interdisciplinaridade para o desenvolvimento do empreendedorismo, pois pouco adianta qualquer tipo de ação, se não for o foco de todos a busca pela formação da cultura empreendedora, tornando algo que de fato seja constante e durador. Para que isto seja possível é preciso que haja comprometimento com a mentalidade empreendedora em todos os níveis hierárquicos, direção e professores, com o mesmo discurso. São as pessoas que criam e desenvolvem um ambiente, tanto favorável como desfavorável para qualquer assunto, portanto é de extrema importância dentro deste contexto a capacitação dos professores para que possam transmitir e ensinar os alunos para uma verdadeira mentalidade empreendedora.

Para Andrade, Vieira e Torkomian (2010) a educação empreendedora deve proporcionar, uma reformulação curricular, com aulas mais dinâmicas e interativas para poder ampliar a experimentação, criando um cenário de referência que causem impactos na vida futura dos estudantes. As IES devem se preocupar com assuntos relevantes a serem desenvolvidos tanto para o docente quanto para o discente. no qual pode-se destacar os seguintes itens (Quadro 5):

Quadro 5 – Assuntos relevantes para docentes e discentes

Fatores a serem desenvolvidos	Desenvolver com o Docente	Desenvolver com o Discente
Significado de empreendedorismo	Promover a relação do empreendedorismo com atitude, comportamento, inovação.	Desenvolver habilidades com atitudes a serem aplicadas tanto para desenvolvimento de negócio próprio quanto na carreira corporativa.
Características do profissional contemporâneo	Desenvolver características relacionadas a comportamento como flexibilidade, iniciativa e comunicação.	Consciência da importância de características como flexibilidade, conhecimentos gerais, iniciativa e comunicação.
Experiência empreendedora	Experiências anteriores e a intenções de futuras ações para empreender um negócio.	Existência referenciais sociais que transmitem a imagem do empreendedor.
Mercado de trabalho	Orientação para a promoção de criação de empresas como geradora de emprego, riqueza e diversificação de possibilidades de atuação.	Consciência da alta competitividade e da necessidade da criação de alternativas para direcionamento da carreira.
Participação em atividades relacionadas a empreendedorismo	Interesse pelo tema e a percepção de que o tema está presente em meios acadêmicos e corporativos.	Curiosidade e interesse sobre o tema. Alternativa para o mercado de trabalho.
Programa de Educação Empreendedora como diretriz	Compreender que o tema reflete as necessidades da sociedade, com isto a necessidade estar presente na matriz curricular, com disciplinas e atividades	Compreensão de que este é um tema importante para tomadas de decisão sobre a carreira futura.
Reação ao futuro profissional	Receptividade e interesse de poder agregar valor a sociedade.	Interesse futuro de curto, médio e longo prazos para se tornar empreendedor.
Sala de aula	Ambiente de aprendizagem dinâmico, rico em experiências, que proporcione teoria e prática, com realizações.	Ambiente de aprendizagem dinâmico, rico em experiências, que proporcione teoria e prática, com realizações.
Alunos	Entendimento da importância do estímulo à descoberta e ao desenvolvimento da argumentação, com o interesse pelo tema e que vislumbram o futuro profissional a um negócio próprio.	

Fonte: Adaptado de (ANDRADE, VIEIRA e TORKOMIAN, 2010)

Lopes (2010) apresenta um modelo de aprendizagem continuada, que pode se estabelecer em cinco práticas consecutivas, para que o aluno possa desenvolver um novo negócio e possa progredir. Estas práticas são integradas desde

o início das atividades até que seja criada uma empresa e assim possa crescer. O objetivo deste processo é apresentar ao aluno as mais diversas habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento de um novo negócio, e deve ser através de treinamentos práticos e com a própria experiência. As práticas são estabelecidas da seguinte forma: a) Básica; b) Conscientização das competências e habilidades; c) Ações criativas; d) Abertura de um negócio; e e) Crescimento. Dentro da narrativa de que o empreendedorismo é uma opção para os alunos e pode ser estimulado e incentivado, a IES consegue desta forma oferecer, pelo menos as quatro primeiras práticas, com o desenvolvimento das competências e habilidades para se estabelecer a busca por oportunidades e a formação de novos negócios.

Degen (2010) entende que as IES devem promover nas suas atividades principais do empreendedorismo por oportunidade, com ações que busquem uma auto avaliação para se identificar as habilidades dos candidatos a empreender, proporcionando com isto a busca por sócios complementares, ou mesmo criando oportunidade de crescimento para os indivíduos, contribuindo assim para a formação de uma sociedades mais empreendedora.

Ipiranga, Freitas, et al. (2010) aborda que os centros de empreendedorismo desenvolvem quatro atividades básicas como foco. Estas atividades são desenvolvidas para os alunos, para a criação de novas empresas, para empresas já constituídas e para a pesquisa. Dentre as atividades para os alunos estão as relacionadas no desenvolvimento de programas de empreendedorismo, com disciplinas que possam criar um perfil empreendedor. Já quando o aspecto é a criação de empresas as principais atividades são a atração de novos empreendedores com atividades de aprimoramento do empreendedor e de encorajamento de criar uma empresa nova. Quando o contexto são as empresas já iniciadas as atividades são para o desenvolvimento gerencial e a busca por novas tecnologias. Por fim, quando o foco está na pesquisa as principais atividades estão voltadas para a publicação das pesquisas que estão sendo estudadas e desenvolvidas. O ideal dentro de um programa empreendedor é que haja um equilíbrio nas quatro atividades.

Etzkowitz (2013) declara que para se atingir um perfil empreendedor acadêmico é necessário buscar resultados práticos das pesquisas sendo desenvolvidas, ou seja, a criação de novos negócios a partir das pesquisas desenvolvidas. Outro ponto importante nesta caminhada de se transformar em um perfil acadêmico empreendedor é envolver o dia a dia da instituição com problemas

reais do mercado, proporcionando assim soluções reais para os problemas apresentados, dando a oportunidade inclusive de geração de novos negócios por parte dos integrantes da IES, sejam eles docentes e/ou alunos. A instalação de um incubadora dentro da IES pode facilitar este surgimento de novos empreendimentos, pois pode facilitar a conexão das principais necessidades de apoio para estes novos empreendimentos.

Para Andreassi e Fernandes (2010) a prática de concursos e competições na busca por desenvolver a educação empreendedora de forma a criar negócios, em um ambiente seguro, livre de riscos e com mentorias acadêmicas podem transformar a formação dos jovens na busca por oportunidades melhores de trabalho. A aprendizagem baseada em resolução de problemas tem muito mais resultado para o aprendizado na educação empreendedora, pois passam por todos os estágios, desde a identificação do problema, a criação de um novo negócio com o desenho e o lançamento da empresa, juntamente com o desenvolvimento de competências gerenciais. Com esta configuração pode ocorrer o surgimento de empresas característica e haver um desenvolvimento regional. Um outro ponto importante a se ressaltar é a quantidade de relacionamentos realizados, gerando mais conhecimentos e a possibilidade de negócios acontecerem futuramente.

Filion (2003) considera importante diante dos fatos que as IES ofereçam um portfólio de cursos de empreendedorismo que permita ao jovem se estabelecer de forma autônoma, ofertando conceitos mais sólidos, construído modelos mentais diferentes do modelo tradicional, mesmo que de forma opcional, proporcionando muito além de ser apenas um empregado dentro de uma corporação.

Lopes (2010) entende que para se avaliar um IES ser empreendedora, deve-se analisar a quantidade ofertada de cursos e programas, a quantidade, a titulação, as mentorias e consultorias e a produção científica dos professores, mais a participação em algum empreendimento. Associa-se a isto, a participação dos alunos em eventos de competição em planos de negócios, de negócios e financiamentos, incubadora, parcerias entre a IES e as instituições de negócio, transferência de tecnologia, centros de empreendedorismo, fundos de investimentos, clubes de empreendedorismo e índice de alunos que iniciam um novo negócio durante o programa da IES.

Guerra e Grazziotin (2010) afirma que a mentalidade empreendedora não pode deixar que não tenha inovação, criatividade e imaginação no seu contexto

principal. Estas características precisam ser a base da mentalidade empreendedora e só será possível se houver IES que possam proporcionar todo este contexto. A criatividade é a principal parte da mentalidade empreendedora, e para que isto ocorra a educação tem que ser libertadora, que fuja dos modelos tradicionais. Educação deve proporcionar algo diferente, buscar dentro do contexto a criação de coisas irrealista e impraticáveis, criando sim a possibilidade de acontecer o que se pensou impossível de se fazer. O aprendizado vem quando se estabelece o desafio, remodelando o pensamento, que antes era de incredulidade. Desta forma a educação se torna completamente alinhada e comprometida com a inovação e novas dinâmicas de realização de um futuro.

Para Etzkowitz (2013) a medida que os conceitos empreendedores tomam conta e se ramificam por todas as partes da IES, ao ponto de contaminar desde docentes até colaboradores, como parceiros externos. Neste caso o processo de incubação acaba por propiciar esta prática com maior propriedade, aproximando a pesquisa com a geração de novos negócios, propiciando com isto o surgimento de novos centros de pesquisa e assim maior apoio por parte dos governos.

Para que se fortaleça o programa de educação empreendedora é importante dar ênfase em algumas questões, no qual será mencionado a seguir:

- Criar um ambiente informal, que aproxime os professores e alunos, a graduação da pós-graduação, com integrantes das mais diversas áreas, com características transversais e que tenham interesse em desenvolver o empreendedorismo;
- Apresentar um plano de atividades para os primeiros anos de existência;
- Sensibilizar a instituição para desenvolver a cultura empreendedora com palestras, workshops, debates, painéis, artigos e apresentação de cases de sucesso e fracasso com apresentação dos principais conceitos a respeito do tema, para que haja cada vez mais troca de conhecimento entre todos da instituição;
- Desenvolver atividades práticas como elaboração de monografias, competição de projetos de competição, aproximação com empresários, feiras e o mais importante é a comunicação dos resultados;
- Acompanhar o andamento das atividades e promover novas estratégias de em função dos resultados alcançados. (ANDRADE, VIEIRA e TORKOMIAN, 2010)

Sendo assim, Etzkowitz (2013) entende que os pesquisadores podem buscar resultados verdadeiros e conseqüentemente reconhecimento, fazendo com que suas pesquisas se tornem realidade comercial no projeto, trazendo remuneração financeira para os pesquisadores sem que haja conflito e problemas para as partes envolvidas.

No entanto, Etzkowitz (2013), considera que fazer com que a IES assuma um papel de protagonista do desenvolvimento socioeconômico é uma necessidade das políticas públicas, e em muitos casos os programas são copiados dos lugares que tiveram sucesso nos últimos anos.

Portanto, Etzkowitz (2013) propõe uma conexão entre os grupos de pesquisas das IES, com a própria IES, com as startups, com as grandes empresas para o desenvolvimento de novas tecnológicas e assim o surgimento de novos negócios, tornando a IES o principal ator na geração de inovação e no crescimento do desenvolvimento socioeconômico. Este novo papel da IES faz com que as inovações organizacionais e educacionais sejam mais intensas dentro das IES com a colaboração de todos os envolvidos no surgimento de novos negócios.

Lopes (2010) entende que não há uma cultura de se avaliar o impacto das atividades da educação empreendedora, olhando somente o quanto indivíduo se torna adepto ao empreendedorismo. Um dos motivos da não prática de coleta de dados dos impactos é a dificuldade em adquirir o mesmo, pois os resultados destas iniciativas só ocorrem na maioria dos casos, muito tempo depois. O desafio em correlacionar as atividades realizadas com as decisões futuras de empreender.

Filion (2003) relata que em diversos países, as IES foram além dos cursos e disciplinas e para propagar a sensibilização do empreendedorismo como opção de carreira, apoiaram a criação de empresas pelos alunos e pelos funcionários da instituição, além de criarem um programa de financiamento aos centros de empreendedorismo e tornando estes centros de empreendedorismo conectados com os grupos de pesquisas dentro da própria IES ou mesmo fora dela.

Síntese do tema Instituição de Ensino Superior Empreendedora (IES)

As Instituições de Ensino Superior (IES) precisam propor um programa de educação empreendedora dentro dos seus cursos, permitindo assim ao aluno a possibilidade de criarem seus próprios negócios. O foco deve estar no desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para o desenvolvimento de negócios inovadores e sustentáveis.

O empreendedorismo deve fazer parte das atividades do ensino e da pesquisa, gerando assim inovação e riqueza para o país, alavancando o desenvolvimento socioeconômico, com a criação de novos empregos e de alta qualificação. Desta forma a IES terá papel de protagonismo dentro do crescimento do país, o que não significa abandonar as atividades básicas, ensino e pesquisa, mas o ensino deve alavancar a pesquisa e a pesquisa alavancar o empreendedorismo para que o desenvolvimento socioeconômico aconteça com maior pujança.

Uma das características que a IES precisa proporcionar, para que aconteça mais o empreendedorismo, é a criação de condições para que o aluno tenha a cultura do autodesenvolvimento nas mais diversas habilidades, tanto intelectual como emocionalmente, para que consiga assim criar soluções inovadoras com maiores facilidades. É preciso estabelecer a cultura de se arriscar em novas possibilidades.

Ponto fundamental para que o empreendedorismo aconteça dentro da IES é dar a opção de o aluno ser empreendedor e não apenas uma formação de profissional para preencher o quadro de trabalho das corporações já existentes apenas, tanto privadas como as públicas.

Para que isto possa acontecer, estabelecer apenas uma disciplina dentro da matriz curricular ou mesmo extracurricular que promova o empreendedorismo é um início, mas é muito pouco para que se crie negócios de impacto. Criar um programa de qualidade, que busque resultados a longo prazo, com engajamento dos principais atores, de forma a torná-lo parte da matriz curricular e que se relacione com todas as disciplinas é uma forma mais eficiente de obter melhores resultados. Com os programas em andamento a IES pode promover rodadas de negócios, para atrair possíveis parceiros e investidores.

Outro ponto de extrema importância é aumentar a quantidade de professores que desenvolvam e que pratiquem o empreendedorismo, tanto dentro da

sala de aula como fora dela. Pois há muitos professores que falam de empreendedorismo dentro de sala, mas que nunca colocaram em prática atividades empreendedoras. Desta forma não se cria estímulos a seus alunos, para que os mesmos se envolvam de forma sentimental e emocional, a trilharem o caminho do empreendedorismo.

Promover aos alunos atividades, como a elaboração de modelos de negócios, podendo realizar na prática a criação de pequenas empresas, ou mesmo auxiliando pequenos empreendedores a melhorarem seus negócios, nas mais diversas áreas do conhecimento. A IES deve permitir o uso de recursos e conhecimentos da própria instituição, para que haja casos práticos de novos negócios, assim estimulando outras gerações.

A educação empreendedora é o principal caminho para prover soluções dos principais problemas globais, portanto, desenvolver o perfil empreendedor na formação dos futuros profissionais é de extrema importância para que se crie maior protagonismo com a criação de negócios de inovação e de impacto para a sociedade, promovendo assim um maior desenvolvimento das regiões.

5. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

5.1. Definição das IES da cidade de Sorocaba e Votorantim

A população estipulada de forma intencional, não-probabilística, de conveniência, considerando os objetivos do estudo. Assim, foram considerados todos os cursos das IES da cidade de Sorocaba e Votorantim reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC). O estudo apresentado foi censitário, através de um corte de tempo transversal, ou seja, no momento presente da coleta de dados, de janeiro a junho de 2018.

Para dar início aos estudos, foi estabelecido que a escolha das IES seriam as em formato presencial e com espaço físico bem definido dentro da cidade de Sorocaba e se estendendo para Votorantim também, devido à proximidade geográfica. Foram identificadas 19 IES cadastradas e ativas no sítio do Ministério da Educação (MEC). São elas (BRASIL, 2018):

- i. Faculdade Anhanguera de Educação, Ciências e Tecnologia de Sorocaba, www.anhanguera.com;
- ii. Faculdade de Direito de Sorocaba – FAD, <http://www.fadi.br>;
- iii. Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba – FEFISO, www.fefiso.edu.br;
- iv. Faculdade de Engenharia De Sorocaba – FACENS, www.facens.br;
- v. Faculdade de Sorocaba – UNIESP, www.uniesp.edu.br/sorocaba;
- vi. Faculdade de Tecnologia de Sorocaba - FATEC SO, www.fatecsorocaba.edu.br;
- vii. Faculdade de Tecnologia Ipanema, www.faculdadeipanema.edu.br;
- viii. Faculdade de Tecnologia Senai Gaspar Ricardo Junior, www.sp.senai.br;
- ix. Faculdade Esamc Sorocaba, www.esamc.br;
- x. Faculdade Professor Wladimir Dos Santos – WLASAN, www.wlasan.edu.br;

- xi. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, www.ifsp.edu.br;
- xii. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, www.pucsp.br;
- xiii. Universidade de Sorocaba – UNISO, www.uniso.br;
- xiv. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, www.unesp.br;
- xv. Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, www.ufscar.br;
- xvi. Universidade Paulista – UNIP, www.unip.br;
- xvii. Senac Sorocaba, <http://www.sp.senac.br>;
- xviii. Faculdade Anhanguera Pitágoras Votorantim, www.faculdadepitagoras.com.br;
- xix. Faculdade Campos Giglio – FCG, www.fcgpos.com.br.

5.2. Definição das disciplinas de empreendedorismo dos cursos das IES

Com as IES definidas, a análise dos dados deu-se pelo levantamento dos cursos de graduação tecnológicos, licenciatura e bacharelado e suas respectivas matrizes curriculares, para a verificação de disciplinas relacionadas a educação empreendedora. Foram utilizadas palavras chaves para identificar que há ensino de empreendedorismo dentro dos cursos. Para a busca de disciplinas, foram usadas as seguintes palavras-chaves: empreendedorismo, empreendedor; inovação, novos produtos, plano de negócios, gestão de projetos, *business plan*.

5.3. Coleta de dados

A coleta de dados é ponto fundamental para a pesquisa descritiva, ela acontece após definição e delineamento do assunto, da revisão bibliográfica definição dos objetivos, a formulação dos problemas e das hipóteses e a identificação das variáveis. (CERVO e BERVIAN, 2002)

Para se ter um bom trabalho são necessários a coleta e o registro de maneira ordenada e a possibilidade de estudo posterior, já que será feita em condições do dia a dia. (CERVO e BERVIAN, 2002)

Com relação à população pesquisada, vale mencionar que em princípio se adotou a estratégia de desenvolver os trabalhos nos cursos de graduação das IES, da cidade de Sorocaba e Votorantim, dentro das respectivas matrizes curriculares ao qual foi o foco da pesquisa. Diante do foco estabelecido, estabeleceu-se a pesquisa em 19 (dezenove) IES, que foram levantadas através do sitio do Ministério da Educação, o www.emec.mec.org.br. Com estes dados foram levantados, quais os cursos que estão ativos nestas IES, juntamente com os respectivos coordenadores dos departamentos.

Com os cursos ativos levantados por IES, foram analisadas cada uma das matrizes curriculares dos respectivos cursos, buscando as palavras chaves determinadas no item b. Os dados foram analisados por meio de análise documental, de conteúdo e de contagem simples de frequência.

Os dados levantados até esta etapa da pesquisa foram coletados através da internet, com a consulta dos sítios do Ministério da Educação mais os das IES.

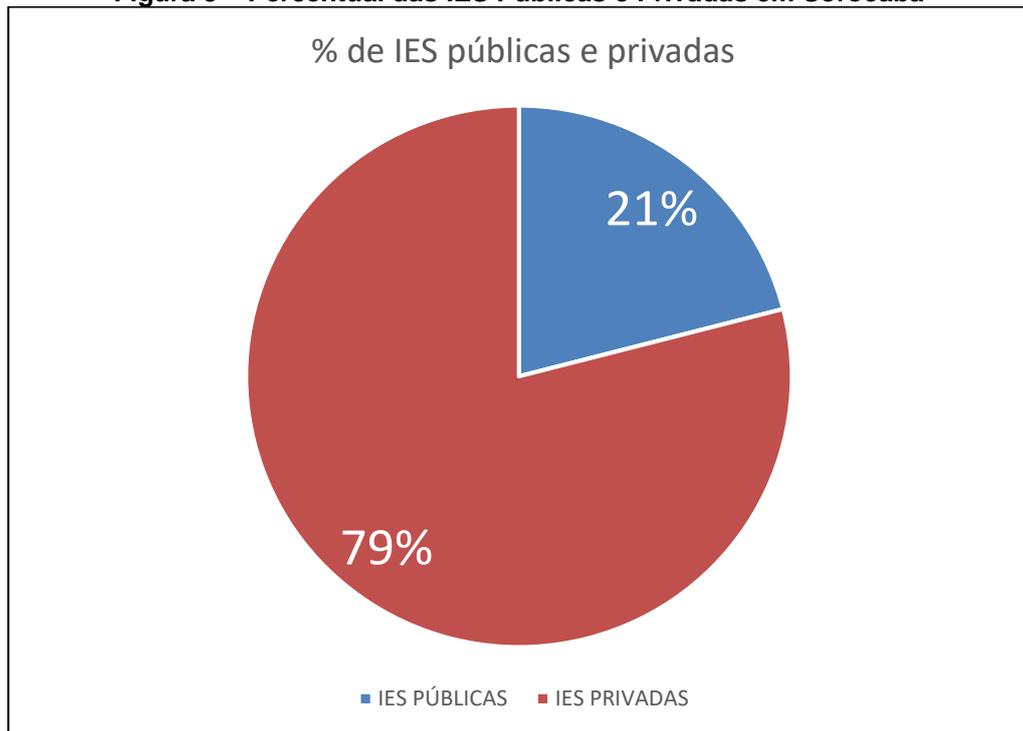
5.4. Análise dos dados

Conforme ressaltado, em descrição anterior, foram definidas 19 IES para levantamento e análise dos dados (Quadro 6). Dentre as 19 IES, 4 são públicas, 2 estaduais e 2 federais, que representam 21%. Já as IES privadas estão representadas por 15 instituições que representam 79%, e estão representadas por 6 instituições privadas com fins lucrativos e 9 por instituições privadas sem fins lucrativos. (Figura 3)

Quadro 6 – IES e sua classificação

ITEM	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	NOME NO TRABALHO	TIPO DA IES
1	FACULDADE ANHANGUERA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE SOROCABA	ANHAGUERA SOROCABA	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS
2	FACULDADE ESAMC SOROCABA	ESAMC	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS
3	FACULDADE DE ENGENHARIA DE SOROCABA	FACENS	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
4	FACULDADE DE DIREITO DE SOROCABA	FAD	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
5	FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SOROCABA	FATEC SO	PÚBLICA ESTADUAL
6	FACULDADE CAMPOS GIGLIO	FCG	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
7	FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DE SOROCABA	FEFISO	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
8	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO	IFSP SOROCABA	PÚBLICA FEDERAL
9	FACULDADE DE TECNOLOGIA IPANEMA	IPANEMA	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS
10	FACULDADE ANHANGUERA PITÁGORAS VOTORANTIM	PITAGORAS	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS
11	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	PUCSP	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
12	SENAC SOROCABA	SENAC SOROCABA	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
13	FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAI GASPAR RICARDO JUNIOR	SENAI SOROCABA	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
14	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	UFSCAR SOROCABA	PÚBLICA FEDERAL
15	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO	UNESP SOROCABA	PÚBLICA ESTADUAL
16	FACULDADE DE SOROCABA	UNIESP	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS
17	UNIVERSIDADE PAULISTA	UNIP SOROCABA	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
18	UNIVERSIDADE DE SOROCABA	UNISO	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS
19	FACULDADE PROF. WLADEMIR DOS SANTOS	WLASAN	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 3 – Percentual das IES Públicas e Privadas em Sorocaba

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Com as IES definidas, foram levantados os cursos ativos de cada uma delas, para se avaliar o plano de ensino e/ou a matriz curricular dos respectivos cursos. Com estes dados pode-se verificar com que intensidade os cursos disponibilizam as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo. Foram levantados 283 cursos de graduação nas 19 IES. Entre as IES públicas a FATEC SOROCABA e a UFSCAR SOROCABA apresentam a maior quantidade de cursos, 13 e 15 cursos respectivamente. Quando se avalia as IES privadas a ANHAGUERA, ESAMC, UNISO e UNIP lideram em quantidade de cursos de graduação disponibilizados, e apresentam 41, 38, 75 e 47 cursos respectivamente (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

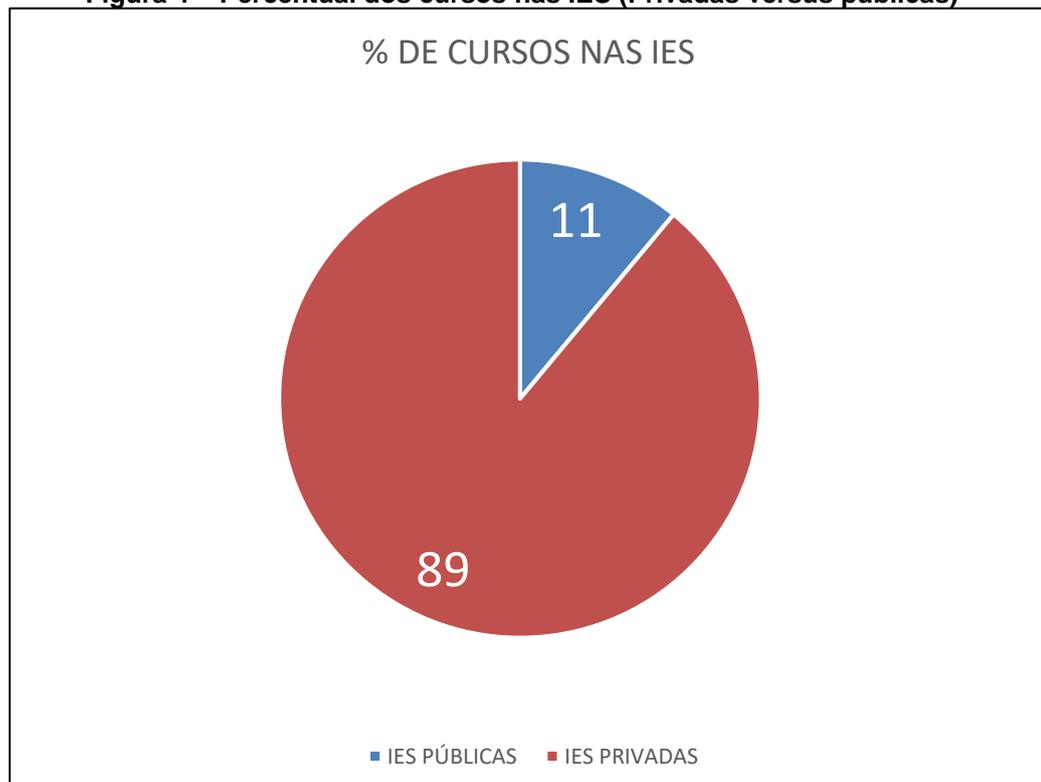
. O percentual maior de cursos se concentra nas IES privadas com um percentual de 89%, ficando apenas com 11% as IES públicas. (

Figura 4)

Tabela 1 - Quantidade de cursos de graduação por IES

IES	QUANTIDADE DE CURSOS DE GRADUAÇÃO
ANHAGUERA SOROCABA	41
CAMPOS GIGLIO	1
ESAMC	38
FACENS	14
FADI	1
FATEC SO	13
FEFISO	2
IFSP SOROCABA	1
IPANEMA	9
PITAGORAS	15
PUC	4
SENAC	0
SENAI	1
UFSCAR SOROCABA	15
UNESP SOROCABA	2
UNIESP	3
UNIP	47
UNISO	75
WLASAN	1

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 4 – Percentual dos cursos nas IES (Privadas versus públicas)

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Com os 283 cursos estabelecidos, buscou-se identificar em suas respectivas matrizes curriculares e seus planos de ensino disponíveis, as disciplinas com conteúdo de empreendedorismo e inovação, para este processo usou-se as palavras-chave para este levantamento: empreendedorismo (empreendedor); inovação, novos produtos, plano de negócios (*business plan*) e gestão de projetos.

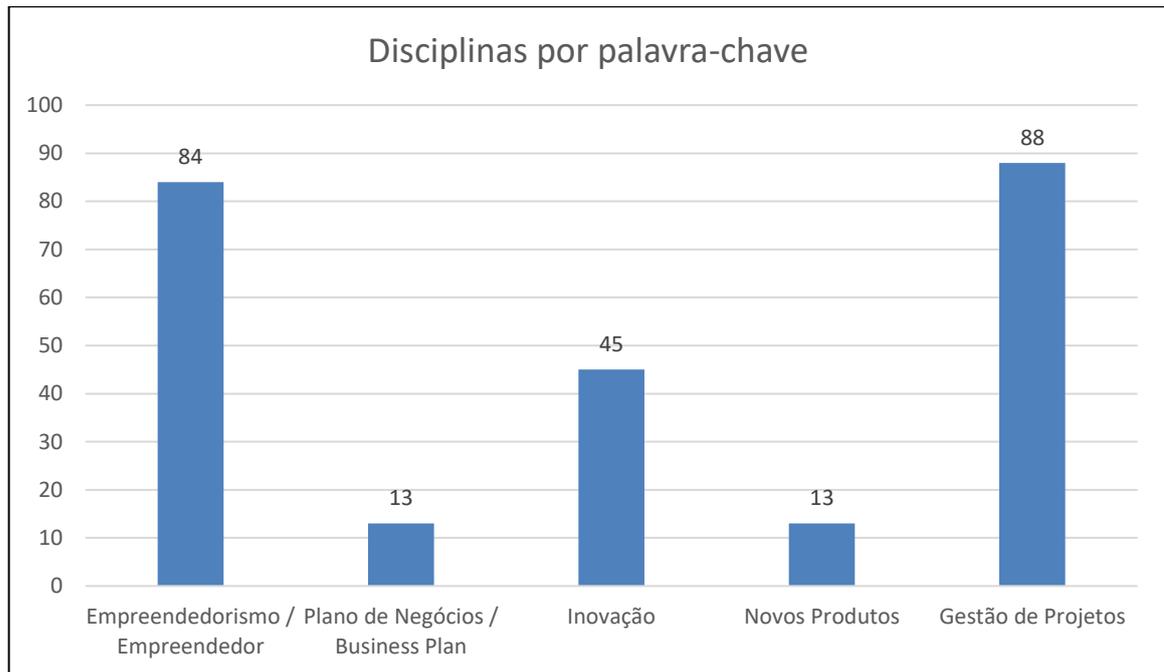
A quantidade de cursos que apresentam pelo menos uma disciplina relacionada a empreendedorismo são 144 cursos dentro de um universo 283 cursos de graduação oferecidos nas 19 IES (Tabela 2). Neste processo foram levantadas 243 disciplinas, sendo distribuídas nas palavras-chave empreendedorismo/ empreendedor e gestão de projetos com a maior intensidade, já a palavra-chave inovação se colocou em 3º lugar neste levantamento de disciplinas (Figura 5). Todos os dados referentes as disciplinas foram coletadas junto a matriz curricular de cada curso, que estava disponível nos sítios respectivos a cada IES. Uma parcela pequena dos planos de ensino não estava disponível nos sítios das IES, sendo solicitado o mesmo junto a IES e sua respectiva coordenação.

Tabela 2 – Quantidade de disciplinas relacionadas a empreendedorismo nas IES.

IES	QUANTIDADE DE DISCIPLINAS
ANHAGUERA SOROCABA	22
CAMPOS GIGLIO	0
ESAMC	30
FACENS	10
FADI	0
FATEC SO	4
FEFISO	0
IFSP SOROCABA	0
IPANEMA	9
PITAGORAS	8
PUC	0
SENAC	0
SENAI	1
UFSCAR SOROCABA	4
UNESP SOROCABA	0
UNIESP	2
UNIP	18
UNISO	36
WLASAN	0
TOTAL	144

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 5 – Número de disciplinas por palavra-chave.



Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Outro importante indicador levantado no trabalho foi a quantidade de publicações nos principais bancos de dados acadêmicos. A pesquisa feita, com as palavras-chave, foi dentro das plataformas do *Scielo* e Google Acadêmico, com o objetivo de identificar, dentro do período de 2016 a 2018, publicações com referências ao empreendedorismo e a inovação feitas por discentes e docentes das IES estudadas. Foram feitas buscas com as palavras-chave nos títulos das publicações e a cidade de Sorocaba e Votorantim, como filtro para poder identificar as publicações. A partir destes filtros analisou-se todas as publicações para ver se havia relação com cada uma das 19 IES estudadas. Dentro desta pesquisa chegou-se a um número de 16 publicações neste período, sendo a UFSCar Sorocaba a que mais publicou (Tabela 3)

Tabela 3 – Quantidade de publicações por palavras-chaves nas IES (2016-2018).

IES	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES
ANHAGUERA SOROCABA	1
CAMPOS GIGLIO	0
ESAMC	0
FACENS	0
FADI	0
FATEC SO	1
FEFISO	0
IFSP SOROCABA	0
IPANEMA	0
PITAGORAS	0
PUC	0
SENAC	0
SENAI	0
UFSCAR SOROCABA	9
UNESP SOROCABA	1
UNIESP	0
UNIP	1
UNISO	3
WLASAN	0
TOTAL	16

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

5.5. Discussão dos resultados

O presente trabalho buscou abordar questões relacionadas ao empreendedorismo e a educação empreendedora dentro dos cursos de graduação das IES da cidade de Sorocaba e Votorantim. Para isto foram levantados os cursos e suas respectivas matrizes curriculares. Observou-se a existência de 283 cursos de graduação com 144 cursos que possuem disciplinas relacionadas ao empreendedorismo sendo aplicadas, o que há uma taxa de 50,8% de cursos que aplicam pelo menos uma disciplina relacionada a empreendedorismo por curso. É um número razoavelmente baixo para se produzir um ambiente propício ao empreendedorismo. São os cursos específicos de administração e engenharias que possuem as disciplinas relacionadas a empreendedorismo. Já os cursos relacionados a saúde não possuem nenhum tipo de disciplina relacionada a empreendedorismo (Tabela 4).

Tabela 4 – Relação das disciplinas de empreendedorismo com o número de cursos.

IES	QUANTIDADE DE CURSOS DE GRADUAÇÃO	QUANTIDADE DE CURSOS COM DISCIPLINAS DE EMPREENDEDORISMO	% Cursos que aplicam disciplinas de empreendedorismo
ANHAGUERA SOROCABA	41	22	53,60%
CAMPOS GIGLIO	1	0	0,00%
ESAMC	38	30	78,90%
FACENS	14	10	71,40%
FADI	1	0	0
FATEC SO	13	4	30,70%
FEFISO	2	0	0
IFSP SOROCABA	1	0	0,00%
IPANEMA	9	9	100,00%
PITAGORAS	15	8	53,30%
PUC	4	0	0,00%
SENAC	0	0	0,00%
SENAI	1	1	100,00%
UFSCAR SOROCABA	15	4	26,60%
UNESP SOROCABA	2	0	0,00%
UNIESP	3	2	67,70%
UNIP	47	18	38,20%
UNISO	75	36	48,80%
WLASAN	1	0	0,00%
TOTAL	283	144	50,80%

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

A IES que mais apresentam disciplinas relacionadas a empreendedorismo são as instituições privadas, em algumas chegam a 100% dos seus cursos, porém, outras com foco na área da saúde e no direito não apresentam disciplinas que promovam o empreendedorismo como opção para seus alunos. A grande maioria das IES particulares apresentam uma boa quantidade de cursos que contém disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, mas ainda estão muito isoladas, sendo aplicadas apenas uma única vez durante o curso todo, sugerindo apenas uma apresentação do assunto.

Já as instituições públicas, apresentam um índice bem abaixo da média estudada, em dois casos, das 4 apresentadas, não possuem nenhum curso que desenvolva o empreendedorismo nas suas matrizes curriculares. As que possuem disciplinas relacionadas ao empreendedorismo também apresentam a disciplina uma única vez durante o curso, sugerindo que a disciplina só seja apresentada, não sendo aplicado nenhuma forma surgimento de empresas dentro do curso.

A seguir será apresentado um mapa para análise dos cursos ofertados pelas IES que possuem as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, divididos por área de conhecimento. Para facilitar a análise dos dados nas figuras que virão a seguir, foram usadas numerações para representar cada uma das IES (Quadro 7). Quando tiver um curso com as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo na IES, será representado pela cor verde e se não tiver a disciplina será representada pela cor vermelha. No caso de o curso não ser ofertado pela IES será representado pela cor branca.

Quadro 7 – Codificação das IES

CÓDIGO DA IES	NOME NO TRABALHO
1	ANHAGUERA SOROCABA
2	ESAMC
3	FACENS
4	FADI
5	FATEC SO
6	FCG
7	FEFISO
8	IFSP SOROCABA
9	IPANEMA
10	PITAGORAS
11	PUCSP
12	SENAC SOROCABA
13	SENAI SOROCABA
14	UFSCAR SOROCABA
15	UNESP SOROCABA
16	UNIESP
17	UNIP SOROCABA
18	UNISO
19	WLASAN

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Observando os resultados da área de conhecimento de Ciências Agrárias só 33% dos cursos oferecidos apresentam pelo menos uma disciplina relacionada ao empreendedorismo. (Figura 6). Quando se analisa a área de conhecimento Ciências Biológicas, 0% dos cursos ofertados apresentam pelo menos uma disciplina relacionada ao empreendedorismo (Figura 7).

Na área de conhecimento de Ciências da Saúde, observa-se que são ofertados muitos cursos, e em 22% dos cursos são disponibilizado pelo menos uma disciplina relacionada a empreendedorismo nas suas matrizes curriculares (Figura 8).

Figura 6 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Cursos	IES																			TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19		
AGRONOMIA																					0
MEDICINA VETERINÁRIA																					1

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 7 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Cursos	IES																			TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19		
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS*																					0
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**																					0

(*) Licenciatura; (**) Bacharelado

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 8 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS DA SAÚDE

Cursos	IES																			TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	
BIOMEDICINA	■																■	■		1
BIOTECNOLOGIA																				0
EDUCAÇÃO FÍSICA *	■						■										■	■		0
EDUCAÇÃO FÍSICA **	■	■					■										■	■		1
ENFERMAGEM	■										■						■	■		1
ESTÉTICA E COSMÉTICA ***																		■		0
ESTÉTICA E COSMÉTICA **																	■			0
FARMÁCIA	■																■	■		1
FISIOTERAPIA	■																■	■		1
GASTRONOMIA	■																		■	2
MEDICINA											■									0
NUTRIÇÃO	■																■	■		1
ODONTOLOGIA																	■	■		0
RADIOLOGIA																	■			0
SISTEMAS BIOMÉDICOS					■															0
TERAPIA OCUPACIONAL																		■		0

(*) Licenciatura; (**) Bacharelado (***) Tecnológico

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Dentro da área de Ciências Exatas e da Terra, nota-se que há uma maior frequência da aplicação das disciplinas relacionadas ao empreendedorismo nos cursos que são ofertados pelas IES. Em 51% dos cursos são aplicadas pelo menos uma disciplina relacionada ao empreendedorismo (Figura 9).

Na área de Ciências Humanas 0% dos cursos ofertados apresentam em sua matriz curricular as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo (Figura 10).

Passando para a área de Ciências Sociais Aplicadas observa-se que é a área com maior aplicação das disciplinas relacionadas ao empreendedorismo *versus* cursos ofertados. Em 80% dos cursos são disponibilizadas pelo menos uma disciplina relacionada ao empreendedorismo. Esta é a área de conhecimento que mais apresenta cursos na cidade de Sorocaba e Votorantim (Figura 11)

Entrando dentro da área de conhecimento de Engenharias, observa-se também uma grande quantidade de cursos ofertados, e em 59% dos cursos aplicam pelo menos uma disciplina relacionado a empreendedorismo dentro da matriz curricular (Figura 12).

Para finalizar a análise dos dados, a área de Linguística, Letras e Artes apresentam 35% dos cursos que aparecem as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo (Figura 13).

Diante dos dados apresentados pode-se observar que as áreas que mais se aplicam as disciplinas de empreendedorismo são as áreas de Ciência Sociais Aplicadas com 80%, Engenharia com 59% e Ciências Exatas e da Terra com 49% dos cursos ofertados, deixando as outras áreas com números muito irrelevantes para se desenvolver novos negócios.

Figura 9 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

Cursos	IES																			TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19		
ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS	■	■			■													■			2
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	■									■				■				■	■		4
CIÊNCIAS CONTÁBEIS	■	■								■						■		■	■		5
CIÊNCIAS ECONÔMICAS		■												■					■		2
COMPUTAÇÃO E INFORMÁTICA										■											0
FÍSICA	■													■					■		0
GESTÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO																		■			1
JOGOS DIGITAIS			■																■		2
MATEMÁTICA	■	■												■				■	■		0
POLÍMEROS																■					0
PROCESSAMENTO DE DADOS																■					0
PRODUÇÃO DE PLÁSTICOS					■																0
QUÍMICA	■													■					■		0
QUÍMICA INDUSTRIAL																			■		0
REDES DE COMPUTADORES	■	■																■			3
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	■	■																	■		2

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 10 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: CIÊNCIAS HUMANAS

Cursos	IES																			TOTAL		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19			
ARTES VISUAIS	■																		■		0	
DIREITO		■		■															■	■		0
FILOSOFIA																			■		0	
GEOGRAFIA	■													■					■		0	
HISTÓRIA	■																		■		0	
PEDAGOGIA	■	■				■								■		■	■	■	■	■	0	
PSICOLOGIA	■																	■	■		0	

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 13 – Análise dos Cursos por IES na área de conhecimento: LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

Cursos	IES																			TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	
DANÇA																				1
FOTOGRAFIA																				2
LETRAS - INGLÊS																				0
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA																				0
LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL																				0
LETRAS - PORTUGUÊS E INGLÊS																				0
MODA																				0
MÚSICA																				0
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL																				1
PRODUÇÃO FONOGRAFICA																				1
TEATRO																				1

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Passando para a análise das publicações relacionadas ao empreendedorismo, observa-se um baixo índice deste indicador pelas as IES, apenas 16 publicações de todas as instituições estudadas no período de 2016 a 2018. Neste caso as IES públicas se destacam, mas o tema de maior frequência nas publicações é a palavra-chave inovação. A UFSCar Sorocaba apresenta o maior número de publicações no período destacado, com 9 publicações. Já entre as instituições particulares a UNISO que se destaca com 3 publicações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respectivo trabalho abordou como temas principais as definições de inovação, para poder demonstrar que esta atividade é a principal responsável para que o desenvolvimento econômico aconteça. Complementando a inovação se abordou junto a questão do empreendedorismo por oportunidade e do perfil empreendedor, que faz parte do processo de inovação. Para fechar o contexto teórico foi explorando os principais pontos de uma educação empreendedora forte e consistente, para que haja a pesquisa e a criação de novas tecnologias como grande impulsionador de novas tecnologias no mercado.

Na educação empreendedora pode-se perceber que a maioria das instituições apenas formam os alunos para trabalharem em empresas já existentes, em profissões que provavelmente não existirão em pouco tempo. Esta é a grande realidade do sistema educacional brasileiro, principalmente na graduação. Dentro da maioria das matrizes curriculares Brasil a dentro, só se apresenta a disciplina empreendedorismo, usando ainda métodos e ferramentas antigas e desenvolvidas para empresas já consolidadas, dificultando assim o nascimento de novas empresas.

Já dentro da proposta do trabalho, foi possível diagnosticar que o que acontece dentro das IES da cidade de Sorocaba e Votorantim, não é diferente do que acontece na grande maioria do país. São cursos que quando proporcionam algo de empreendedorismo, se apresentam apenas em disciplinas isoladas de um único semestre, em sua grande maioria. Não despertando no aluno a possibilidade de desenvolver uma alternativa, a de criar uma empresa, fazendo assim com que o desenvolvimento econômico se torne mais intenso na região.

Cabe então uma reflexão diante dos principais tomadores de decisão dentro das IES e do poder público de incentivar que haja não só mais disciplinas relacionadas a empreendedorismo, como também transformá-la interdisciplinar, abrangendo assim todo o curso e não apenas em um semestre. Desta forma pode-se criar eventos específicos para se aumentar o engajamento e o surgimento de empresas já dentro dos cursos.

Como modelo de fomento e fortalecimento do empreendedorismo inovador dentro das IES, o presente trabalho propõe a criação de um programa de empreendedorismo nas mesmas, com objetivos a longo prazo, de transformar o

conhecimento em inovação e a geração de novos negócios, proporcionando assim maior desenvolvimento socioeconômico para a região inserida, conseqüentemente para o país.

A criação deste programa deve começar pelo total apoio da direção da IES, não sendo uma atividade isolada, por apenas um grupo de professores e alunos, como de costume na grande maioria das IES. Deve fazer parte da visão estratégica da instituição, portanto, todos devem estar comprometidos e dedicados a promover o futuro com a criação de novos negócios.

Com esta definição do programa, o mais correto é que se estabeleça um Centro de Empreendedorismo, que irá determinar as principais atividades para se desenvolver o programa ao longo dos anos, com ações de curto, médio e longo prazo. Este centro deve ser composto com a participação dos principais atores dentro da IES, com o objetivo de determinar as principais atividades neste novo cenário. O centro teria como foco atividades para o surgimento de novas empresas, empresas em desenvolvimento e uma relação com a pesquisa para a geração da inovação. Outro foco importante, são as atividades para os alunos e professores, a capacitação dos mesmos é de extrema importância para sucesso do programa.

A ideia do programa inicialmente é fazer um diagnóstico e avaliar o que está sendo feito, para não se partir do zero. Sabendo-se que a grande maioria das IES praticam apenas disciplinas isoladas sobre o empreendedorismo, este programa vislumbraria ampliar estas atividades, inicialmente complementando a educação, os treinamentos e a pesquisa. Principalmente fazer com que a prática seja inserida no atual contexto, com a captação de ideias e projetos inovadores, promovendo atividades e a utilização de ferramentas para a concretização dos negócios. Desta forma serão feitas as validações tecnológicas e de mercado, como a viabilidade e a sustentabilidade do negócio. O interessante é que todos os envolvidos possam ser sócios do negócio a ser desenvolvido, e a IES pode permitir sim que seus colaboradores, principalmente os professores, possam ser sócios destes novos negócios, assim como a própria IES.

O Centro de Empreendedorismo deve analisar a melhor forma de integrar a disciplina empreendedorismo com as outras dentro do curso inteiro e propor ações para esta integração, fazendo com que os projetos tenham apoio de todas as disciplinas. O centro deve buscar desenvolver atividades que promovam o desenvolvimento do perfil empreendedor na busca de melhores ideias e projetos

inovadores. Os professores são decisivos neste processo, portanto, o Centro de Empreendedorismo, deve olhar com muita atenção e investir em treinamento para os mesmos, para que possam ser os mentores e instrutores, os grandes articuladores deste programa. Desta forma, atraindo assim mais incentivadores da educação empreendedora. O programa precisa possuir um processo mais dinâmico de sensibilização e conscientização, desenvolvimento, monitoramento e realização para se atingir resultados de alto valor agregado.

O Centro de Empreendedorismo deve propor também ações como concursos de ideias e modelos de negócios, promover o surgimento dos mesmos, e transformar as ideias e modelos em negócios. Pode usar as próprias aulas já existentes, os trabalhos de conclusão de cursos (TCC), como também trazer atividades complementares, com possibilidade de cursos, treinamentos, palestras, workshops, que tragam ferramentas mais atuais e ágeis para o desenvolvimento do empreendedorismo de oportunidade. O aprendizado com foco em resolver problemas é outra necessidade dentro da instituição, e se tornando muito mais efetivo para o aprendizado e promovendo muitas soluções para a sociedade. Usar a metodologia aprender fazendo (*learning by doing*), colocando a mão na massa, com o princípio da experimentação é muito mais eficiente, fazendo com que os alunos desenvolvam a capacidade de raciocínio e a criatividade com muito maior intensidade.

O Centro de Empreendedorismo pode ir adicionando atividades a medida que o programa de empreendedorismo amadurece, como semana de empreendedorismo, com diversas atividades relacionadas ao assunto. Além das que foram citadas pode-se realizar rodadas de negócio com a atração de empresário, fundos de investimentos, investidores e as fontes de financiamento para que o negócio possa acontecer com maior facilidade.

A medida que o programa se tornar robusto, passa a transformar a IES, envolvendo e comprometendo todos dentro da instituição, para o surgimento de novas empresas. Desta forma, pode-se cada vez mais atrair parcerias para o programa, alavancando ainda mais novos negócios.

O Centro de Empreendedorismo pode ser um alimentador de informações para se atualizar o Projeto Político Pedagógico² (PPP), assim como Plano De

² O Projeto Político-Pedagógico (PPP) é a referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da Instituição de Ensino Superior. Sua elaboração requer, para ser expressão viva de um projeto coletivo, a participação de todos aqueles que compõem a comunidade escolar. (MEC, 2018)

Desenvolvimento Institucional³ (PDI), tornando cada vez mais a IES empreendedora na sua essência.

Este programa dentro da IES tem como objetivo central, se transformar no grande protagonista na geração de inovação e no crescimento do desenvolvimento socioeconômico. Sendo assim, é imperativo que a IES proporcione um ambiente favorável para este processo, propiciando ao aluno a experimentação da possibilidade de ser empreendedor, criando uma alternativa da que já existe a tempos, ser empregado nas empresas já existentes. O resultado deste programa possibilita a elevação da captação de alunos para seus cursos.

Desta forma as IES podem alimentar de forma mais rica, com projetos mais inovadores e promissores, com alto valor agregado, o processo de aceleração da incubadora do Parque Tecnológico de Sorocaba, promovendo assim resultados melhores para o desenvolvimento econômico, com profissões de maior renda, novos postos de trabalho, e geração de impostos para a cidade e região.

³ O Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, documento elaborado para um período de 5 (cinco) anos, que identifica a Instituição de Ensino Superior (IES), no que diz respeito à sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e/ou que pretende desenvolver. (MEC, 2007)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. F. D.; TORKOMIAN, A. L. V. **Fatores De Influência Na Estruturação De Programas De Educação Empreendedora Em Instituições De Ensino Superior**. EGEPE - Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Londrina: [s.n.]. 2001. p. 299-311.
- ANDRADE, R. F. D.; VIEIRA, E. M.; TORKOMIAN, A. L. V. Estratégias para implementação de Programa de Educação Empreendedora (PEE) e, Instituições de Ensino Superior (IES), com base na análise de cultura organizacional. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 7, p. 145-170.
- ANDREASSI, T.; FERNANDES, R. J. R. O uso de competições de planos de negócios como ferramenta de ensino de empreendedorismo. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 9, p. 194-205.
- ANPEI. **Guia de Boas Práticas para Interação ICT-Empresa**. ANPEI - Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras. [S.l.], p. 72. 2012.
- ARRUDA, C.; BURCHARTH, A.; LOTT, L. **Sem as reformas necessárias, Brasil se mantém entre os países menos competitivos do mundo**. Fundação Dom Cabral. [S.l.], p. 11. 2018.
- AUDY, J. **A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade**. ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, Maio - Agosto 2017. 75-87.
- BARBOSA, R. K. **Eco-inovação na universidade : uma análise das patentes da Universidade Estadual de Campinas**. UNICAMP. Campinas. 2011.
- BEDÊ, M. A. O uso de técnicas lúdicas no ensino do empreendedorismo: um estudo de caso. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 8, p. 171-192.
- BERNARDES, M. E. B.; MARTINELLI, D. P. **Empreendedorismo em instituições de ensino superior: reflexões a partir de algumas experiências canadenses e americanas**. EGEPE – Encontro De Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão De Pequenas Empresas. Brasília: [s.n.]. 2003.
- BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Jan-Abr 2011. 3-14.
- BRASIL. Lei n.º 10.973/2004 (Lei da Inovação Tecnológica). <http://www.planalto.gov.br>, Brasília, 2004. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.973.htm>. Acesso em: 20 nov. 2011.

_____. Lei n.º 11.196/2006 (Lei do Bem). <http://www.planalto.gov.br>, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/LEI/L11196.htm>.

_____. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. **Ministério da Educação - Sistema e-MEC**, 2018. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 18 Março 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, R. D. A. N.; NETO, P. J. S. **Desenvolvendo Empreendedores: o desafio da Universidade do século XXI**. XI Seminário Latino-Iberoamericano de Gestão Tecnológica - Altec. Salvador: [s.n.]. 2005.

DEGEN, R. J. Curso de empreendedorismo para promover o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 10, p. 207-230.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2017.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: (entrepreneurship) práticas e princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 2016. 400 p. ISBN ISBN 978-85-221-2668-2.

ETZKOWITZ, H. **Hélice Tríplice: Universidade - Indústria - Governo: inovação em movimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estudos Avançados**, São Paulo, Maio-Agosto 2017. 23-48.

FAGERBERG, J. **Innovation: A Guide to the Literature**. The Many Guises of Innovation: What we have learnt and where we are heading. Ottawa: Statistics Canada. Outubro 2003.

_____, J. **Innovation, technology and the global knowledge economy: Challenges for future growth**. Green roads to growth. Copenhagen: University of Oslo. 2006.

FERNANDES, R. B.; OLIVEIRA, V. D. C.; SILVA, W. A. C. **Características Comportamentais Empreendedoras: Análise do Modelo do Processo**

Empreendedor e da Trajetória Empresarial. SemeAd - Seminários em Administração - FEA USP. São Paulo: [s.n.]. 2015.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 39, Out./Dez. 1999. 6-20.

_____, L. J. EMPREENDEDORISMO E GERENCIAMENTO: processos distintos, porém complementares. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, Jul./Set. 2000. 2-7.

_____, L. J. **Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo**. Organização dos Estados Ibero-Americanos. Quebec. 2003.

FLORES, D. C.; HOELTGEBAUM, M.; SILVEIRA, A. O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL. **Revista de Negócios**, Blumenau, Abril/Junho 2008. 93 – 104.

FOWLER, F. R. UNIFEI - Universidade Federal de Itajubá: Uma universidade empreendedora. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 6, p. 123-144.

FRANCO, J. O. B.; GOUVÊA, J. B. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Setembro 2016. 144-166. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/index.php/regepe/article/view/360>>. Acesso em: 29 junho 2017.

FREY, C. B.; OSBORNE, M. A. **The Future of Employment: HOW SUSCEPTIBLE ARE JOBS TO COMPUTERISATION**. Machines and Employment” Workshop. Oxford: [s.n.]. 17 Setembro 2013.

GEDI. **The Global Entrepreneurship Index 2018**. Global Entrepreneurship and Development Institute. Washington, p. 89. 2017.

GERA. **Global Entrepreneurship Monitor**. Global Entrepreneurship Research. [S.I.], p. 116. 2015. (ISBN: 978-1-939242-05-1).

_____. **Global Entrepreneurship Monitor 2015/2015 GLOBAL REPORT**. Global. [S.I.], p. 154. 2016.

_____. **Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2016/2017 Global Report**. Global Entrepreneurship Research Association (GERA). [S.I.], p. 180. 2017.

GIAROLA, P. G. et al. EMPREENDEDORISMO INOVADOR GERADO PELAS UNIVERSIDADES: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. **Revista**

Pensamento Contemporâneo em Administração, Rio de Janeiro, Abril/Junho 2013. 41-60.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARANY, L. R. D. Universidade empreendedora: Conceito em evolução, universidade em transformação. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 5, p. 93-121.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora na universidade brasileira. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 4, p. 67-91.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHER, D. A. **Empreendedorismo**. 7a. ed. [S.l.]: Bookman, 2008.

IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios. **IBGE**, 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/pesquisa/38/46996?tipo=ranking>>. Acesso em: 12 Janeiro 2019.

INSEAD. **The Global Innovation Index 2018**. Cornell University, INSEAD, and WIPO. Geneva, p. 11. 2018. (ISBN 979-10-95870-09-8).

IPIRANGA, A. S. R. et al. O empreendedorismo acadêmico no contexto da interação universidade – empresa – governo. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, 8, Dezembro 2010. 676-693.

JUNGMANN, D. D. M. **A caminho da inovação: proteção e negócios com bens de propriedade intelectual: guia para o empresário**. IEL. Brasília, p. 125. 2010. (ISBN 978-85-87257-49-9).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVIERI, C. Educação. empreendedora? In: LOPES, R. M. A. **Educação Empreendedora - Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 1.

LEMOS, P. **Universidades e Ecossistemas de Empreendedorismo**. Campinas: Unicamp, 2012.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 2, p. 17-44.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, C. et al. Empreendedorismo inovador gerado pelas incubadoras de base tecnológica: Mapeamento da produção científica até 2013. **Revista de Negócios**, Blumenau, Abril/Junho 2014. 86-108.

MEC. Instruções Para Elaboração De Plano De Desenvolvimento Institucional. **Ministério da Educação**, 2007. Disponível em: <<http://www2.mec.gov.br/sapiens/pdi.html>>. Acesso em: 12 Janeiro 2019.

_____. Escola de Gestores. **Ministério da Educação**, 2018. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/2-sala_projeto_vivencial/pdf/dimensoesconceituais.pdf>. Acesso em: 12 Janeiro 2019.

MIGUEL, R. A. Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção e Gestão de Operações. In: _____ **Adoção do estudo de caso na Engenharia de Produção**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. Cap. 6, p. 129-143.

OCDE. **Manual de Oslo - Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação**. Organisation For Economic Co-Operation And Development; Statistical Office Of The European Communities. Oslo, p. 166. 2005. (ISBN 92-64-01308-3).

_____. **University research in transition**. Paris: OECD, 1999.

_____. **Frascati Manual - Proposed Standard Practice for Surveyson Research and Experimental Development**. Organisation for Economic Co-operation and Development. Paris. 2002. (ISBN 92-64-19903-9).

PAROLIM, S. R. H.; VOLPATO, M. **Faces do empreendedorismo inovador**. Curitiba: SENAI/SESIIEL, v. Coleção Inova - Volume III, 2008.

PÓVOA, L. M. C. A crescente importância das Universidades e Institutos públicos de pesquisa no processo de catching-up tecnológico. **Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. v. 12, n. n. 2, p. p. 273-300, 2008. ISSN n. 2.

_____, L. M. C. A crescente importância das universidades e institutos públicos de pesquisa no processo de catching-up tecnológico. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, maio/ago 2008. 273-300.

ROCHA, E. L. D. C.; BACCHI, G. A. **Ensino de Empreendedorismo nos Cursos de Graduação em Administração na Cidade de Fortaleza**: Um Estudo Comparativo dos Conteúdos e Instrumentos Pedagógicos. XXXIV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2010.

ROCHA, M. C. D. S. **Inovações Sociais - Programa INOVA**. Curitiba: [s.n.], v. 2, 2007.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria Do Desenvolvimento Econômico: Uma Investigação Sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1997. ISBN 85-351-0915-3.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da Inovação**. 3ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

UNPD. United Nations Development Program. **United Nations Development Program**, 2019. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>>. Acesso em: 04 Janeiro 2019.

WEFORUM. **The Global Competitiveness Report 2018**. World Economic Forum. Cologny/Geneva, p. 672. 2018. (ISBN-13: 978-92-95044-76-0).